GIZ
EDITORIAL

O LIVRO NA ERA DIGITAL

Todos os direitos desta edição reservados à editora.

Publicado por Giz Editorial e Livraria Ltda.
R. 24 de Maio, 77 - 10° andar - Sala 1001 A
Centro - São Paulo - SP - 01041-001
Tel: (11) 3333-3059 - Fax: (11) 3331-5764
Website: www.gizeditorial.com.br
E-mail: giz@gizeditorial.com.br

EDNEI PROCÓPIO

O LIVRO NA ERA DIGITAL

O MERCADO EDITORIAL E AS MÍDIAS DIGITAIS

GIZ EDITORIAL
São Paulo, 2010.

© 2010 de Ednei Procópio

Título Original em Português: O livro na era digital

Assistente Editorial: Juliana Barros
Comercial: Simone Mateus
Revisão: Sandra Garcia e Rosimar Rosário
Editoração Eletrônica: Equipe Giz Editorial
Impressão: Gráfica Vida & Consciência

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Procópio, Ednei
O livro na era digiral / Ednei Procópio. -- São Paulo : Giz Editorial, 2010.

ISBN 978-85-7855-103-2

1. Leitores eletrônicos de livros 2. Leitura digital 3. Livros eletrônicos 4. Tecnologia da informação I. Título.

10-08302 CDD-025.00285

Índice para Catálogo Sistemático
1. Livros digitais : Ciência da informação 025.00285

Dedico este livro ao meu mestre, mago dos livros eletrônicos,
Teotônio Simões, fundador da eBooksBrasil.org.

"... e o futuro é uma astronave que tentamos pilotar..."

Toquinho, em Aquarela

SUMÁRIO

Apresentação 11
A Revolução dos eBooks 15
Um Overview Inicial 23
A Transformação da Indústria Editorial
frente às Novas Mídias Digitais Interativas 33
O eBook em Três Partes 45
A Convergência em Hardware,
Software e Conteúdo 53
Os Dispositivos Eletrônicos Portáteis
Dedicados à Leitura 71
The Rocket eBook, o pioneiro 79
Um e-reader Europeu 85
Um e-reader Coreano 89
Os Livros Eletrônicos e os HandHelds 93
Tablet, o eBook Reader do Futuro? 101
E o Consumo dos demais Devices Portáteis? 117
Os Softwares Readers para eBooks 127
Os Diversos Formatos de Arquivos
dos Livros Eletrônicos 135
A Especificação OEB 141
A Opção pelo Open Source 145
Uma Nova Máquina de Ler 149

Autores dos Novos Tempos 155
Gerenciamento Estratégico de
Catálogo e Conteúdo 161
O Mercado Editorial Brasileiro em Números 179
A Internet Brasileira em Números 187
Painel Mundial dos Livros Eletrônicos 193
Por um Brasil Leitor 201
Glossário 215
Sobre o autor 229

Apresentação

Gilberto Mariot [1]

Minha primeira experiência com o "livro eletrônico" foi em 1995, quando adquiri, fascinado, um pequeno dicionário *Webster Eletrônico*. Foi uma compra por impulso numa daquelas viagens a trabalho. O pequeno aparato, muito semelhante a uma calculadora eletrônica, traduzia do inglês para o português e vice-versa. Mas o maior atrativo do pequeno aparelho era que ele "falava". É falava mesmo, tanto inglês como português, e neste último caso, com sotaque carioca.

Depois veio o Newton, da Apple, uma espécie de agenda eletrônica cumulada com livro eletrônico. Também comprei no impulso. A máquina tinha como principal atrativo o fato do usuário poder escrever, com uma "caneta" [na verdade uma pequena haste de plástico] em letras cursivas, diretamente na tela do equipamento. Depois ele convertia em letras gráficas, na fonte escolhida. Um avanço incrível naquele ano de 1998. Levei uma ou duas semanas para compreender que escrever era algo que já fazíamos com muito mais facilidade no papel. Acabei dando de presente a um amigo entusiasta.

Foi neste ambiente de grandes inovações tecnológicas, que coincidiu com a grande propagação dos livros distribuídos em CD-ROM, que comecei a estudar a matéria. Escrevi então um texto sobre o "fim do livro como conhecemos" que foi apresentado a uma banca examinadora de uma Universidade.

---

1. **Gilberto Mariot** é Advogado autoralista e especialista em direito das novas tecnologias

Creio que foi neste contexto que aprendi que, de fato, existia sim uma forte possibilidade de encolhimento do mercado de livros impressos em papel e que, existia também uma grande resistência a esta tese, tanto no mundo acadêmico como no mundo empresarial.

Os anos passaram e com o fortalecimento da Internet os projetos do livro eletrônico ficaram em segundo plano. Mas acompanhei o aparecimento do Rocket eBook e do SoftBook nos Estados Unidos e adquiri os dois modelos revolucionários que o autor vai descrever muito bem nas páginas que seguem.

Em meados de 2001 a tecnologia já estava bem madura, mas faltava um modelo de negócios que sensibilizasse os empresários do livro por todo o mundo. Depois, o livro de papel tem ainda um grande mercado em potencial e, é compreensível que o empresário ainda prefira trabalhar com algo que ele conhece bem e na sua "zona de conforto". Na verdade ninguém estabelecido quer ser "pioneiro", quando se trata de investir.

Foi mais ou menos nesta época e neste contexto que conheci o Ednei Procópio. Ele estava em um curso meu na Escola do Livro justamente sobre o livro digital. Era de longe o aluno mais interessado e também já conhecia muito bem o assunto. Impossível não destacá-lo dos demais.

Nos momentos extra-aula passávamos horas conversando e terminado o curso, por muito tempo, acompanhei sua trajetória.

Sua determinação é quase obsessiva e sua crença nas possibilidades do livro eletrônico beira a fé. Talvez possamos chamá-lo de evangelista dos livros digitais. É uma fonte segura de informação, pois é estudioso disciplinado e já testou, na prática, todas as possibilidades de cada tecnologia, de cada modelo, de cada projeto.

Editor, conhece bem o negócio do livro. Especialista em tecnologia conhece bem os meandros da transformação do "códice" ao "e-reader" e sabe muito bem como funciona o mercado e suas forças.

Fiquei feliz quando me comunicou que estava publicando este livro e lisonjeado quando me convidou para escrever esta apresentação. Li com voracidade suas páginas e foi quase uma viagem no tempo. Achei que conhecia tudo sobre o assunto, mas aprendi muito sobre os bastidores do "livro eletrônico".

Ednei Procópio escreve como conversa. De forma simples e direta. Às vezes seu texto é irônico, mas na maior parte das vezes direto

e objetivo como é seu jeito de ser. Impetuoso e apaixonado pelo tema descreve as dificuldades de convencer o empresário do mercado editorial brasileiro, que é muito conservador, e não poupa críticas aos mais reacionários.

Este livro é uma homenagem a um tema que voltou a pauta do dia, depois de dez anos de silêncio. Um presente para os curiosos, um manual para os profissionais do livro. É também um balanço de uma década em que o Ednei passou estudando, repetindo, doutrinando, esclarecendo, e, é claro, dando murros em ponta de faca.

A Revolução dos eBooks

O porquê deste livro

A maioria dos assuntos e temas apresentados neste livro já havia sido abordada por mim em textos e artigos publicados na Internet, nos últimos dez anos, no Website eBookCult. E eu pretendia continuar escrevendo mais textos sobre o assunto quando me ocorreu algo.

Com o lançamento do tablet da Apple, o iPad, eu percebi que os agentes da cadeia produtiva do livro — incluindo aqui a imprensa, em particular — estavam ligeiramente equivocados quando diziam que o conceito trazido pela máquina de Steve Jobs era inovador. A imprensa, de um modo geral, não acertava ao dizer que o tablet era uma novidade, e equivocava-se ainda mais ao comparar o *device* da Apple com outro equipamento, de outra categoria de produtos completamente antagônica, o e-reader [como são conhecidos os aparelhos de leitura de livros em tela] Kindle, da pontocom Amazon.

Se hardwares como o Kindle sobreviveriam à nova onda de tablets como o iPad ou projetos semelhantes aquele descontinuado iSlate da HP, entre outros, como o projeto da Asus, eu não poderia contestar ainda, mas o fato é que ambos os equipamentos fazem parte de duas categorias distintas de produtos de consumo para a leitura. Uma é voltada especificamente para o consumo de mídia, a outra para a leitura de livros.

Tentando demostrar aos agentes da cadeia produtiva do livro os repetidos fracassos da indústria tecnológica, em tentar substituir o livro impresso pelo eletrônico, terminei então este livro no primeiro semestre de 2010, quando estava exatamente participando do 1º Congresso Internacional do Livro Digital no Brasil, realizado pela Câmara Brasileira do Livro e pela Imprensa Oficial, um importantíssimo evento divisor de águas.

Um pouco antes, li numa chamada para esse mesmo congresso que "*o livro digital é um assunto novo*". O que naquele momento já não era uma verdade ou um fato, uma vez que a empresa californiana NuvoMedia, por exemplo, havia lançado o Rocket eBook [o primeiro e-reader da história a ser verdadeiramente comercializado], em 1998. E naquela época, lá atrás, o produto já enfrentava concorrência de outro e-reader, com uma versão colorida, semelhante até ao iPad da Apple, comercializado em 1998 pela empresa SoftBook Press.

Assim sendo, e, portanto, voltando no tempo, em dezembro de 2002, fabricantes como Fujitsu, Toshiba, Acer e Compaq apresentaram, oficialmente, suas respectivas versões de tablets. E, por incrível que isso possa parecer, também não era a primeira vez que o conceito dessa nova categoria de produto efetivamente surgia no mercado. De qualquer maneira, a empresa Microsoft Corp., na época uma das maiores aliadas dos eBooks no mundo, aproveitou a oportunidade para anunciar uma nova versão do seu aplicativo de leitura, o MS Reader, para a plataforma então conhecida como Tablet PC.

Ou seja, além de já haver o conceito de tablet dez anos antes do lançamento do iPad da Apple, já existiam também softwares ou alpicativos de leitura de livros digitais para os tablets, entre eles o Zinio Reader e MobiPocket Reader, melhores do que os que estavam sendo disponibilizados no início de 2010 [como era o caso do aplicativo iBook, para rodar no iPad e do Stanza, para rodar em smarts como iPhone].

Os pioneiros

Michael Hart [que eu considero o inventor do livro eletrônico] fundou o Projeto Gutenberg, no início da década de 1970. Então, no início de 2010, enquanto todos discutiam sobre os livros digitais, por causa do Kindle, da Amazon e do iPad, da Apple, eu me perguntava:

quanto tempo antes do nascimento de serviços como o Google Books, o site idealizado por Hart já contabilizava milhares de títulos eletrônicos em várias línguas para rodar em qualquer reading device?

A Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro da USP, só para citar um exemplo nacional, foi criada em 1996. A eBooksBrasil.org, outra base de eBooks em português, foi ao ar em 1999. O eBookCult, em janeiro de 2001.

Lembrou-me até aquela música do Cazuza: "*Eu vejo o futuro repetir o passado, eu vejo um museu de grandes novidades*".

Continuando meu raciocínio sobre o "velho" e o novo, em maio de 1999, editores internacionais se reuniram na BookExpo America para discutir o tema livro eletrônico. Eu acompanhei o evento, e o consenso, na ocasião, era de que os eBooks precisavam primeiramente cair no gosto do público, para que as editoras começassem a investir "seriamente" num mercado que poderia não emergir.

Simplesmente um erro.

Portanto, o livro digital, mesmo em 2010, não "é um assunto novo", não. Nem sequer é uma questão deste início de século. Já é um assunto do século passado, embora o mercado, em si, só esteja se iniciando agora. E a questão toda que estava sendo discutida naquele momento [em que eu resolvi lançar este livro] não nasceu com o Kindle, muito menos com o iPad.

Este tipo de constatação, que "*o livro digital é um assunto novo*", parece ser o sintoma de algo recorrente no mercado editorial, e parecia estar sempre de frente para algo que não abalaria as estruturas do livro impresso, enquanto a indústria de tecnologia ia devorando, pelas bordas, o mercado de livros.

Assim, está mais do que na hora de o mercado editorial acordar para uma realidade que é inexorável ao livro. E como parece que esse mercado só leva a sério o que está impresso num papel, resolvemos lançar uma versão impressa dos meus artigos.

Distorcendo o passado

No final de 2009 e início de 2010, os livros digitais eram a pauta recorrente da imprensa. E diversos fatos estavam sendo simplesmente dis-

torcidos. Por exemplo, não era um fato que o Website *Gato Sabido* era a primeira eBookStore brasileira, porque a primeira eBookStore brasileira foi aquela lançada pela empresa iEditora, durante a 16ª Bienal Internacional do Livro de São Paulo, no ano 2000. Do mesmo modo que, também no início dos anos 2000, já havia um botão [ícone] "eBook" no menu dos sites Amazon, Barnes & Nobles, e até dos nacionais Nobel e Livraria Cultura.

No final de 2009 e início de 2010, Pedro Hertz — dono da Livararia Cultura — deu uma declaração à imprensa dizendo que a livraria fechava parceria com uma empresa americana para comercializar eBooks, no site da sua livraria online [algo que ocorreu no final do mês de março]. Então, só para constar: esta seria a segunda tentativa da Livraria Cultura com os eBooks, assim como o lançamento do Kindle não era a primeira tentativa da Amazon neste mercado. O lançamento do iPad não era a primeira tentativa do mercado de tecnologia em se empenhar a fazer dar certo o conceito tablet [a própria Apple já havia tentado fazer algo parecido com o lançamento de um equipamento chamado Newton em 1998]. E a Barnes & Nobles não acumulou, até aquele momento, cerca de 900 mil títulos em versão digital do dia para a noite.

Resolvemos publicar este livro porque o mercado editorial parece ter uma memória fraca ante a aparente perenidade do livro digital. Mas o tempo não para, e a Câmara Brasileira do Livro – CBL – tentou alcançar certa notoriedade com o assunto, com a iniciativa do 1º Congresso Internacional do Livro Digital no Brasil, ocorrido no final de março de 2010. A CBL já havia tido uma iniciativa há anos, com um Grupo de Trabalho chamado CBLTech, do qual também fiz parte, para tratar do assunto. Mas o esforço em torno do tema só se intensificou, mais tarde, com a criação da Comissão do Livro Digital. Tal comissão já havia sinalizado, por exemplo, a possibilidade de utilizar o formato ePub para os livros digitais no Brasil. E eu acompanhei isso tudo bem de perto.

Enfim, apresento aqui um *review* de toda a história dos livros digitais no mundo, sempre focando três itens, que eu considerei centrais na questão produtiva do livro: hardware, software e conteúdo. O meu objetivo sempre foi o de tentar compreender os novos modelos de negócios dos livros, do ponto de vista das novas mídias digitais.

Espero demostrar que, com ou sem a adesão dos autores e editoras aos livros eletrônicos, este mercado nascente já era algo irreversível antes mesmo de se tornar moda.

De volta para o futuro

O propósito deste livro é, portanto, trazer um breve resumo do que está acontecendo com o mundo dos livros; as mudanças, com a interferência ou a influência da Internet e da World Wide Web, e uma apresentação das tecnologias existentes, que pretendem se estabelecer como padrão para a apresentação do livro de hoje.

Recorri a algumas centenas de páginas na Internet, diversas matérias de jornais e revistas, entre outros documentos mais específicos, para tentar encontrar uma síntese do que é o livro eletrônico e de como a matéria está sendo vista pelas partes envolvidas: os autores, as editoras, o leitor e os desenvolvedores de tecnologia.

Não pretendo aqui encerrar verdades. Existem diversas maneiras de enxergar o tema, as quais me sinto à vontade para mostrar ao leitor deste livro. São visões que ou tendem a aceitar o novo mundo tecnológico, em que nos encontramos, e a usufruir rapidamente de suas vantagens; ou visões que tentam mostrar os perigos de uma sociedade tecnocrata. Ambas, de certo modo, com visões únicas em si.

Os dispositivos eletrônicos de leitura, os possíveis padrões, as tendências, o livro e suas nuances, os direitos autorais, entre diversos perigos que rondam o novo livro, fazem parte de uma ampla discussão, que se torna tema para palestras, workshops, encontros etc. Entretanto, o que tento fazer aqui é encontrar um ponto em comum na discussão e mostrar aos interessados em prover conteúdo em formato eBook, enfim, o caminho das pedras.

Quando coloquei no ar os meus primeiros artigos sobre o tema, estávamos num carrossel de verdades e mentiras, onde as gravadoras e a banda Metallica diziam que não, e o Naspter e o artista Lobão diziam que sim. Isso só para citar algo que estava ocorrendo com o mercado fonográfico há algum tempo atrás, antes de virar clichê a tentativa de comparação entre o mercado de discos e o de livros. Hoje, o eBook, o DVD, o BlueRay e o MP3 Player são apenas formas novas que o ser humano descobriu e desenvolveu para continuar se comunicando.

O mercado, que provê conteúdo para estas mídias, e para outras que deverão ser desenvolvidas, tende a absorver rapidamente as novas tecnologias em forma de produtos, e a descobrir que o que importa na verdade é a democratização dos bens de consumo. No mundo capita-

lista, os livros são vendidos, são produtos de consumo, então o leitor ou usuário, tem o direito de acessar as novas tecnologias para livros, assim como ocorreu com a música.

Sabemos que o autor deve ter certa tranquilidade na hora de escrever suas histórias e compor os seus textos, e ao mesmo tempo tendo recompensas para escrever novas obras. Penso que o ideal é: enquanto o autor escreve, as editoras mantêm o cenário de processamento de livros, e o mercado, a dinâmica para levar os livros até o leitor. Acontece que o mercado vive de novas tecnologias; e uma tecnologia nova que foi desenvolvida para a distribuição de livros é o eBook.

Então, tudo o que temos é um cenário gigantesco e vasto de possibilidades para este novo mercado que se configura. Empresas sintonizadas [como a Amazon, o Google, a Barnes and Noble e a Apple, só para citar algumas] logo perceberam isso e tentam se impor para o que eu chamo de a Revolução dos eBooks.

A nova corrida do ouro ou a última nova bolha?

Pode ser o mercado e a Internet; o livro impresso e o eBook, a "corrida do ouro", como dizem alguns jornalistas. Mas aqui, nesta minha tímida pesquisa [fruto de um trabalho realizado durante dez anos], eu pretendo deixar registrado apenas um esclarecimento do que nós, autores e leitores, temos o direito.

Nós, do mercado editorial, podemos até tentar continuar fazendo vistas grossas. Podemos continuar ficar calados e quietos, se quisermos, e se nos sentirmos ameaçados por esta realidade imposta; ou dividir nossas expectativas com os nossos colegas do mercado editorial, se acharmos que os eBooks podem amenizar o problema de distribuição dos nossos livros, como vinha acontecendo.

A Internet, por exemplo, pode deixar algumas pessoas com medo e inseguras, ou deixar outras com a sensação de que não teremos mais governos totalitários [para citar aquela questão da presença do Google na China]. Imagine se existissem as salas de bate-papo na época da revolução estudantil?

O que queremos é um mundo livre e melhor; e os livros ainda nos deixam sonhar com isso.

E assim caminha a humanidade

Depois de tanto alarde acerca da grande rede global de comunicação [ainda com aquela sensação de que nem tudo foi mostrado e inventado] surgem, de verdade, ideias concretas para se trabalhar com toda a tecnologia disponível.

A tecnologia existe de fato, e é inegável que um grande número de artefatos tecnológicos [como a calculadora, o walkman e o discman, o celular, o organizador pessoal eletrônico, o bip ou minigame], ou seja, coisas feitas de átomos, já façam parte da nossa história. Mas agora chegou a vez do conteúdo. O contido já se mostrou capaz de armazenar milhares de informações, conhecimento humano e experiência etérea num espaçozinho invisível, chamado bit.

Passamos pela era Gutenberg, pelo desenvolvimento da imprensa, e chegamos aos eBooks, que simplesmente estão transformando o modo de ler os livros no mundo. É o texto eletrônico dando forma nova às histórias [com imagens, sons e viagens paralelas — links]. São milhares de letrinhas que, juntas, formam o pensamento da história humana, e que pode ser acessado de maneira muito rápida e prazerosa, num aparelho que cabe na palma da mão. Uma forma antes imaginada nos filmes de ficção científica e nos desenhos da Família Jetson, mas que só agora é possível, exatamente por causa da convergência pós-Internet.

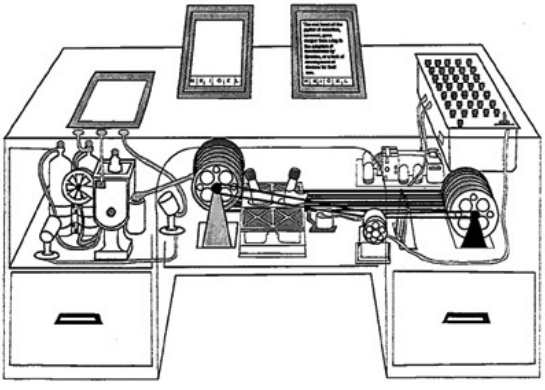
Talvez não haja nenhuma ruptura, e talvez tudo isso seja apenas a continuidade natural que deveria existir na evolução entre o texto manuscrito, impresso até o eletrônico.

No entanto, entre a cultura do manuscrito e a do texto impresso, o livro passou por diversas transformações, mas em toda sua história nada é comparado à Revolução dos eBooks. Para conhecê-la, você adquiriu este livro.

Seja bem-vindo à Revolução dos eBooks!

Um Overview Inicial

Em julho de 1945, no início da Guerra Fria, o Dr. Vannevar Bush [1890–1974], então Diretor do Departamento de Pesquisa e Desenvolvimento Científico dos EUA, escreveu um artigo para o periódico *The Atlantic Monthly*, intitulado "As We May Think". Neste artigo, além de descrever experiências junto a sua equipe de cientistas, empenhada no desenvolvimento de novas tecnologias paramilitares, o Dr. Vannevar Bush idealizou o que seria o primeiro protótipo de uma máquina de leitura, cujo conceito é muito próximo ao e-reader de hoje, o qual ele apelidou de MEMEX [do acrônimo MEMory EXtesion, que em inglês, ao pé da letra, quer dizer memória extensiva, mas que na prática queria dizer memória expansível, ou memória que se poderia expandir].



Esboço do dispositivo Memex proposto por Vannevar Bush em 1945

Tal máquina trazia consigo o conceito do acesso a uma teia com servidores de conteúdo informacional interligada, que claramente Bush considerava ser a biblioteca universal do futuro [e o que é hoje para nós a World Wide Web].

> "[...] *Desenvolvido de forma que seu conteúdo possa ser consultado com velocidade e flexibilidade, e seu poder de memória possa ser aumentado com um suplemento extra, o MEMEX é um dispositivo no qual um indivíduo poderá armazenar todos os seus livros, registros e comunicações* [...] *Conteúdos de jornais, livros, revistas e artigos poderão ser acessados ou comprados a partir de um grande repositório de informações*", descreveu Bush na ocasião.

Baseados neste conceito, alguns livros de ficção científica foram escritos, assim como alguns filmes, produzidos. O mais interessante é que a ideia se tornou realidade: no ano de 1998, duas empresas envolvidas com a indústria editorial, a empresa SoftBook Press [de Menlo Park] e a NuvoMedia Inc. [de Palo Alo], lançaram respectivamente os e-readers **SoftBook Reader** e o **Rocket eBook**, dois dispositivos eletrônicos portáteis, capazes de armazenar em formato digital em média até 5.000 mil páginas de livros [com textos, gráficos, ilustrações e figuras]. Ou seja, uma verdadeira biblioteca digital portátil, tal qual descreveu Bush em 1945.

SoftBook, da 1º geração de e-readers

Porém, antes mesmo desta tentativa da empresa NuvoMedia Inc., nas décadas anteriores a 1990, diversas experiências haviam sido feitas para tentar colocar em prática a ideia de uma biblioteca digital portátil. Projetos como o Victorian Laptop, o DEC Lectrice Virtual Book [conhecido por XLibris] e o Dynabook, da empresa japonesa Sony, entre outros da mesma empresa, como o Eletronic Book Player modelo DD-10EX de 1993 [conhecido também como Data Discman], contribuíram para amadurecer a ideia dos hoje conhe-

cidos e-readers. E, diante disso tudo, surgia uma nova forma de o livro se apresentar.

Entre os projetos e protótipos de e-readers, anunciados durante algum tempo em que se acreditava que os produtos cairiam no gosto popular, estava o EveryBookDedicated Reader, Sony Data DiscMan, o protótipo GlassBook Reader, AlphaBook, Go Reader, Q-Reader, AONEPRO Reader, Librius (Millennium eBook), entre outros.

Contudo, com aproximadamente 1.800 anos de vida, o livro já passou por diversas transformações anteriores. Das cavernas ao papiro, entre gravuras em barro seco ou frases escritas em peles de animais, o livro evoluiu com tecnologia própria, e as mudanças que ocorrem com seu formato neste momento já não são novidades.

No início, por exemplo, as histórias do homem eram levadas ao público oralmente. Com a invenção da escrita, no entanto, este tipo de comunicação foi transcrito para a pedra ou para o rolo, evitando que muito do pensamento humano se perdesse no tempo.

No século II da nossa Era, surgiram os cadernos, conjuntos de folhas unidas, bem mais simples de usar e armazenar informações que o rolo. Depois, os mesmos cadernos, que já revelavam como seria o livro em seu formato clássico, tiveram uma grande revolução de desempenho, quando da invenção da imprensa por Gutenberg [1400–1468], no Ocidente, não precisavam mais ser manuscritos, mas impressos em quantidade. Sendo, assim, acessados por um número maior de leitores.

Johann Gutenberg (1400-1468), inventor da imprensa.

Chegando aos dias atuais, a revolução dos eBooks possibilita democratizar o acesso à leitura a um nível ainda mais abrangente e de uma maneira extraordinária. Centenas de livros e documentos importantes, e muitas vezes dispersos, podem ser acessadas com um simples clique.

Electronic Book

Batizada de **eBook** [do acrônimo **e**lectronic **Book** — em português, livro eletrônico], a tecnologia tem múltiplas funcionalidades que permitem, entre outras tarefas, o acesso instantâneo a milhares de documentos digitais, e vem de encontro às ideias de muitos escritores e editores, de fazer seus textos chegarem a um número máximo de leitores.

> Entre as diversas empresas mundiais envolvidas com o desenvolvimento tecnológico dos primeiros e-readers [na primeira geração do produto] estavam a HP, OverDrive Inc., Samsung, IBM, Xerox Corp., RCA, Toshiba, Thomson, Gemstar, MIT, NIST, E-Ink, Bell Labs, Philips, entre outras companhias menores.

Entre as características mais interessantes nos e-readers [tanto nos hardwares quanto nos softwares ou aplicativos, da primeira e segunda geração] estão:

» **Marcadores de página** e busca rápida dessas marcações;
» **Bloco de anotações** [excelente para não se esquecer daquele trecho importante que o professor citou em sala de aula e que pode cair na prova];
» **Controle ajustável de luminosidade** [backlight de alguns equipamentos que permite ao leitor ajustar a intensidade de luz de fundo, assim pode-se ler em qualquer lugar. Importante para os olhos mais sensíveis. O leitor pode, por exemplo, ler aquele romance de terror ou de suspense do Stephen King, no escuro];
» **Controle de brilho** e contraste [no caso das telas com backlight];
» **Dicionário** em várias línguas; basta apontar uma palavra na tela [naturalmente, sensível ao toque], e o e-reader traz o seu significado [o link vem de outro título também instalado no sistema];
» **Busca** por palavras ou frases no texto [ideal para documentos técnicos, como os de Legislação e Direito];

» O sistema dos e-readers permite ainda **sublinhar** ou marcar um trecho importante em um texto, podendo, quando quiser, apagar a marcação;
» **Ajuste de tamanho e tipo das fontes** utilizadas, para melhorar a legibilidade;
» **Base giratória de leitura** [orientação: retrato e paisagem], usada para textos especiais, como os dos jornais ou revistas tabloides, que podem ser lidos na horizontal;
» **Acesso às livrarias** [eBookStores] ou **Bibliotecas Digitais**, com a possibilidade de aquisição de obras gratuitas, impensado no modo real: mais de 300 mil títulos gratuitos, somente em língua portuguesa, e centenas de *best-sellers* e clássicos antes esgotados;
» Possibilidade de **criação de biblioteca pessoal** com as ferramentas de sistema;
» O leitor pode também **publicar seu próprio eBook** importando documentos pessoais e da Internet, usando também as ferramentas de sistema;
» **Grande capacidade de armazenamento** de arquivos de textos [cerca de 250 mil páginas em média, incluindo gráficos];
» **Memória expansível**;
» **Tamanho de um livro de papel**: 14x21, em média;
» Compatível com **níveis de segurança** [criptografia] exigido pelos detentores de conteúdo;
» **Baterias duradouras**: de 20 a 40 horas em média;
» **Compatibilidade** com PCs, Linux e MACs;
» **Peso** médio: 300 gramas.

Tecnologia em hardware e software

Para acessar uma obra digital, o leitor precisa de um software ou aplicativo especial chamado reader. Geralmente distribuído gratuitamente na Internet, no caso da Apple Store alguns são pagos. Com o software de leitura pode-se ler um livro digital em um micro de mesa, laptop ou notebook [usando, por exemplo, o Adobe Reader da empresa Adobe Systems]; em computadores pessoais de bolso [como os pionei-

ros HandHelds e PalmTops]; ou mesmo outros devices portáteis, usando o MS Reader ou o MobiPocket Reader [que são softwares da primeira geração de readers] e o Stanza, da segunda geração de softwares, entre outros que ainda serão considerados neste livro.

Desde o início, o emergente mercado de livros eletrônicos sofreu por não ter um único formato padrão utilizável, como ocorreu com a música e o seu formato MP3. Mesmo com a eminente tentativa da difusão do formato ePub, criado em 1999, entre os primeiros formatos de arquivos digitais criados e que poderiam conter textos, imagens e sons e compor um eBook, estavam:

» KML [HieBook Reader]
» LIT [MS Reader]
» PDB [MobiPocket Reader]
» PRC [que rodava no antigo Palm Reader]
» PDF [Adobe Reader]
» RB [Rocket Edition]

Mas, independentemente do formato [existem dezenas de outros] e do software de leitura, entre os suportes onde os livros em versão digital podem ser acessados e lidos estão os desktops, notebooks, laptops, netbooks ou Webpads, tablets, computadores de mão [dos quais se destacam os primeiros a serem desenvolvidos, os PalmTops, HandHelds, PDAs e Pocket PCs], além dos celulares e/ou smartphones. Eu vou repetir isso ao longo do livro, com o objetivo de ajudar alguns profissionais do mercado, avessos a tecnologia, a decorar os termos e opções.

Para acessar uma obra digital, o leitor também pode optar por um e-reader, aparelho específico, especialmente preparado e dedicado à leitura, como os *devices* da primeira geração Rocket eBook, SoftBook, o eBookMan, o MyFriend, o LIBRIé [da Sony] ou o CyBOOK [atual Bookeen], entre outros da segunda geração, como o Kindle, o Nook, QUE ProReader etc.

Os principais e-readers da primeira geração e que abriram espaços para os mais modernos são:

» **Rocket eBook**, e-reader pioneiro, desenvolvido pela publisher NuvoMedia Inc.;

» **SoftBook Reader**, com LCD grayscale e colorido e sensível ao toque, desenvolvido pela publisher SoftBook Press;
» **MyFriend**, protótipo de um e-reader apresentado pela empresa italiana IPM-NET, então em parceria com a Microsoft, e que prometia vir equipado com o software MS Reader e com uma tecnologia de legibilidade chamada ClearType;
» **LIBRIé**, da japonesa Sony, antecessor dos atuais modelos Sony Readers, desenvolvido em parceria com as empresas E-Ink e Philips;
» **CyBOOK**, desenvolvido pela francesa Cytale [chamado Bookeen, na sua segunda geração];
» **HieBook**, desenvolvido com tecnologia XML [base do formato ePub] pela empresa Korea eBook;
» **eBookMan**, da empresa Franklin [até então especializada em dicionários e bíblias digitais];
» **ReB 1100**, que foi comercializado e distribuído pela RCA, nos EUA [baseado no projeto do Rocket eBook];
» **Sigma Book**, protótipo de e-reader desenvolvido pela Panasonic;
» **SD-Book**, projeto desenvolvido pela Toshiba;
» **MEMEX**, conceito de máquina de leitura idealizado por Vannevar Bush, em 1945;
» **Dynabook**, conceito de máquina de leitura idealizado por Alan Kay para a Sony;

Todos esses equipamentos pioneiros não vinham com um modelo de negócios que contemplava toda a cadeia produtiva do livro. Todos eles foram apresentados, ou antes, ou no início da Internet, e, portanto, são projetos de e-readers que não conseguiam e não podiam prever todas as mudanças apontadas pela rede no mercado editorial.

eBookMan

Mesmo sem uma padronização dos aparelhos e dos softwares para livros eletrônicos [e mesmo antes de o Kindle se tornar uma espécie de tendência comercial], o leitor já podia levar suas obras preferidas, e mais algumas dezenas de documentos digitais importantes, em viagens,

para a escola, para o curso, no metrô, no ônibus, no parque, e até nas intermináveis filas cotidianas.

Na base tecnológica dos hardwares dos e-readers estão os seguintes principais componentes básicos:

» LCD
» Bateria
» Sistema operacional [com o aplicativo de leitura] e
» Memória

Livros sob demanda

Acessando as livrarias virtuais [eBookstores], um leitor pode adquirir um livro inteiro, em capítulos ou em partes, através de um conceito chamado **Books on Demand** – literalmente, *livros sob demanda*. Isso significa que o autor e o editor também [com]partilham o direito autoral sobre uma única poesia, um único conto, ou mesmo um artigo técnico que possa ter sido escrito para uma publicação especializada. Esse artigo pode ainda ser simples e linear, ou inteligente em hipertextos e conter dados adicionais como links, imagens e até sons que, certamente, vão ajudar a ilustrar os pensamentos do autor no texto.

A tecnologia **PDF** [Portable Document Format, ou Documento em Formato Portátil], por exemplo, também se utiliza exatamente deste conceito, uma vez que a Adobe Systems, sua criadora, tem ao seu dispor praticamente todas as casas publicadoras que utilizam softwares de autoria na diagramação de publicações [por exemplo, o Adobe Acrobat, o velho, mas eficiente PageMaker, cuja última versão lançada pela empresa no mercado foi a 7.0, e o programa de última geração InDesign, dotado com tecnologia SGML e XML].

Digital rights management

Para somar poder aos novos paradigmas de leitura, surgem novos conceitos que prometiam ajudar no repasse de direitos autorais entre editores e autores, de uma maneira talvez mais eficiente, porém menos segura que o método tradicional. Nascido com a Internet e conhecido como **DRM** [Digital Rights Management], trata-se de um método avançado de gerenciamento de direitos autorais que trabalha a conscientização do leitor, em conjunto com tecnologias de criptografias para arquivos.

O DRM tradicional pretendia intimidar a pirataria, mas certamente não acaba com ela, apenas tenta guardar todos os direitos autorais sobre um documento eletrônico. Há diversos níveis de segurança em acervos de eBooks, seja em eBookStores, como é o caso da *www.amazon.com*, por exemplo, ou mesmo em Bibliotecas Digitais, como é o caso da Biblioteca Virtual da editora Pearson Educations.

Estamos em um novo caminho, sem dúvida. O acesso à informação está cada vez mais rápido e automático. Os eBooks podem trazer benefícios para os escritores e editores, e, principalmente, para os leitores. Por se tratar de documentos que eliminam o oneroso custo do papel e da logística, os conteúdos para os eBooks podem ser de 30 a 50% mais baratos, dependendo da negociação com a nova cadeia que se apresenta.

Todos esses assuntos serão tratados com mais afinco nos próximos capítulos deste livro; sei que isso tudo pode criar um grande atrativo de consumo e um mercado novo; sua eficiência e legibilidade podem trazer uma enorme contribuição para a educação, alfabetização e um fortalecimento da cultura e do ato de ler.

O céu é o limite

Diversas ideias foram contribuindo para tornar possível a democratização da leitura. O MEMEX, idealizado lá atrás por Bush, é hoje o eBook Reader, um dispositivo simples, usado para acessar informações e contribuir com a disseminação do conhecimento mundial.

Até a década de 1960, quando o homem ainda não havia pisado na Lua, dezenas de jovens, acompanhados por cientistas como o Dr.

Bush, engajaram-se em pesquisas a fim de desenvolver foguetes para as grandes conquistas espaciais.

No norte dos EUA, por exemplo, alguns desses jovens ficaram conhecidos como Rocket Boys. O e-reader pioneiro, o Rocket eBook, levou esse nome em homenagem ao sonho do homem em conquistar o espaço.

E nós estamos aqui, envolvidos em outra grande conquista, a de levar os livros, eletrônicos ou não, para todos os que querem ler; com a vantagem de não precisarmos estar envolvidos em nenhuma Guerra Fria.

A Transformação da Indústria Editorial frente às Novas Mídias Digitais Interativas

Será que o livro, no formato que o conhecemos, realmente acabou? A minha convicção depois de mais de dez anos pesquisando o assunto é que não. O livro como conhecemos não acabou. O livro apenas está evoluindo, como é de se esperar, para os novos suportes ou plataformas tecnológicas. Mas o livro continuará a existir, não importa se em uma tela de E-Ink ou impresso em papel.

Dito isso, vamos adiante.

A emergência de inúmeros modelos de leitores eletrônicos [e-readers da segunda geração] parecia querer sinalizar o fim do livro em formato papel. É o caso do device Nook, da Barnes & Noble [a maior cadeia de livrarias no mundo]; a versão internacional do device Kindle, da Amazon; ou mesmo de outros dispositivos como os da família de e-readers da Sony, que conta com uma versão com tela de sete polegadas e conexão 3G, voltado para jornais e revistas, além de um modelo de seis polegadas, com tela sensível a toque, sem contar inúmeras versões de fabricantes menos conhecidos [principalmente equipamentos chineses].

A promessa que esses players mais modernos oferecem é atraente: portabilidade; capacidade de armazenamento de incontáveis títulos em um mesmo dispositivo, incluindo aí a capacidade sem par de indexação das informações contidas em uma obra; abertura para conter as anotações pessoais do leitor, entre outras ferramentas que se convertem em vantagens, se comparadas ao livro em sua versão em papel.

Fosse apenas o caso da transição da leitura para o suporte eletrônico [hardware], não seria tão problemático, uma vez que os modelos estabelecidos de produção, promoção e distribuição se manteriam para os livros em formato digital, do mesmo modo como acontece com os livros em formato papel [embora, claro, muitos agentes da cadeia produtiva tenham o seu papel alterado].

Contudo, esta mudança é apenas parte de uma revolução tecnológica mais profunda e que agora também ocupa o espaço dos negócios dos editores porque pode ameaçar o modelo editorial convencional.

Mas essa preocupação se justifica?

É fato que a revolução da tecnologia, associada à evolução da Internet, democratizou o acesso aos meios de produção. A emergência de Blogs e outras formas de manifestação criativa, por meio das redes sociais, como o Shelfari [pertencente à Amazon], por exemplo, fez a ponte entre os autores e leitores potenciais. Foi aí que surgiu o verdadeiro desafio.

Se a disseminação de novas obras se tornou possível, por outro lado, o hábito do leitor mudou, em alguns casos usando a tecnologia para subverter o circuito convencional de consumo dos livros. E se a palavra que veio à sua mente é pirataria, acertou em cheio.

O fantasma da pirataria

Tomemos como exemplo a ansiedade galopante dos fãs da série *Harry Potter*, que durante algum tempo fazia surgir versões traduzidas dos livros em novos mercados antes mesmo que as versões oficiais da saga fossem publicadas. Isso sem falar nas chamadas *fan ficcions*, em que textos dos próprios leitores foram criados para saciar ainda mais o desejo do chamado *fandom* em torno da franquia.

Ou seja, os próprios leitores, em sua maioria usuários conectados à rede, passaram também a criar histórias de seus personagens favoritos e a compartilhá-las na Internet com os demais fãs desta e de outras séries.

Para quebrar este circuito e também evitar perda de vendas, a Editora Bloomsbury Publishing Plc passou a ter de lidar com o sigilo e a logística de lançamentos em escala global.

Mas o outro tipo de pirataria praticado por leitores não é o único no cerne das preocupações da indústria livreira. Antes, é no desvão da

gestão de direitos de propriedade que está o grande desafio. Serviços como o Google Books, que indexam milhões de livros [através da crescente digitalização], representam um enorme desafio para o mercado.

É bem verdade que os donos dos direitos sobre livros, autores e editores possuem gerência sobre a publicação ou não de partes ou da íntegra dos textos na rede para leitura gratuita. Só que, fora o serviço do Google, existem ainda outros serviços em que esse respeito não está tão claro, como eMule [*www.emule-project.net*] e o Scribd [*scribd.com*].

No Scribd, para explicitar o exemplo, não é difícil encontrar cópias não autorizadas de obras de qualquer país ou autor, inclusive obras de brasileiros, em que pese ser um serviço amigável para divulgação de documentos em vários formatos, como compêndios técnicos ou manuais. No afã de oferecer um serviço diferencial, sites como este agem muitas vezes às margens do mercado editorial, subvertem o respeito ao direito autoral e criam bancos de dados de livros piratas, o que nivela a indústria livreira ao drama vivido por produtores de filmes ou da indústria musical.

Os textos e livros são postados no citado Scribd pelos próprios usuários, portanto, serviços desse tipo se tornam mais corrosivos ao mercado editorial do que aquele oferecido pelo próprio Google, pela Amazon ou Apple.

Modelos conexos

Já que mencionamos a indústria musical, é o caso de falar de alguns experimentos bem-sucedidos, enquanto modelos de negócios para distribuidores de conteúdo, como é o caso da loja iTunes, da citada Apple, que criou uma associação de banco de dados de músicas, que poderiam ser vendidas por preços acessíveis, por faixa, para tocadores específicos.

Ou seja, o iTunes conseguiu popularizar o MP3 comercial, não pirata, a um preço acessível para o usuário ou consumidor final.

Ainda como exemplo de modelo de negócios no ramo musical, há o caso da OviStore, da Nokia, que tem praticado uma estratégia diferente: há a venda de faixas individuais e álbuns, mas na venda de alguns celulares "premium", o consumidor pode baixar quantas músicas

desejar, por um período, que em alguns casos é de um ano. Como é feita a remuneração dos músicos neste caso, ainda é incerto, mas as músicas são protegidas por direito autoral. Enfim, são modelos como esses que devem ser avaliados pelo mercado de livros.

No caso da App Store, há um caso análogo, que é o da Amazon. A grande varejista virtual apostou na venda de livros em formato eletrônico para o device eletrônico, também por ela comercializado, o Kindle, e que, mais tarde, se expandiu para uma versão internacional, um outro com tela maior, e até com uma plataforma que pode ser adquirida em mais de 250 países no mundo todo.

Particularmente, depois de testar pessoalmente dezenas de e-readers, ainda considero o Kindle, de longe, o mais fraco de todos os devices — pelo menos nas primeiras versões dele. E considero o modelo de negócio da Amazon, para livro eletrônico, também algo ainda irreal, pelo menos para o mercado editorial brasileiro em 2010. Pode ser que evolua. Considero que, pelo menos por enquanto, não serve. A plataforma Google Books parece fazer muito mais sentido para nós. O que precisávamos era de uma plataforma para um modelo internacional.

Mas, independentemente de minha opinião [e é quase impossível não expressá-la], é fácil reparar na apreensão do mercado editorial mundial em torno deste caso e também a falácia da imprensa em querer desmoralizar o mercado de livros em papel. Pois a sensação que passam é a de que a imprensa gosta [usando expressões populares] de ver o "circo pegar fogo" e, com isso, bagunçar todo o meio de campo. Mas esse é outro assunto.

Digital rights management sob fogo cruzado

Em julho de 2009, a Amazon apagou cópias do clássico da Ficção Científica "1984", de George Orwell, dos Kindles dos usuários que haviam comprado o título. A alegação na época era a de que a versão eletrônica do livro havia sido fornecida à sua loja virtual por uma editora [lê-se: um usuário qualquer] que não tinha autorização para comercializar obras de Orwell.

A Amazon, na ocasião, para compensar o fato, enviou um e-mail aos leitores afetados afirmando que eles seriam reembolsados por meio

de um cheque a ser enviado pelo correio. Até aqui, tudo bem. O mal-estar, no entanto, foi causado mesmo pelo apagamento dos arquivos sem a permissão dos usuários da livraria online, o que abriu um precedente sobre questões de privacidade envolvendo o Kindle e seus conteúdos.

Eu citei este episódio porque percebi que não é exatamente um problema que os livros eletrônicos podem trazer, mas o contrário: a facilidade de controle e gerência sobre um determinado conteúdo. Se a Amazon tivesse vendido a versão impressa do mesmo livro, ela poderia pedir o livro de volta para os seus consumidores?

É claro que não conseguiria os livros de volta.

Mas vamos supor que, naquela ocasião, a Amazon tivesse vendido aquela biografia proibida do cantor Roberto Carlos em versão eletrônica. Seria mais fácil para o juiz que determinou a retirada dos livros impressos das livrarias brasileiras mandar retirar também os livros de dentro dos devices? Eu, às vezes, me pergunto isso, porque a tal biografia proibida de Roberto Carlos está desde então disponível para download na rede em uma versão pirata.

O autor da obra, o historiador Paulo César de Araújo, quando soube que, após ter sido proibida, a sua obra estava disponível na rede, em versão digital e áudio, exclamou o seguinte:

"O livro está vivo!"

Enfim, os leitores do Kindle não precisavam da autorização da Amazon para ler o "1984". Basta entrar no site do Projeto Gutenberg [este sim o pioneiro de todos, é sempre bom lembrar] e baixar a obra.

E a minha conclusão é a de que apenas houve um processo mal conduzido dentro da Amazon, que culminou nesse fato, apenas isso. Mas é fascinante pensar e saber o quão fácil é gerenciar conteúdo de livros através dos equipamentos eletrônicos. Uma coisa é certa, o sistema de Digital Rights Management da Amazon parecia funcionar tão bem [que hackers como o israelense Labba não leiam isto], que até serve para apagar arbitrariamente os livros dos usuários como se fosse o próprio Big Brother.

Este caso é mais um indicador que explica por que ainda não existe um modelo seguro estabelecido para a venda de livros em meio eletrônico [embora a Amazon, o Google, a Apple e a Barnes & Noble

e até a Borders venham tentando isso]. Há tempos é possível comercializar livros com proteção contra cópia, no formato PDF, através da plataforma de publicação da Adobe Digital Editions, o que permitiria a leitura em computadores pessoais, por exemplo. O formato tem sido usado para a distribuição de livros que já caíram em domínio público. É o caso de vários títulos que podem ser encontrados na Internet.

Mantidos os modelos estabelecidos, é de se esperar que o livro eletrônico percorra o mesmo caminho de outros dispositivos digitais, ficando restrito a uma camada de usuários amantes de tecnologia [hard users], ganhando massa crítica aos poucos, conforme baixam os custos unitários dos equipamentos [como é o caso do Kindle, que bateu o próprio recorde de venda no Natal de 2009].

Mas e com relação ao conteúdo?

Conversão

Algo que o mercado editorial precisa avaliar sempre é a velocidade com a qual os livros estão sendo digitalizados. O nível de aprendizagem do consumidor está tendo uma curva cada vez mais íngreme e acentuada. Isso nos faz refletir sobre a rapidez com que o rádio, a televisão ou o celular passou a fazer parte da vida das pessoas, e a velocidade que irá prevalecer com relação à adesão dos livros eletrônicos.

Citando Kevin Kelly, autor do livro *Novas Regras para uma Nova Economia*, cerca de um milhão de livros está sendo escaneado anualmente. No Vale do Silício, a Universidade de Stanford digitaliza todo o seu acervo de oito milhões de títulos. Na China são digitalizadas 100 mil páginas por dia. O Google está digitalizando 10 milhões de livros por ano. Aproximadamente 10% de todos os livros atualmente impressos estarão digitalizados até 2014.

Comissão do Livro Digital

Ciente do desafio que enfrentaremos, a Câmara Brasileira do Livro conta com a comissão que está desenvolvendo estudos sobre a viabilidade e os impactos do mercado do livro digital no Brasil, bem como

aspectos operacionais e legais envolvidos. A Comissão do Livro Digital, da qual faço parte, já cogitou alguns caminhos, que em breve poderão ser finalmente usados pelo mercado. Como dito antes, um deles seria a adoção do padrão Open eBook da International Digital Publishing Forum [IDPF], conhecido como ePub, como forma de viabilizar ainda mais os negócios digitais de livros em nosso mercado. Algo que concordo, embora conheça as restrições de conversão e custos.

Mas, qualquer que seja o caminho, o que permanece é que o livro em papel ainda se mantém na preferência do leitor médio, seja pela familiaridade, pela comodidade e também pelo custo. Em seu livro *FREE*, o autor Chris Anderson, editor sênior da revista *Wired*, nos diz o seguinte:

> *"Os livros em papel representam um caso especial de mídia impressa da qual a forma física ainda é preferida pela maioria. Felizmente, a indústria de livros não está em queda... Enquanto os leitores continuarem a querer livros feitos de átomos, e não de bits, continuarão a pagar por eles."*

Convergência

Outro jornalista, em certa ocasião, perguntou ao Professor da USP, Luli Radfahrer, Ph.D. em comunicação digital, se os novos provedores de conteúdo ameaçam as mídias tradicionais. Eis a resposta:

> *"Não enquanto não houver um equipamento wireless [hardware] que receba informações [conteúdo] e que possa ser lido e manuseado como uma espécie de papel. O que mais se aproxima disso atualmente é o Kindle, mas mesmo assim é um modelo ruim. Enquanto isto não ocorrer e os provedores tiverem poder para imprimir informações em papel, eles não são ameaçados."*

Considero que, apesar de toda a confusão em torno do assunto lá fora, o professor esteja correto em sua colocação; mas o Kindle, em sua primeira versão ou edição, não é o equipamento que mais se aproxima do papel. Na verdade, o Kindle era um equipamento de segunda linha,

fabricado na China, cujos engenheiros e designers pareciam nunca ter pegado um livro na vida, tal a falta de comodidade e legibilidade do equipamento naquelas primeiras edições.

E para não parecer algo indelicado falar deste modo do equipamento da Amazon, gostaria de deixar registrado que um dos melhores equipamentos, da segunda geração, desenvolvido pelo emergente mercado, era o fabricado pela empresa iRex Technologies [www.irextechnologies.com]. A iRex disponibilizava, a princípio, antes de entrar em falência, cerca de três modelos de equipamentos, entre eles o iLiad Book Edition, que poderia muito bem substituir o suporte jornal a médio prazo. E sugiro também que os leitores deste livro deem uma olhada, se já não o fizeram, no device lançado pela Barnes & Noble.

Eu estudo os e-readers desde 1998, e até hoje não tinha visto um protótipo de e-reader tão bacana quanto o ALEX Reader, da empresa Spring Design. Estou falando de hardware agora e não de modelo de negócios. O device ALEX, inclusive, é muito parecido com o device Nook da Barnes & Nobles [a empresa Spring Design processou a Barnes & Nobles por quebra de patente].

É difícil saber quem copiou quem, mas o fato é que este ALEX Reader é o exemplo de um e-reader desenvolvido de modo perfeito. Uniu o E-INK sem *touch screen* para a leitura do livro na parte de cima [o que resolveu o problema recorrente de custos do equipamento, porque o E-INK com *touch screen* sempre teve um custo muito alto]; e outra tela com *touch screen* colorida, em baixo [o que resolveria o caso das capas coloridas dos livros e a simulação de uma biblioteca igual ao software Stanza, usado no iPhone]. Uma ideia simples, mas genial. Mil vezes melhor que aquela versão inicial do Kindle com 40 teclas.

O ALEX Reader roda o sistema operacional Android [leia-se Google], que é um OS open source, e logo quando foi anunciado já tinha disponível uma centena de aplicativos como o iPhone. Um deles é o aplicativo para livros eletrônicos que roda no Android OS também, o Aldiko, que considero um software reader sensacional. Um detalhe, o ALEX Reader sempre foi 100% compatível com o formato ePub. Para melhorar a convergência do equipamento, só faltava os engenheiros da Spring Design integrarem o e-reader ALEX diretamente ao Google Books. Porque o Nook da Barnes & Nobles foi lançado com uns 700 mil títulos digitais disponíveis [em março de 2010 tinha 900]. Bem mais

que os 270 iniciais da Amazon. Mas o ALEX não tinha conteúdo quando foi lançado.

Porém, penso que a questão dos eBooks não reside nos equipamentos disponíveis no mercado, que muitas vezes não cuidam do design como a Apple faz muito bem com os seus produtos, e que mais uma vez tentou demonstrar isso com o lançamento do seu tão alarmado tablet iPad; mas o problema reside na ausência de um modelo de negócio eficiente e que contemple o mercado editorial mundial [algo que fez Steve Jobs ficar uns dias sem dormir antes do lançamento do seu produto].

O hardware [aqui no caso tanto a tecnologia E-Ink quanto a commodity papel] sempre diverge enquanto suporte; mas o conteúdo sempre converge independentemente da plataforma. O sucesso do iPod estava no modelo de negócios da plataforma iTunes cujo conceito inclui um conteúdo integrado.

Diante disso, surge a questão: há uma síntese possível?

Sim. O segredo do sucesso dos livros eletrônicos enquanto negócio para o mercado editorial está na arte que converge o hardware, o software e o conteúdo. Quando houver um modelo de negócio para livros eletrônicos que consiga suprir esses três itens de modo qualitativo, aí sim haverá um modelo eficiente ao qual podemos confiar os nossos investimentos.

Previsibilidade

Eu prefiro sempre olhar para trás, ver o que deu certo e o que deu errado com os projetos de negócios que envolvem hardware, software e conteúdo para livros. E é o que eu farei nos próximos capítulos deste livro: olhar para trás para ver o que funciona e o que não funciona neste novo mundo. Às vezes, precisarei ser um pouco repetitivo, sempre com o objetivo de fixar a importância do concetúdo como item central dos modelos de negócios a serem criados.

Mas é certo que o futuro do livro eletrônico guarda infinitas possibilidades. Cogita-se, por exemplo, a adoção de telas coloridas e sensíveis ao toque, a exemplo de computadores de mão. Algo que pode fazer evoluir e-readers como o Kindle. Mas ainda não é possível pre-

cisar se isso de fato realmente irá ocorrer, porque quando se fala em E-Ink colorido, estamos falando de um custo que é praticamente 80% dos equipamentos. Mesmo havendo uma redução em torno de 20% no desenvolvimento de telas, não sabemos ainda se haverá mercado para equipamentos neste sentido. Percebam que é muito mais fácil vender um PSP, por conta de uma maior base instalada de usuários.

De qualquer modo, há a comodidade do uso acadêmico dos e-readers, em que enciclopédias e livros de referência podem ser facilmente armazenados num único suporte eletrônico, incluindo aí a leitura de periódicos técnicos ou mesmo de interesse geral, como jornais e revistas, que já cobram uma assinatura mais barata pelo consumo de versões eletrônicas. Seria a salvação para a imprensa, que sofreu com a queda de receita e o número cada vez menor de leitores e assinantes em papel; ao mesmo tempo que estes poderiam reduzir seus custos, eliminando o de impressão e distribuição de papel.

Não podemos nos esquecer da questão da democratização do acesso: se existe um abismo digital, diferenciando os que têm ou não acesso à tecnologia, há ainda o abismo entre os leitores e os que nunca manusearam um livro, ou seja, a digitalização poderia facilitar o acesso dos leitores, incluindo outras formas de interação ou o acesso a obras raras, como é o caso do projeto Brasiliana, que conta com mais de cinco mil títulos para consulta [doados por Midlin, antes de sua morte].

E há alguns escritores brasileiros que desde sempre se destacam nessa nova seara, como o prolífico Paulo Coelho, que colocou à disposição todos os seus novos livros para download gratuito na Internet, em vários idiomas. Prova que, neste novo caminho, ainda existe muito a explorar. Paulo Coelho é um dos poucos escritores brasileiros que desde cedo percebeu o potencial dos livros eletrônicos enquanto canal de divulgação para a versão em papel de suas obras.

Como editor, encaro os suportes digitais emergentes como quem fosse escolher entre um Pólen Soft 80 ou um papel Alta Alvura 75 gramas. Em alguns casos, um determinado conteúdo a ser publicado pode muito bem ser oferecido na plataforma iPhone, por exemplo, ou até mesmo em um PlayStation Portátil. Para nós, jovens editores, tudo depende da base instalada de usuários destes equipamentos. Um dos livros que minha editora, a Giz Editorial, publicou foi colocado à disposição inicialmente apenas nos formatos impresso e eletrônico, porém,

nós também publicamos o mesmo título no formato MP3. Ou seja, o mesmo livro, um mesmo conteúdo, em três formatos distintos.

O fato é que talvez tenhamos de reconsiderar não o eBook em si, mas todo o escopo de possibilidades de todas as mídias digitais como sendo o real concorrente ou uma real oportunidade de alavancar os nossos negócios editoriais. As mídias digitais, a meu ver, estão minando a atenção dos leitores e concorrendo diretamente com o pouco de tempo que os leitores poderiam dispensar especificamente para a leitura de livros impressos. Aí talvez percebêssemos que afinal o livro eletrônico não é uma má ideia.

O eBook em Três Partes

Até o momento levantamos, às vezes, de modo superficial, vários aspectos que rodeiam a questão dos livros digitais. A partir de agora, iremos um pouco mais fundo no assunto, tecnicamente falando, para poder esclarecer ainda mais para alguns profissionais. Esta parte do livro, por ser essencialmente técnica, pode ser lida mais tarde por aqueles que queiram neste momento saber mais sobre o mercado de um modo geral. Neste caso sugiro a leitura a partir do texto "Autores dos novos tempos". Para os que desejam realmente entender o que é um eBook, seguimos daqui mesmo.

Sempre com o objetivo de esmiuçar um pouco mais o tema para repensarmos os nossos negócios em torno do livro, para efeito didático e para responder de maneira simples a pergunta "o que é um eBook?", divido o assunto eBook em três partes:

» o software reader [aplicativo que auxilia na leitura do livro na tela];
» o dispositivo de leitura [o recipiente ou o suporte dos livros];
» o livro [o título em si ou a obra escrita];

I. O reader [software]

O reader é o software ou o aplicativo desenvolvido para auxiliar na leitura de livros nas telas de computadores de mesa, nas telas de computadores portáteis ou de bolso, ou na tela de dispositivos dedicados.

Sempre repito estes conceitos porque infelizmente ainda não existe um consenso sobre como os livros eletrônicos serão lidos. Então prefiro sempre citar a maioria dos dispositivos para que o agente da cadeia produtiva do livro possa perceber que as possibilidades são inúmeras.

Entre os primeiros softwares readers desenvolvidos [pois eles mudam sempre] estão o Adobe Acrobat eBook Reader, o MS Reader, o MobiPocket Reader, o PeanutPress Reader ou Palm Reader etc. Entre os softwares readers da segunda geração estão o Stanza, Aidiko, Iceberg, iSilo, entre tantos outros já citados aqui ou não.

Como este livro em versão impressa não é um periódico e sofre de *timing* natural na demora por novas edições, sugiro que o leitor acesse o site www.ebookreader.com.br para conferir as atualizações nesse campo.

Os softwares readers leem arquivos em formatos diferentes. Alguns readers leem formatos específicos e propietários, não leem formatos desenvolvidos por outras companhias ou empresas. Este, por sinal, é um dos entraves da aceitação dos livros eletrônicos por parte dos consumidores, embora algumas empresas façam isso propositalmente, algumas vezes não para monopolizar formatos, mas para criar segurança de conteúdo. Os melhores readers, no entanto, são aqueles que permitem a leitura de arquivos de livros eletrônicos baseados em formatos padrão compatíveis como HTML ou XML. Ou seja, em formatos baseados em especificações abertas, como é o caso do ePub.

Só para ilustrar como isso ocorre, a seguir temos exemplo de readers que permitem a leitura de arquivos de livros eletrônicos em diversos formatos:

» **Adobe Reader**: HTML [e derivados] e PDF
» **MS Reader**: LIT [baseado em HTML, XHTML, XML e OPF]
» **PeanutPress Reader ou Palm Reader**: PRC e PDB [baseado em RTF]
» **MobiPocket Reader**: HTML, XHTML, TXT, RTF, PDB, PRC [x-doc]

O aplicativo ou software reader é uma espécie de browser. Traz todas as facilidades dos navegadores da Internet e mais algumas ferramentas específicas para livros eletrônicos. Estas ferramentas são mecanismos que tornam a leitura mais eficiente e prazerosa. Entre elas:

» Possibilidade de criação de biblioteca pessoal;
» Acesso [direto e indireto] aos servidores de livrarias e bibliotecas virtuais, com a possibilidade de aquisição de obras gratuitas;
» Marcadores de página e busca rápida dessas marcações;
» Compatibilidade com níveis de segurança [criptografia] exigidos pelos detentores de conteúdo [DRM];
» Busca por palavras e frases nos textos;
» Alteração de fonte, para facilitar a leitura;
» Ferramenta para sublinhar trechos;
» Dicionário relacionado;
» Adicionadores de notas.

II. O dispositivo de leitura portátil [hardware]

Os softwares readers poderão ser instalados à escolha do leitor nos computadores de mesa [desktop], computadores portáteis [laptops, notebooks, handhelds] e também nos computadores de bolso [Pocket PCs, HandHelds, PDAs ou nos antigos PalmTops, que foram substituídos pelos smartphones, similares ao iPhone].

Entre as possibilidades de instalação dos softwares readers já citados estão:

» **Adobe Acrobat eBook Reader**: desktop, notebook, laptop, Pocket PCs e palm;
» **MS Reader**: em equipamentos móveis como os antigos Pocket PCs e desktop que rodam os sistemas operacionais da Microsoft [atualmente Windows Mobile];
» **PeanutPress Reader**: Pocket PCs, PDAs inicialmente baseados em WindowsCE [antecessor do Windows Mobile] e Palm [antecessor do WebOS];
» **MobiPocket Reader**: desktop [LINUX, Windows e MAC], PDAs baseados em WindowsCE e PocketPC, Palm, Psion e o eBookMan [o MobiPocket Reader sempre foi um dos aplicativos mais convergentes do mercado];

Os livros eletrônicos poderão ser lidos também em equipamentos desenvolvidos especialmente para leitura. São os conhecidos Reading Devices, eBooks Devices, ou simplesmente e-readers, aparelhos portáteis do tamanho e peso de um livro normal de papel.

Os principais Reading Devices da primeira geração e que não conseguiram compor um bom modelo de negócio para os livros, e para toda a cadeia produtiva do livro, são:

» Rocket eBook [da NuvoMedia]
» SoftBook Reader [da SoftBook Press]
» ReB 1100 [atualização do Rocket eBook]
» ReB 1200 [atualização do SoftBook Reader]
» eBookMan [da Franklin]
» MyFriend [eBook italiano]
» HieBook [eBook coreano];
» CyBOOK [da empresa francesa Cytale]

Entre os Reading Devices da segunda geração, que estão tentando mais uma vez conquistar espaço de consumo, estão:

» 1Cross Tech MIDhybrid
» Acer LumiRead
» ALEX eReader
» Asus DR-900
» BeBook
» Bookeen
» Braview
» COOL-ER
» COPIA
» eBook Technologies
» ECTACO jetBook
» Elonex eBook Reader
» enTourage eDGe
» eSlick Reader
» EZ Reader Pocket PRO
» Hanlin
» Hanvon WISEreader

O Kindle da gigante Amazon (acima) e Nook da Barnes & Noble (na página seguinte), uma batalha de titãs.

» iREX
» iRiver Story
» Kindle
» Lbook eReader
» Libre eBook Reader PRO
» Mentor
» Mix Leitor D
» Mobylize
» Netronix eBook Reader
» Nook
» Nuutbook
» Onix Boox 60
» Pandigital
» PocketBook
» Positivo Alfa
» QUE™ proReader
» Samsung E6 e E10
» Skiff Reader
» Sony Reader

Positivo Alfa,
o reader de marca brasileira

Outros tantos poderão ser conferidos no Website deste livro, em www.ebookreader.com.br. Segundo uma pesquisa, que eu mesmo realizei antes de terminar a edição deste livro, até o final de 2010 seriam cerca de 50 equipamentos diferentes, disponíveis no mercado para a leitura dos livros eletrônicos. O que demonstra o crescente interesse da indústria de tecnologia neste novo conceito de produto.

Os softwares readers geralmente vêm instalados de fábrica nesses aparelhos. Mas além das características imprescindíveis dos readers, os eBook Devices trazem outras características:

» Grande capacidade de armazenamento: milhares de páginas de texto e gráficos;
» Os melhores possuem tela [LCD ou não] *touch screen* [sensível ao toque];
» Permitem luminosidade ajustável: um backlight que permite ajustar a intensidade da luz no LCD do aparelho;
» Baterias duradouras;

» Base giratória [orientação];
» Peso mínimo de 300 gramas, para garantir portabilidade;
» Possibilidade de expansão da memória.

III. O livro [conteúdo]

O conteúdo é a parte mais importante entre as partes que compõem este novo cenário. O autor escreve ou digita seu livro de uma maneira bem simples, usando, por exemplo, o "Bloco de Notas" do Windows.

O autor pode, neste momento, enviar seu livro para uma ePublisher House [ou editora virtual].

Fora todo o processo editorial padrão já existente, que não se altera, com ajuda de linguagens como o HTML, XHTML, XML etc., o livro eletrônico [no caso de conversão para o formato ePub] passa por uma espécie de marcação [que pode ser manual ou automatizada. Neste processo estarão sendo construídos "objetos" que conterão informações de como o livro se mostrará ao leitor, na tela [com a ajuda do software de leitura].

Exemplo de livro "marcado":

```
<xhtml>

<livro>

<capa>
<ilustração><img src="ilustracao_capa.jpg" /></ilustração>
<nome_autor>Antonie de Saint-Exupéry</nome_autor>
<nome_obra>O Pequeno Príncipe</nome_obra>
</capa>

<miolo>
<capítulo n="1">Capítulo I</capítulo>
<ilustração><img src="ilustracao_1.jpg" /></ilustração>
<parágrafo>Certa vez, quando tinha seis anos, vi num livro sobre
a Floresta Virgem...</parágrafo>
```

```
</miolo>

</livro>
</xhtml>
```

O exemplo acima demonstra um trecho do livro *O Pequeno Príncipe* marcado com metadados. Este seria seu código fonte após ter sido marcado com a ajuda da linguagem XHTML. Arquivos, neste momento, terão o formato TXT, RTF, HTML, XHTML, OPF, XML etc. O mais correto, no entanto, é utilizar-se do formato ePub [tratado de modo mais claro mais a frente].

Softwares especiais conhecidos como publishers serão usados, a partir daí, para converter este documento em um livro eletrônico cuja linguagem o reader [o software especial de leitura] entenda.

Outro caminho também seria a utilização de software de autoria ou diagramação, como o caso do Adobe InDesign. Após ser convertido para livro eletrônico, o arquivo final do trabalho do autor poderá ter diferentes formatos, entre eles: RB, PDF, LIT, PDB, PRC, ePub etc.

O próximo passo é o livro passar por um processo de criptografia para poder ser administrado através de uma ferramenta de DRM. A partir daí, o livro estará disponível em um servidor na Internet. Livrarias ou bibliotecas virtuais o colocarão à disposição para o mundo.

Enfim, são três os principais itens que compõem o livro eletrônico: hardware, software e conteúdo. Para nós, editores ou produtores, o principal é o conteúdo. Em seguida, vem a questão da base instalada dos equipamentos; nós devemos perceber quais são os devices portáteis que estão nas mãos dos consumidores para poder distribuir o nosso conteúdo nesse equipamento mais convergente.

E, por último, temos de elevar o nível de interação dos nossos leitores através dos softwares de leitura, com a ajuda dos hiperlinks e de outras modalidades multimídia, conhecidos como enhanced books.

A Convergência em Hardware, Software e Conteúdo

Algumas razões me levam a crer que, num futuro bem próximo, o livro eletrônico vai ter seu lugar no mercado editorial e na indústria livreira, de um modo geral, como um modelo de negócio efetivamente lucrativo e rentável.

Essas razões são quase sempre tecnológicas, claro, pela influência direta da indústria de tecnologia no mercado editorial. Mas se não esbarrarem em outras questões mais abrangentes e naturalmente importantes, por exemplo, as questões socioculturais, de infraestrutura, de conexão, de liberdade de expressão, de acesso irrestrito à informação etc., certamente, num horizonte de cinco a 10 anos, nós teremos mais conteúdo atualizado e digitalizado pronto para ser acessado eletronicamente que em papel.

Dentre estas razões, eu separei as três principais, que considero fatores-chaves neste processo: hardware, software e conteúdo. Só que agora, neste capítulo, não as citarei do ponto de vista técnico, porém um pouco mais do ponto de vista do mercado.

Como dito anteriormente, considero que o segredo do sucesso dos livros eletrônicos enquanto negócio para o mercado editorial está na arte que converge o hardware, o software e o conteúdo. Enquanto não houver um modelo de negócio para livros eletrônicos que consiga suprir estes três itens de modo qualitativo, não haverá um modelo eficiente no qual possamos confiar os nossos investimentos.

O Hardware

O papel produzido a partir da celulose é um tipo de hardware, de suporte de leitura, e a tela de um dispositivo eletrônico de leitura também o é [não importa se é uma tela de LCD, E-Ink ou SiPix]. A questão que se colocava, até agora, é que ler livros na tela de um computador de mesa, por exemplo, era realmente lastimável. Na tela de um dos aparelhos da empresa Palm então nem se fala, nele só cabem praticamente dez linhas de informações por vez. O mesmo ocorre com os aparelhos da Apple [iPhone e iPod Touch] e outros como o BlackBerry, modelos da HTC e os que rodam no sistema Android [do Google].

Ou seja, enquanto o desktop é pesado demais, a tela de um smart portátil é pequena demais.

Print on demand

Geralmente o que ocorre é que o leitor baixa o livro de uma biblioteca ou livraria online, em formato eletrônico, e imprime em sua impressora caseira. No futuro, serviços de impressão sob demanda poderão estar disponíveis também para esse leitor final, e não apenas para os editores, como atualmente acontece.

Basta ver o trabalho, em São Paulo, da equipe da BandBook — iniciativa da gráfica Bandeirantes — que permite a impressão de até um exemplar de uma determinada obra; e também o projeto, frustrado Armazém Digital, no Rio de Janeiro, que colocou à disposição um terminal eletrônico onde o usuário escolhia o livro, através de um acervo digital, e o livro saía do outro lado de uma máquina, impresso e encadernado em pouquíssimo tempo.

Outro projeto interessante é o da Expresso Book Machine presentes em diversos pontos nos Estados Unidos, incluindo algumas universidades. Ideias assim ainda são incipientes em termos de modelo de negócios, mas a coisa toda deve se ajustar nos próximos anos, nas próximas tentativas.

Hoje, e no futuro, cada vez mais a impressão sob demanda de livros fará mais sentido para o mercado editorial como um todo, e estará disponível até em livrarias físicas, em geral através destes terminais de impressão compactos. Isso ocorre porque, entre outros fatores, é muito

difícil fazer com que todos os livros convencionais de uma determinada edição cheguem aos seus leitores em potencial; é preciso dispensar muito investimento e energia em comunicação e divulgação para que esse processo ocorra de um modo seguro por meio das campanhas de marketing. Os *best-sellers* neste processo são exceções.

Mas há outros complicadores neste processo. Fora o especo físico limitado das livrarias convencionais, o papel em que se utilizam insumos como a água, por exemplo, tende a ficar cada vez mais comprometido e continuará certamente a ser tratado como uma commodity. Alguns profissionais do mercado, por exemplo, chegaram a culpar o papel pelo alto valor do livro nas livrarias, mas isso não é um fato porque o Governo, em muitos casos, dá incentivo fiscal na compra do papel e na compra do livro também.

Na verdade, o livro é, em partes, caro no Brasil porque os editores e livreiros querem que seja caro; e, de certo modo, o livro não é valorizado, mas este é um assunto para outro capítulo. O que eu gostaria de registrar é que o livro eletrônico na Web [independentemente dos modelos propostos pelos players Amazon e Apple] é mais barato que a versão impressa, e ponto final.

Papel eletrônico

A respeito dos demais hardwares: existem alguns artefatos tecnológicos que já apontam uma boa saída para a impressão de informações num futuro bem próximo, uma vez que ainda estão em processo crescente de desenvolvimento. Um deles é o papel virtual ou papel eletrônico [E-ink]. Antes de falar sobre esta solução ou aplicação, especificamente, que felizmente já está sendo inteiramente comercializada no mundo, e que começou a sua história através do e-reader LIBRIé, da empresa Sony [hoje simplesmente conhecido como Sony Reader], eu gostaria que o leitor pegasse uma das revistas da editora Abril, a revista *Veja*, por exemplo, e visse o quanto a impressão dos caracteres das matérias é ruim. Ruim não, péssima. Não tem resolução nenhuma. Há problemas sérios de retículas.

É verdade que os equipamentos de leitura em tela que existem atualmente ainda não conseguem alcançar o nível de resolução da impressão em papel, no mínimo com 300 DPI's, mas também nem pre-

cisa, porque em alguns casos a resolução disponível já é melhor que muitas impressões em papel sem qualidade por aí, como é o caso da revista semanal *Veja*.

No caso do papel eletrônico, o E-Ink, a tela é finíssima, e até permite o seu funcionamento com pilhas. Esta tecnologia foi desenvolvida, entre outras empresas, pela Philips, em parceria com uma empresa chamada E Ink Corporation. A tecnologia pode ser utilizada em diversos produtos como celulares, agendas, jornais eletrônicos etc. Permite o uso em diversas aplicações, inclusive em livros eletrônicos, como é o caso da já citada Sony japonesa e o seu produto Sony Reader, já disponível nos mercados americano e europeu, também no Japão, em diversas versões e edições. Há outros equipamentos similares utilizando a mesma tecnologia.

Imprimindo para a tela

Agora, vejamos uma das vantagens sobre o papel convencional fabricado a partir da celulose: em vez de utilizar várias páginas de papel para imprimir a informação, o leitor utiliza apenas uma única página do papel eletrônico para imprimir todas as páginas de um determinado material, com o número máximo de páginas limitado apenas pelo poder de memória do sistema, que hoje em dia é quase infinito e com um custo extremamente baixo.

Neste sentido, se há algum tempo o CD-ROM já permitia o armazenamento de milhares de páginas, imagine hoje, em tempos pós-iPod, em que houve uma demanda muito grande por espaço para armazenamento de dados digitais.

Só para se ter uma ideia: um CD armazena cerca de 650 Mb de conteúdo digital, em média [há mídias que armazenam até mais, claro]. Mas só 650 Mb equivaleria a aproximadamente 340 mil páginas de um lauda cada. Se esta quantidade de informação fosse impressa em papel 20 gramas, por exemplo, o material pesaria 770 kilos. Imagine então imprimir o equivalente a um pendrive ou uma mídia de DVD ou Blu-Ray em papel 75 gramas que é o padrão para livros.

No caso do papel digital, outra vantagem — além da utilização de memória direta utilizada para o armazenamento de milhares páginas — é

que, através do software reader que simula a leitura de um livro convencional, as páginas do livro são mostradas e "apagadas" logo em seguida através de um botão [ou um ícone no caso de *touch screen*], para que uma próxima página seja mostrada. Isso ocorre infinitamente, sem a necessidade da derrubada de árvores, ou da utilização de água e de outros insumos naturais ou prejudiciais à natureza na industrialização de celulose. Uma tela infinitamente maior, melhor, com mais resolução, muito mais fina e leve. Na verdade, a tecnologia em si possui a espessura de um fio de cabelo e consome pouca energia, duas pilhas para ser mais claro, o que equivale a uma duração de aproximadamente 10 mil páginas de leitura.

Agora junte um ótimo mecanismo de busca de livros. Junte os serviços de disponibilidade de livros dos Websites dos próprios escritores ou das livrarias online, como é o caso da Border eBooks, no exterior, e Gato Sabido, Livraria Cultura ou Saraiva, aqui no Brasil, ou ainda as bibliotecas virtuais, como o Google Books, Portal Domínio Público, Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro, eBooksBrasil, eBookCult etc.

Em vez de imprimir o livro no papel, e gastar além do papel o cartucho genérico, o leitor usuário teria apenas um único aparelho com o custo de uma impressora caseira. O leitor imprimiria a informação para este aparelho. Uma única "página eletrônica" é utilizada milhares de vezes sem danificar o papel eletrônico. É um sistema reciclável, o leitor só compra uma única vez. Em alguns casos, no kit do aparelho, o leitor também já recebe um equipamento extra para recarregar as pilhas, ou seja, não precisa descartá-las. Um atrativo extremamente viável em termos de preservação do meio ambiente.

A resolução da tela deste aparelho é com certeza melhor que a resolução do papel, e isso é provado cientificamente. Eu mesmo já testei diversos deles e posso afirmar que estão nas especificações técnicas dos produtos que utilizam esta tecnologia. O leitor também pode conferir essa informação no Website da empresa E Ink Corp. Ou adquirir um Kindle [da Amazon] ou um Sony Reader [embora existam equipamentos até melhores]. E, no futuro, o leitor encontrará centenas de opções de telas melhores que essas. E nesse sentido eu já citei aqui o Nook, da Barnes and Noble e o ALEX Reader, da Spring Design. O único empecilho atual destes equipamentos é o poder de processamento.

Ainda não é possível prever por qual tecnologia de LCD ou E-ink o papel de celulose será substituído. Se pela tecnologia TFT, pela tec-

nologia da E-ink, papel eletrônico, ou se pela tecnologia desenvolvida pela SotfPixel Inc., denominada plástico flexível.

Existem alguns caminhos. Empresas como a Kodak, por exemplo, apontam para a tecnologia denominada OLED [Organic Light-Emtting Diode ou Diodo Emissor de Luz Orgânico]. Experiências com produtos já manufaturados neste sentido apontam para um equipamento que chegou até a 6,22 milhões de pixels, tecnologia chamada pela Samsung, uma das fabricantes a utilizar a novidade, como WUXGA [Wide Ultra-Extended Graphics Array].

Isso sem contar os chips desenvolvidos pela empresa Freescale, que prometem reduzir o preço dos e-readers. E a bateria de e-readers, como a do modelo DR-900, apresentado pela empresa Asus, que pode lidar também com 10 mil páginas com apenas uma carga na bateria interna.

O passado e o futuro

No passado, os livros eram lidos em rolos. O leitor desenrolava a parte a ser lida embaixo, com a mão direita, e enrolava a parte lida em cima com a mão esquerda. Um trabalhão. Hoje, basta clicar com o mouse ou com o dedo em uma tela touch na barra de rolagem e ter o mesmo efeito.

No caso das páginas dos e-readers, a páginas do livro é exatamente idêntica à página de um livro em papel [no caso, claro, do uso do formato PDF]. Estou seguro de que no futuro a leitura de informações na tela será melhorada tanto em termos de legibilidade [como o que ocorreu com as soluções que foram apresentadas no passado pela Microsoft, com o seu ClearType ou pela Adobe com o seu CoolType], como em termos de usabilidade dos programas e softwares de leitura em geral, como é o caso do Aldiko, do iSilo e do Stanza [este último agora pertencente à Amazon].

Na transição do livro manuscrito para o livro impresso, a vantagem de um sobre o outro era a sua portabilidade, e isso está ocorrendo agora também com relação ao livro impresso em detrimento do livro eletrônico. Então, não é questão de previsão futurística ou apocalíptica. O livro em papel ainda não está com os dias contados. Alguns leitores,

consumidores mais antigos, não aceitarão os novos paradigmas, mas os netos deles certamente preferirão assim por simples questão de conveniência, qualidade e economia. E, no final das contas, quem decidirá onde os livros serão lidos, se em papel celulose ou em papel eletrônico, serão os consumidores, usuários ou leitores.

O Software

O gerenciamento de livros disponíveis hoje em dia em uma biblioteca física é feito através de um sistema digital. Geralmente, o bibliotecário utiliza-se de um sistema de catalogação que é desenvolvido para facilitar a busca e a pesquisa dos documentos dentro de um determinado acervo.

É claro que ainda há casos da utilização das pequenas fichas de papel que ajudam na indexação das obras de um modo analógico e aleatório. Mas, na maioria das grandes bibliotecas públicas e/ou privadas também, a busca pelos livros é feita através de um terminal digital [utilizando, por exemplo, o padrão Onix]. Algumas vezes, esse terminal pode até ser usado pelos próprios frequentadores dos acervos, sem intermediários. E é exatamente o que ocorre na Biblioteca Mário de Andrade, em São Paulo.

Desse modo, não é difícil supor que, nas bibliotecas, no futuro, o usuário só terá de fazer um cadastro prévio, por exemplo, para ter direito a utilizar os serviços da entidade e elaborar uma pequena lista de palavras-chaves para buscar em todo o acervo, em poucos minutos, o livro, a obra ou o documento que traz a informação que procura. Se o leitor usuário tiver dificuldade na utilização do equipamento, basta pedir ajuda ao bibliotecário ou simplesmente clicar na palavra "ajuda", na tela do terminal.

Se a indexação dos livros de uma determinada biblioteca estiver bem elaborada, e com uma qualidade informacional bem planejada [todos sabemos, isso sempre foi o grande desejo do Google], não será difícil achar o livro ou a informação procurada, através desse terminal digital. O terminal poderá [com uma tecnologia de rastreamento conhecida como RFID] apontar a seção, o corredor e até mesmo a estante onde o material se encontra fisicamente quando for o caso. Como fa-

zemos quando vamos a um Shopping Center e procuramos nos terminais de ajuda determinado produto. Geralmente o sistema aponta até a escada rolante que deve ser utilizada para se chegar ao local onde se encontra a loja.

Imagine então que esse mesmo sistema de busca esteja na Web e, antes mesmo de sair de casa, da escola ou do escritório, o leitor usuário possa pesquisar se a biblioteca em questão possui mesmo o livro desejado. Existem hoje centenas de livrarias e bibliotecas que já permitem esse tipo de busca. Agora esses sistemas deverão ser utilizados também por livrarias virtuais e físicas. E existem outros mecanismos virtuais similares.

A questão é, quanto tempo ainda levará para chegarmos a esta realidade? E qual será o padrão de serviço prestado ao leitor?

Os benefícios de uma biblioteca digital

» Acesso 24 horas por dia, sete dias por semana, 365 dias por ano;
» Permite os mesmos dispositivos de direitos de propriedade dos livros impressos [DRM];
» Permite adicionar mais títulos ao acervo já criado, sem a necessidade de investimentos em espaço físico, infraestrutura ou dispêndio operacional com funcionários;
» Retiradas, devoluções e recolocações automáticas nas prateleiras digitais;
» Proteção contra roubo ou danificação de documentos;
» Permite atender mais usuários com menos títulos;
» Fornece relatórios detalhados para analisar a utilização da biblioteca em níveis sem precedentes, melhorando a qualidade das decisões de aquisição de novos títulos;
» O mecanismo de busca permite pesquisa de palavras em um livro ou em uma coleção inteira de livros;
» É a solução mais adequada para atender a alunos de cursos à distância, ou iniciativas de Inclusão Digital, que necessitam de acesso a uma biblioteca completa;
» Suporte completo a todos os recursos de anotação e pesquisa.

Os buscadores de livros

A supracitada empresa Amazon.com, por exemplo, disponibilizou na Web um serviço chamado de A9.com, em que o internauta fazia a pesquisa das palavras-chaves dentro do livro digital antes de adquirir a obra fisicamente. Dentro de sua própria livraria online esse sistema é conhecido como "Look Inside", onde é possível "degustar" a obra.

A outra empresa pontocom, o Google, também ofereceu um serviço parecido, o Google Print Library Project, que também permitia o mesmo tipo de interação que o A9.com, da Amazon. Esse projeto do Google cresceu e se transformou no serviço Google Books. Ou seja, a princípio o objetivo do Google era apenas mapear e indexar as informações; uma vez que o Google sabia que a maioria das informações ainda estava disponível apenas na versão em papel, mais tarde, porém, com a baixa adesão ao seu sistema por parte das editoras e escritores e as brigas judiciais antitruste fizeram o Google ir mais longe e lançar um sistema de publicação batizado de Google Editions. Ou seja, além de mapear e indexar as informações, o Google resolveu não só escanear os livros como também publicá-los e comercializa-los.

Uma quebra de paradigma sem precedentes na indústria editorial.

No futuro, esses sistemas de busca, Google Books Search e A9.com [e outros que não vingaram, como é o caso do Live Search Books, da Microsoft, projeto abandonado em 2008 com 750 mil livros e 80 mil artigos de jornais], certamente terão uma melhora de desempenho, um pouco pelo fato da concorrência entre eles. Primeiro o Google, que já tem o seu serviço de busca de livros em parceria com dezenas de universidades e bibliotecas americanas e europeias, e o MSN Search, que também busca esse horizonte com o seu Bing, são os principais serviços concorrentes.

Está claro, então, que os sistemas de buscas, tanto da Web de um modo geral quanto das livrarias online ou bibliotecas virtuais, farão parte do dia a dia do leitor comum que busca informação. É claro que essa informação não precisa estar exatamente disponível dentro de um livro, mas, se estiver, e o usuário necessitar realmente da informação, ele certamente vai adquirir o livro na livraria ou emprestá-lo de uma biblioteca.

Os sistemas e softwares de inteligência artificial de um futuro bem próximo farão o trabalho de catalogação das informações e de sua

indexação, com o objetivo de tornar mais fácil e atraente a busca pela informação e a certeza de encontrá-la. Basta dar uma olhada no que a tecnologia XML [Linguagem de Marcação Extensível] propõe de solução neste mesmo debate em termos de padronização utilizando-se de sistemas EDI em parceria com a introdução de mecanismos de Metadados [Banco de Dados Completos]. Junte-se a isso o padrão ePub de livros digitais, e a mágica está feita.

Os aplicativos de leitura

Fora estes serviços de busca, acima citados, que aqui também são considerados como softwares, e permitem o acesso do conteúdo digitalmente, existem dezenas de aplicativos de leitura de livros em tela. Softwares estes que permitem, ou pelos menos tentam, por enquanto, compor um conforto para leitura nas telas. Alguns são bem conhecidos do grande público da Internet como os navegadores, os processadores de textos entre outros plug-ins [programas de auxílio].

E, como já dito em páginas anteriores, há, no entanto, programas criados para a leitura não de documentos comuns como páginas da Internet, mas criados especialmente para a leitura de livros eletrônicos em tela. São os chamados readers, programas que podem ser instalados em computadores de mesa [PC, Linux ou MAC], laptops, notebooks, netbooks, em handhelds [computadores de mão, como os SmartPhones, PalmTops e similares ao iPhone] e até em celulares ou smartphones [como os que rodam no sistema operacional do Google — o Android].

É fato que nos computadores de mão, ou portáteis, encontram-se vários programas para leitura de eBook. O MobiPocket Reader, por exemplo, é um programa considerado "cross-plataform", ou seja, permite a leitura de livros eletrônicos em qualquer sistema operacional, seja Linux, Windows, Mac OS etc. Existe o software de leitura Kindle disponível para PC, iPhone, BlackBerry etc. E também o já citado Stanza, disponível para o iPhone e outros sistemas portáteis. No entanto, um dos softwares mais sinérgicos, e que também permite a leitura dos eBooks em diversas plataformas, é o Adobe Reader [disponpivel para Macs, PCs etc.].

No futuro, o leitor só precisará de um bom mecanismo de busca dentro de sua livraria ou biblioteca preferida e de um bom sistema de

leitura de livros, revistas, notícias, jornais, newsletters etc., como um desses citados acima, além do aplicativo iSilo, para que se possa acessar e ler o que precisa; e isso sem dúvida alguma vai acontecer.

Na verdade já está acontecendo. No entanto, não houve um avanço maior ainda neste sentido porque até agora não se buscou ou encontrou um modelo de negócios que possa contemplar o modo como as empresas cobrarão por esses serviços de acesso à leitura. Algumas experiências já estão se mostrando eficazes. Como é o caso da livraria da MobiPocket, assim como a experiência da eBooks Central, da Adobe Corp, com o seu sistema Adobe Digital Editions. E a tentativa de Steve Jobs, com sua Apple, por meio do sistema iBook que roda no tablet iPad [embora dentro desta plataforma existam outras opções].

O lado bom, por enquanto, é que os softwares de leitura de livros eletrônicos são gratuitos, e isso ajuda na vantagem de baixo custo que este tipo de livro tem em detrimento do livro impresso. Na transição do livro manuscrito para o impresso ocorreu o mesmo, havia uma vantagem de baixo custo de um modelo de negócio sobre o outro.

O Conteúdo

Atualmente, nem todos os livros disponíveis em papel estão disponíveis no formato digital. No entanto, nem todos os livros em papel têm uma relevância informacional de caráter urgente, digamos assim, que sejam imprescindíveis para esta necessidade inicial de digitalização [embora isso seja feito de qualquer modo, no futuro]. E nem todos os livros antigos, em papel, principalmente os técnicos, na área jurídica, por exemplo, estão atualizados para que o Google Books tenha este trabalho todo também neste período inicial.

Em alguns campos é mais fácil e mais rápido o leitor encontrar uma informação atualizada sobre um determinado assunto na Web, apesar da aparente bagunça, que nas livrarias, bibliotecas ou bancas de jornal convencionais.

No futuro, a Web estará praticamente equiparada no quesito informação em relação às outras mídias como o rádio, a tevê, os jornais e as revistas. Não precisamos ir muito longe, as palavras-chaves mais pesquisadas na Web [através dos sistemas P2P — Peer to Peer] hoje em

dia têm a ver com a tecnologia MP3, que tem praticamente a maioria dos artistas, bandas e músicas já em seu formato digital. Neste sentido, a Internet e a tecnologia MP3 juntamente com as rádios online, praticamente substituíram o rádio e o formato CD, se não em conceito, certamente em audiência comparada.

Outro exemplo é que a maioria dos conteúdos de jornais e revistas já se encontra digitalmente disponível na Web, com acesso gratuito ou através de assinaturas pagas [o modelo junto aos usuários é que ainda não vingou na maioria dos casos].

A Web tenta simular o mundo real: ou o leitor compra o jornal na banca convencional ou corre até uma biblioteca pública física para lê-lo gratuitamente. Acontece o mesmo na Web, ou o leitor assina um jornal, ou revista, ou tenta buscar a mesma informação em outros canais alternativos. Ou o leitor acessa o Website do *The New York Times* ou acessa um BLOG de um correspondente de guerra que já está no meio da informação, enviando-lhe praticamente em tempo real os acontecimentos locais, inclusive com imagens.

No caso dos jornais ou revistas digitais disponíveis, o leitor os encontra nos Websites das editoras que os publicam.

A Era digital

Não há um único assunto ou tema disponível nos livros em papel que o leitor não encontre na Web também. É claro que muitos livros ainda não foram digitalizados, mas dissemos anteriormente, alguns livros de não ficção são às vezes tão desnecessários [nesta fase inicial de indexação de relevância informacional], que nem precisam estar disponíveis no formato digital, por enquanto. E alguns livros nem precisariam ser impressos, tamanha a falta de sinergia de seu conteúdo com um determinado público-alvo.

E o contrário também é verdade: existem muitos livros digitais relevantes na Web, em Websites dos autores, em bibliotecas virtuais ou livrarias eletrônicas, que não estão disponíveis em formato papel. Isso ocorre porque é praticamente insustentável imprimir os inúmeros originais que chegam às editoras diariamente. Quem trabalha em editora sabe que, às vezes, se tem a impressão de que há mais escritores que

leitores. Por uma razão de recursos humano e financeiro, nem todos os livros que chegam às editoras são publicados, impressos e inseridos em seus catálogos.

Muitos desses livros, bons ou não, não são editados e vão parar invariavelmente na Web. E mesmo impressos, muitos livros em papel nem sequer chegam às estantes das livrarias, nem mesmo das bibliotecas públicas; pois, muitas vezes a edição não provê um tipo de distribuição que possa ser tão abrangente.

Num futuro muito próximo, a Web terá informação científica tão atualizada quanto nos jornais, revistas especializadas ou livros impressos. Na verdade, pode ser que mesmo que o leitor não encontre determinados livros na Web, pode encontrá-los certamente em outros hosts ou content servers, tratando, às vezes, do mesmo assunto e, muitas vezes, com um conteúdo até mais flexível e interessante que o das mídias impressas.

Existe também outro ponto, que é o da rapidez; pois, muitas vezes, o leitor encontra a informação na Web muito mais rápido que nos impressos.

Num futuro próximo, o leitor terá disponível no formato eletrônico os mesmos *best-sellers*, ou mesmo os *long-sellers* disponíveis na livraria convencional no formato papel. Basta ver que a maioria dos grandes clássicos já está disponível em vários Websites, muito deles em regime de Domínio Público, e que juntos constituem um grande acervo a ser utilizado em sala de aula, por exemplo.

Agora, o contrário não será possível. Na verdade, será impossível que a maioria dos livros disponíveis na Web esteja também disponível em papel; tudo isso por uma razão muito simples: é economicamente inviável para os editores e mesmo para os autores que atualmente optam por publicar os seus originais com recursos próprios utilizando-se de sistemas de publicações independentes com impressões em baixa tiragem.

Autor do seu próprio conteúdo

Creio que, com a ajuda de bons softwares de indexação de busca e procura de informação, e a boa prestação de qualidade das livrarias online e de bibliotecas virtuais, no futuro será mais conveniente buscar livros na Web que nas livrarias ou bibliotecas públicas físicas.

O ponto crucial neste cenário é a conexão dos usuários. Sem conexão, esta realidade estará mais próxima dos grandes centros urbanos e a população menos ativa continuará entregue ao excludente fosse digital.

Outro fato importante é que mais autores passam a divulgar o seu próprio trabalho na Internet, numa espécie de produção ou edição independente, utilizando-se de um dispositivo legal, extremamente novo e acolhedor, conhecido como Creative Commns, ou Copyleft. Este dispositivo ajuda na segurança do autor em relação ao conteúdo criado e distribuído na Internet, utilizando-se dos mesmos preceitos e filosofia do Código Aberto ou Software Livre.

Tudo isso poderá fazer com que o leitor tenha ainda mais opções de leitura sem precisar recorrer às livrarias convencionais, que eventualmente não dispõem de alguns títulos. E, em termos de segurança, há dispositivos sendo desenvolvidos em torno da distribuição do conteúdo digital com o objetivo de torná-lo mais seguro, valendo-se de tecnologias apoiadas em sistema de Digital Rights Management [algo ainda muito insipiente, mas com um futuro certo e promissor].

Um item que considero importante neste processo é a questão da imunidade do livro eletrônico que vem sendo discutido exaustivamente em várias instâncias. Em meados de 2009, por exemplo, a Juíza Federal da 22ª Vara Federal de SP, determinou através de mandado de segurança que equipamentos como o Kindle também contivesse imunidade tributária que recai sobre a importação de livros e revistas. Algo que poderá certamente ajudar no processo de barateamento do livro eletrônico em detrimento do livro impresso [algo considerado importante para a cadeia produtiva do livro], uma vez que são dispensados em seu processo de produção os fotolitos, o papel, a impressão, o acabamento, etc., no caso dos livros, pois a logística, o transporte, a distribuição, a entrega física, o estoque etc., continuariam por causa dos e-readers.

Na transição do livro manuscrito para o impresso, uma das vantagens de um modelo de negócio sobre o outro era exatamente a capacidade de ampla e rápida difusão do seu conteúdo, e isso está ocorrendo novamente agora no caso do livro impresso em relação ao livro eletrônico.

O futuro do livro passa pelo digital

Não estamos levando em consideração aqui as razões, digamos, sociais, nessas radicais mudanças. É claro que também há considerações até mesmo culturais a serem levadas em conta. Hoje em dia, boa parte da população ainda não tem acesso à cultura diversificada, gerada através da Era Digital. Mas em um breve horizonte, grande parte da população poderá ter acesso aos bens de consumo tecnológicos. Através não só dos serviços prestados por empresas privadas com os custos cada vez mais acessíveis [basta ver o exemplo dos celulares que estão cada vez mais baratos] como também mediante políticas públicas governamentais, como é o caso dos Telecentros e das bibliotecas informatizadas por meio dos projetos em parceria com o chamado Terceiro Setor. Incluindo aqui também o plano federal de expansão da banda larga em nosso país.

Em termos práticos, hoje em dia, a maioria das pessoas, tanto em casa quanto nos escritórios, já tem os olhos voltados quase sempre para uma tela, seja de uma TV Digital, de um computador de mesa, de uma agenda eletrônica, de um computador de mão, celular, videogames, relógios digitais, smartphones, câmaras digitais [para preview de fotos], iPod Touch [para o acompanhamento das músicas], iPhone, etc., aparelhos que têm interfaces gráficas cada vez mais com um nível de aprendizagem relativamente baixo através de softwares com menus inteligentes e inteiramente práticos.

Com o tempo as pessoas certamente estarão ainda mais acostumadas à leitura em tela de vários tamanhos e formatos.

Em busca do e-reader perfeito

A leitura de um livro digital especificamente só poderá ser feita de um modo confortável em telas maiores que a de um iPhone e menores que a de um iPad, com iluminação em níveis de contraste e brilho adequados.

A tela não poderá ser pesada, embora as telas de LCD, atualmente, já estejam cada vez mais finas, menores, mais duráveis, com mais resolução e com o consumo de energia cada vez menor também.

A tela deverá ser portátil o bastante para que possa ser levada para qualquer lugar, nada que a tecnologia não possa vencer num período curtíssimo em termos de soluções em aplicações comercializáveis efetivamente, já que os artefatos já estão disponíveis nos laboratórios de pesquisa e desenvolvimento das grandes empresas como Kodak, Samsung, Philips, SoftPixel Inc., Touchco [adquirida em fevereiro de 2010 pela Amazon] entre outras.

Com as telas disponíveis em todos os lugares e de todos os tipos, e para todos as formas de aplicações, não demorará para que a demanda por textos, artigos e até mesmo livros inteiros comece a fluir de um modo diversificado através da demanda gerada por leitores de todos os tipos e níveis.

Frequentemente, a gente ouve leitores dizendo que nunca lerão um livro inteiro em uma tela. Dizem isso porque ainda não tiveram acesso às telas realmente desenvolvidas para o consumo da leitura digital prolongada, que geralmente são tecnologias vindas dos grandes centros de países de primeiro mundo, com exceção da China, que está apresentando ao mundo uma espécie de contraponto nesse sentido.

De qualquer modo, os leitores diariamente leem pequenas notícias em seus Websites e/ou portais preferidos, leem dezenas, se não centenas, de mensagens eletrônicas vindas de várias fontes, como informações, venda de produtos e serviços, piadas, SPAMs, RSS, listas, foruns etc. Leem também os BLOGs, informações das redes sociais como BookCrossing, COMMUNIA, CreateSpace, ediciona.com, GoodReads, HarperCollins Authonomy, Shelfari, Skoob, Wattpad, weRead, baixam memorando, leem cartas comerciais, enfim, todo tipo de texto digital, inclusive textos em seus celulares.

Se os internautas guardassem todos os textos lidos em tela durante um mês, e no primeiro dia do mês seguinte imprimissem todo o material, descobririam que certamente leram mais do que cinco livros inteiros nesse período. Ou seja, muito mais que a média de livros lidos em papel que os censos e as pesquisas da Câmara Brasileira do Livro indicam. E com um custo de impressão, incluindo só o papel e a tinta de impressão, muito alto, acima certamente da possível aquisição de dispositivo de leitura eletrônico portátil que, no futuro, será tão barato e tão acessível quanto comprar um PlayStation Portátil ou um aparelho tocador de DVD.

Alguns podem achar que o livro eletrônico concorre diretamente com o livro em papel, mas na verdade o livro eletrônico concorre mais diretamente talvez com a gráfica que imprime os livros, ou com a indústria de papel, e não com as editoras em si, porque de um modo ou de outro sempre poderá haver a figura do editor que editará os livros, independente do formato que o livro assumir [foi assim do manuscrito para o papiro e, dele, para o CD-ROM, para o eBook, para o papel eletrônico e assim por diante].

Na verdade, se houver alguma concorrência, ela será entre os editores convencionais, que de certo modo terão cada vez mais dificuldade em colocar os seus livros nas estantes das livrarias usuais, que, no Brasil, são quase inexistentes [conforme os números que mostro mais à frente]. E os editores de livros eletrônicos que têm a vantagem de não ter nem o papel necessário à impressão, os laserfilmes, os fotolitos, o acabamento, a cola, o corte, a costura, o armazenamento, o transporte, a logística e tantos outros processos tão custosos, inadequados aos novos tempos, tão caros e lentos, incapazes de acompanhar o ritmo do tráfego na Era Digital.

O editor dos novos tempos deverá se atualizar e buscar os caminhos que o levarão a sustentar-se e manter o seu negócio na Era Digital. Alguns editores ainda insistem em pensar que o seu negócio é o livro e, na verdade, o negócio do editor dos novos tempos pode ser o conteúdo. Se os editores "em papel" não se atualizarem rapidamente e não tomarem as rédeas do seu próprio negócio, surgirão outros jovens editores que farão florescer o novo mercado de livros na Internet. A questão é que esses jovens talvez não façam parte do mercado editorial, e sim da indústria de tecnologia.

De qualquer modo, o conteúdo é a alma do negócio. É necessário otimizar o conteúdo para maximizar a sua reutilização.

O Ecossistema dos eBooks
Painel de Convergência em Tecnologia

SOFTWARE	CONTEÚDO	HARDWARE
APLICATIVOS	**eBOOKsTORES**	**eREADERS DEVICE**
| Stanza | Aldiko | Iceberg | Kindle for Apps | eReader Barnes & Noble | Free Borders eReaders Apps | Mobipocket Reader | Microsoft Reader | Adobe Reader | Zinio Reader | NFB Reader | Ibis Reader | DD Reader | Adobe Digital Editions…	| iBookstore for iPad Apple | Google Editions | Borders eBooks | Livraria Cultura | Livraria Saravia | Gato Sabido | outros resellers…	| Sony Reader | Amazon Kindle | Nook Barnes & Noble | Kobo Borders | Cool-er | Positivo Alfa | Mix leitor-d | outros hardwares baseado em e-ink…
	PLATAFORMAS	**PORTÁTEIS & WIRELESS**
	| SmashWords | Distribuidora de Livros Digitais | Xeriph | Google Books | bibliotcas digitais overdrive | distribuidores | outras plataformas SasS…	| Netbooks | Tablets | Apple | Asus | Dell | Cisco] | iPod Touch | Nintendo DS | PSP | Palm…
DRM	**MODELOS**	**MOBILES & SMARTPHONES**
| Adobe Content Server 4 | outras plataformas SaS…	| Copyright | FreeBooks | Domínio Público | Copyleft | Creative Commons | modelos baseados em micro pagamentos | assinaturas…	| iPhone | BlackBerry | Nokia | Kin | celulares 3G…
SISTEMAS OPERACIONAIS	**FORMATOS**	**DESKTOP**
| WebOS | Linux for Portable Devices | Windows Mobile | Windows CE | Java | iOs | Simbian | Android…	| PDF | ePub | Daisy | MP3 for audiobooks…	| PC | MAC | notebooks | laptops…

Os Dispositivos Eletrônicos Portáteis Dedicados à Leitura

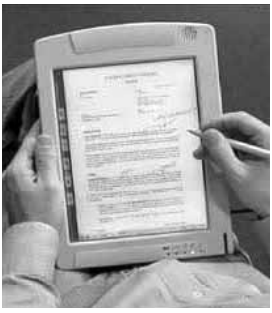
O futuro do livro eletrônico pode ser próspero. Para fazermos parte desse mercado emergente, escritores e editores, temos de olhar para os lados e para o passado para visualizar o que não deu certo. É nesse sentido que eu continuo revendo um pouco mais a questão dos hardwares que estão tentando substituir o insumo papel, para em seguida falar um pouco mais sobre software e conteúdo, e terminar com uma análise sobre o mercado atual de livros impressos.

Atualmente, existem diversos aparelhos eletrônicos dedicados à leitura disponíveis no mercado. E é fácil encontrar na Internet diversos artigos relatando as qualidades e os defeitos de cada um deles. No site deste livro, www.ebookreader.com.br, sempre apresentamos as novidades.

Entre os equipamentos da primeira geração de e-reader, nos quais gostaria de continuar concentrando a nossa atenção não só por conta do pioneirismo, mas principalmente por conta dos seus modelos de negócios, estão o eBookMan, os RCA eBook 1100 e 1200, o coreano HieBook e o Rocket eBook. Todos esses equipamentos tiveram de passar pelo teste de consumidores extremamente iniciantes e que, muito antes de o Kindle e do Nook virarem coqueluche da imprensa, não tinham a menor ideia do que era esse novo produto.

Alguns projetos de dispositivos de leitura nem sequer chegaram a sair do papel, ou dos laboratórios, como o AlphaBook, o gibi eletrônico Xinhua e o superdevice desenvolvido pelo NIST, E Ink, Bell Labs e Philips [projeto que acabou migrando para a nati-falida iRex Technologies].

Alguns, no entanto, não chegaram a ser colocados à disposição, mas chegaram a um avançado processo de distribuição, como é o caso do educacional goReader, do Q-Reader, o italiano MyFriend [citado aqui por ter uma tela colorida] e do francês CyBOOK [atual Bookeen, que citamos por ser o primeiro de um híbrido de computador de mão]. No caso desses dois últimos, o MyFriend e o CyBOOK, demonstra-se que não foi o fato de a tela dos e-readers não ser colorida, ou pelos e-readers não trazerem outros aplicativos convergentes, que fez com que estes produtos caíssem no hábito de consumo dos leitores. Talvez o que tenha faltado para esses produtos tenha sido um modelo de negócios que contemplasse toda a cadeia produtiva do livro, em particular o escritor, o editor e o leitor.



Protótipos de alguns modelos de eReader. De cima para baixo: XLibris, Lectrice Virtual Book e GlassBook Reader

Outros tantos projetos já viraram até história: o EveryBook Dedicated Reader [que prometia ter duas páginas, mas que não passou de um software de leitura de arquivos PDF], o GlassBook Reader [aplicativo muito profissional e interessante para época e que que deu origem ao Adobe Acrobat eBook Reader], o Victorian Laptop, o Memex, o VirtualBook [XLibris] e o Dynabook da Sony, entre tantos outros que, por motivos sempre excludentes e divergentes, nunca virão à luz do dia.

Lectrice [ou VirtualBook], GlassBook, XLibris e o EveryBook Dedicated Reader são exemplos de protótipos de dispositivos eletrônicos dedicados à leitura que simplesmente falharam. Em parte porque seus idealizadores estiveram o tempo todo preocupados em mimetizar o livro de papel, e não em criar um modelo de negócio que abarcasse a cadeia produtiva do livro.

Disponíveis no mercado ou não, todos eles tinham algo em comum: permitir que os leitores pudessem acessar uma biblioteca virtual [hoje certamente baseada na Web] e que pudessem escolher, entre mi-

lhares de títulos, aquele que interessar. Basta ver o modelo hoje adotado pela Amazon. Antes de a empresa pontocom de Jeff Bezos montar o seu modelo de negócios, diversos projetos tentaram o mesmo. E a diferença entre esses projetos de certo modo fracassados e o modelo da Amazon talvez seja o foco no consumidor leitor e no conteúdo.

Mais um protótipo que não deu certo: EveryBook Dedicated Reader

Abaixo, listamos os mais significativos e pioneiros projetos de dispositivos portáteis dedicados à leitura que serviram de inspiração para as modernas empresas como Google, Amazon, Apple, Spring Design, Borders, Barnes and Noble etc.

CyBook

- Projeto francês
- Desenhado pela empresa Cytale
- Permitia acesso à Internet
- *Touch screen* colorido
- Display 600 x 800 pixel (LCD)
- 16 MB RAM
- Armazenava 30 livros médios (500 páginas)
- Rodava no sistema operacional em Windows CE

eBookMan

- Desenhado pela Franklin
- Similar a um PDA (gadget na moda na época)
- Servia como organizador pessoal (concorria com o Palm)
- Trazia tocador MP3 Player (bem antes do advento do iPod da Apple)
- Display 200 x 240 pixel (LCD)
- 8 ou 16 MB RAM
- Prometia os aplicativos Microsoft Reader, Franklin Reader e MobiPocket Reader
- Conexão através de um cradle (berço) via USB
- Preço médio $70.00 (certamente o mais barato dos e-readers já lançados)

goReader

- Dispositivo cujo modelo de negócios era voltado ao mercado educacional
- Dimensões 12.6" X 9.5" X 1.3"
- 32 MB RAM
- Display 600 x 800 pixel (LCD)
- Bateria c/ duração de 5 horas
- HD 5 GB
- Baseado na especificação padrão em OeB (mais tarde conhecido como ePub)
- *Touch screen* color
- Aplicativo de leitura nativo com ferramentas de bookmark e highlighting

HieBook

- Projeto coreano
- Similar a um PDA
- Servia como organizador pessoal
- Trazia MP3 Player (antes do advento do iPod)
- Bateria recarregável
- Vizualizador de cartoons
- Gravador
- *Touch screen*
- Display 480 x 320 pixel (LCD)
- Software sincronizador com o computador de mesa
- Backlight

Myfriend

- Projeto italiano
- Desenhado pela empresa IPM-NET
- Prometia MS Reader
- Alta resolução
- Conexão com a Internet
- Resolução 640 x 960
- *Touch screen* colorido

REB 1200

- Sucessor do SoftBook
- Design atualizado e desenvolvido pela RCA
- Display de alta-resolução
- 480 x 640 pixel
- Dimensões 7" X 9" X 1.2"
- Modem embutido (56Kbps)
- Bateria recarregável com duração de apenas 8 horas de leitura, em média
- Preço sugerido $699.00

REB1100

- Sucessor do Rocket eBook
- Redesenhado pela empresa RCA
- Modem embutido (33.6Kbps para conexão direta com um servidor de eBooks)
- Display (LCD) monocromático
- Dimensões 5" X 7" X 1.5"
- Resolução 320 x 480 pixel
- Armazenava 8.000 páginas na memória padrão
- Conexão via USB
- Habilitado para reproduzir som (que nunca serviu pra nada, pois quando foi lançado a compactação de arquivos de música estava apenas engatinhando)
- Bateria recarregável com duração de 30 horas em média

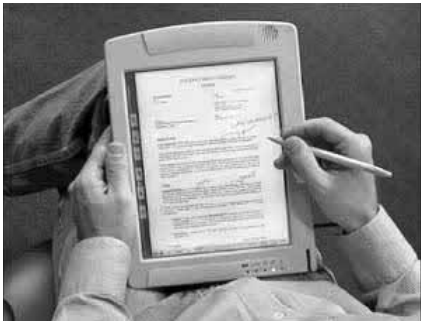
Rocket eBook Pro

- Dispositivo pioneiro dedicado à leitura, compatível com PCs e MACs
- Desenvolvido pela empresa NuvoMedia
- Base giratória (orientação de leitura vertical horizontal)
- Dicionário relacionado
- Ferramenta para anotações nas margens
- Bateria duradoura: de 20 a 40 horas
- Busca por palavras e frases nos textos e alteração de fonte, para facilitar a leitura
- Grande capacidade de armazenamento

SoftBook Reader

- Desenvolvido pela SoftBook Press
- Display LCD colorido
- Modem embutido (33.6kbps)
- 8 MB de memória
- Capacidade para 50.000 páginas
- Bateria de 5 horas
- Compatível com OeB (ePub) e HTML
- Sistema próprio de distribuição de documentos:
- "BookShelf online"
- "SoftBookStore" – o primeiro a apresentar o conceito de Store em um e-reader, bem antes do Kindle da Amazon
- "SoftBook Personal Publisher", um SDK para a criação de eBook

XLibris



- Protótipo desenvolvido, em Palo Alto, a partir de metáforas de um livro.
- A partir deste projeto, nasceu o projeto Rocket eBook.

Nenhum destes produtos pioneiros na categoria de e-readers, citados anteriormente, ganharam notoriedade do mercado editorial, com excessão, talvez, do Rocket eBook que chegou a ganhar as páginas dos jornais na época.

Todos esses equipamentos não deram certo porque lhes faltavam um modelo de negócios convergente, também porque seus desenvolve-

dores, entre outros fatores, não pensaram num ponto crucial para todos estes tipos de equipamentos: o conteúdo. Sem o conteúdo todos esses harwares são máquinas vazias, como uma folha de papel em branco, não serve para nada para os leitores.

De qualquer modo, resolvi citá-los neste livro para que o profissional do mercado editorial perceba que, embora a indústria de tecnologia esteja tentando a todo custo substituir o livro em papel pelo livro eletrônico, o que ainda falta para os desenvolvedores de teconologia é a vivência no mercado de livros, algo que só a cadeia produtiva do livro tem experiência.

O que falta para o mercado editorial agora, é dominar toda esta teconologia. É raro encontrar, no mercado editorial brasileiro, pelo menos que eu tenho percebido nos últimos dez anos, um profissional que trafegue tanto na indústria editorial quanto na de tecnologia com naturalidade e desenvoltura. O profissional deste novo e emergente mercado de livros digitais necessita conhecer os meandros do mercado de livros em papel, e perceber que há um movimento intenso com relação ao mercado de eBooks.

Nestes últimos dez anos, o que eu encontrei, na maioria das vezes, foi profissional do mercado sem nenhum conhecimento de causa com relação ao tema e apenas disposto a conceber a sua opinião somente baseada no que ouviu dizer sobre o assunto. Faz-se necessário, portanto, um aprimoramento constante do profisional livreiro, com relação ao tema, para não se repetir novamente todo o histórico do mercado fonográfico.

The Rocket eBook, o pioneiro

Desde o lançamento do primeiro e-reader comercializável, houve uma mudança de paradigma no mercado de eBooks no sentido em que as eBookStores agora concorre diretamente com as plataformas de aplicativos em geral. Ou seja, há um movimento de tráfego e audiência maior nas stores de aplicativos do que nas stores especializadas em eBooks.

De qualquer modo, entre todos os equipamentos lançados até hoje, os da primeira e segunda geração, existe um que tinha um modelo de negócios que eu chamaria de perfeito. E, para este, gostaria de abrir uma exceção e explicar um pouco melhor a sua história.

Poderíamos fazê-lo com o Kindle, mas isso não ajudaria a compreender essa transição do livro impresso para o livro digital na sua gênese. Mesmo porque a própria pontocom Amazon foi um dos Websites que comercializaram o Rocket eBook e foi com este aparelho que a Amazon aprendeu a vender o Kindle.

Voltando então no tempo, no intuito de resgatar os primórdios das tentativas, de erros e acertos na comercialização de eBooks, quando foi lançado em 1998 pela empresa californiana NuvoMedia Inc., sediada em Palo Alto, o Rocket eBook trazia em sua estante virtual [bookshelf] uma versão eletrônica do clássico *Alice no País das Maravilhas*.

A aventura de Alice foi lançada, em 1865, pelo inglês Charles Lutwidge Dogson, ou simplesmente Lewis Carroll [1832-1898]. Traduzido para mais de 30 línguas, incluindo o árabe e o chinês, Alice já

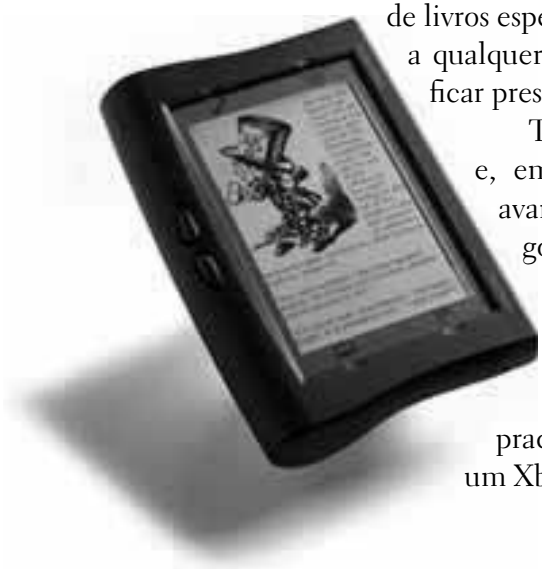
tinha ganhado até uma edição em braile. Creio que não tenha sido à toa que os idealizadores do Rocket eBook tenham escolhido este livro para estrear uma edição virtual no device.

O livro de Carroll narra as aventuras de uma garota que, depois de correr atrás de um coelho, vai parar num mundo de "faz de conta". E o Rocket eBook dá a impressão de ter vindo direto desse mundo.

O Rocket eBook estreou a primeira geração dos e-readers

Quando eu vi o Rocket eBook pela primeira vez, simplesmente fiquei mudo, sem palavras. Achei aquilo tudo simplesmente extraordinário. Perdoem-me expressar-me assim em um livro, mas foi exatamente o que aconteceu. Eu não tinha espaço físico em minha casa para guardar todos os livros que gostaria de adquirir, então, a partir daquele momento eu decidi que não queria fazer outra coisa na vida, queria apenas trabalhar com os livros eletrônicos. E foi assim que começou o meu trabalho com eles.

O aparelhozinho, em minha opinião, revolucionou o conceito do livro. Trouxe os eBooks à ordem do dia e construiu uma nova forma de existir dos textos literários. Além de guardar as fontes, ilustrações e layouts de documentos de uma forma segura em arquivos minúsculos, ajudou a disseminar uma ideia e vantagem que todos os amantes lúdicos de livros esperavam dos eBooks, o de poder levá-los a qualquer lugar, a qualquer hora, sem precisar ficar preso à tela do computador de mesa.



Também sempre gostei de videogames e, embora o mercado trouxesse os mais avançados consoles e periféricos para jogos eletrônicos [e os games evoluindo sempre mais], nunca me desfiz do meu Atari 2600. Chamem-me de saudosista, mas sempre o guardei comigo — mesmo depois de ter comprado um Nintendo 64, um PlayStation, um Xbox e por aí vai. Existe uma razão bem

simples para este meu fascínio: o Atari, tão famoso na década de 1980 [quem na minha geração não teve um?], foi base para instalar uma lógica para a produção em série de jogos eletrônicos. A indústria de videogames não seria a mesma sem o Atari 2600.

O Atari, que foi sinônimo de videogame por um longo tempo [até 1989 foram produzidos jogos para sua plataforma], introduziu o uso doméstico de games no público geral, dando origem a uma importante indústria de entretenimento, que modernamente é equiparada sempre a indústria cinematográfica quando se fala em cifras. E eu penso que o Rocket [alguns pensam que o Kindle fez isso, mas quem conhece a história dos livros eletrônicos sabe que não] poderia ser comparado ao Atari, nesse sentido.

Como? Vamos pegar como exemplo um game que é um verdadeiro clássico da cultura pop: o Enduro. Esse título nada mais era que um carrinho, relativamente estático, que só se movia para a direita e para a esquerda, na tela, e que se desvencilhava de outros carrinhos que apareciam de cima para baixo, numa pista de três vias. O jogo, basicamente, era o tempo todo assim. O que mudava era somente as cenas que apareciam no fundo da tela.

Essa lógica simples, mas inteligente e criativa, é usada até hoje nos enredos dos games de corrida, como a franquia de sucesso *Need for Speed*. É claro que hoje os carrinhos buzinam, se espatifam; é possível escolher o seu motor, cor, modelo, até optar entre o câmbio automático ou manual etc. Porém, quem joga videogame sabe que a forma como o game é desenvolvido por engenheiros, seja da Sega, da Nintendo, da Atari, EA, da Microsoft ou da Sony, está lá no Enduro: umas cenas que passam e mudam variavelmente, e um carrinho tentando ultrapassar os outros para ganhar a corrida.

Fazendo uma analogia, era preciso criar um mecanismo para a produção de eBooks, dentro de um conceito de ambiente gráfico. E o Rocket fez as grandes empresas, que estavam tentando o tempo todo desenvolver protótipos de livros eletrônicos, pensarem.

Hoje, o que seria um e-reader?

Um dispositivo portátil eletrônico, com tela plana de cristal líquido colorida ou não [LCD ou E-Ink], sensível ao toque de uma caneta

ou dedo. Com controle de luminosidade ajustável para prevenir canseira nos olhos e problemas de saúde dessa ordem. Com um "sistema operacional" interno que absorvesse e suportasse um browser — daí o aplicativo reader, "leitor", em inglês — que enxergasse, tal como os navegadores Internet Explorer, Chrome, FireFox, Opera, os textos inteligentes ou hipertextos. Igualzinho à Internet.

Teríamos, então, um computador pequeno, de bolso. Tal qual o antigo eBookMan da Franklin ou o iPad da Apple. No entanto, para se chegar a uma ideia concebida do que seria um e-reader, hoje, começou-se usando as bases de existência do Rocket eBook.

Mas tudo isso acontece de uma forma muito rápida, num intervalo de tempo bem menor que aquele levado entre o aparecimento de computadores de oito bits, a disseminação do Atari 2600 e o megalançamento do PlayStation III ou do Xbox 360.

No Brasil, especificamente falando, em parte por causa da antiga Reserva de Mercado e também por causa da linguagem padrão do equipamento, a grande vantagem de ter, naquela época, um videogame Atari era a de poder trocar com os amigos os títulos pessoais. Exatamente porque o Atari era um videogame que todos tinham, várias empresas o licenciaram, e os cartuchos [uma placa de circuito integrado onde eram gravados os jogos através das ROM's — Read Only Memory] eram compatíveis com todo o sistema, porque de certa forma também era um dos únicos sistemas no mercado. Todos poderiam trocar ideias e dicas sobre os jogos [que todos conheciam].

A isto damos o nome de interoperabilidade.

Isso não foi pensado nos eBooks quando nasceram: os livros eletrônicos eram desenvolvidos num formato incompatível com os de outros modelos de eBooks. Então um livro digital do Paulo Coelho, por exemplo, desenvolvido pela editora virtual X, que usa o modelo de eBook X para leitura em mãos, não poderia ser lido num aparelho de eBook Y, porque eles eram aparelhos cujos formatos eram incompatíveis. Este cenário começaria a mudar depois, com a chegada, em setembro de 1999, da Especificação Open eBook [OeB], hoje conhecida como ePub, que criaria um formato universal de software para todos os eBooks.

Ainda assim, o Rocket eBook, quando nasceu, desenhou uma lógica para a produção de livros eletrônicos [e agora eu vou exagerar] tal qual a lógica para a produção de carros de Henry Ford. No sentido

mais restrito, da massificação deste tipo de produto. A Revolução dos eBooks poderia, desta vez, transformar o mundo do conhecimento para melhor. Porque agora não se tratava apenas de produto de consumo digamos supérfluo, mas de literatura, de geração e distribuição de conteúdo, de democratização do conhecimento.

O Rocket eBook, que deixou de ser produzido depois de sua 2ª edição [chamada ReB 1100], poderia até ser um objeto saído das aventuras de *Alice no País das Maravilhas*, mas sua tecnologia é tangível, existe e está nosso meio.

Na primeira versão, do tamanho de um livro de papel, ele media 19 centímetros de altura por 12 centímetros de largura e pesava apenas 650 gramas. Incrível, bem menos que o iPad de hoje. Era capaz de armazenar até quatro mil páginas de textos e imagens, o que significava 12 romances médios guardados em sua memória.

E tudo o que se construiu e elaborou em termos de eBooks a partir daí, incluindo o famoso Kindle, teria no mínimo as ferramentas que o Rocket oferecia. Senão, vejamos, o Rocket eBook da primeira 1ª geração trazia:

» Acesso às livrarias e bibliotecas virtuais, com a possibilidade de aquisição de obras gratuitas, até então impensado no modo real: mais de 2.000 títulos grátis e mais milhares de *best-sellers* e clássicos antes esgotados;
» Possibilidade de criação de biblioteca pessoal com o software RocketLibrarian;
» Capacidade de armazenamento padrão de até 4.000 páginas de texto e gráficos;
» O leitor podia publicar sua própria RocketEdition, importando documentos pessoais e da Internet, usando o software RocketWriter;
» Marcadores de página e busca rápida dessas marcações;
» Tamanho de um livro de papel: 5 " x 7½ " x 1½;
» Compatível com níveis de segurança [criptografia] exigido pelos detentores de conteúdo [DRM];
» Luminosidade ajustável: equipado com um backlight que o deixava ajustar a intensidade, assim pode-se ler em qualquer lugar;

» Baterias duradouras: de 20 a 40 horas;
» Busca por palavras e frases nos textos;
» Alteração de fonte, para facilitar a leitura;
» Grande capacidade de armazenamento;
» Ferramenta para sublinhar trechos;
» Memória expansível [no caso do hardware interno do Rocket, até 32 MB]
» Compatível com PCs e MACs;
» Base giratória [orientação];
» Dicionário relacionado;
» Peso mínimo: 22oz ou 300 gramas;
» Ferramenta de anotação nas margens de um livro.

Sem exagero, graças à intenção do Rocket eBook, os leitores do futuro teriam acesso a bibliotecas do tamanho da de Alexandria.

Um e-reader Europeu

O mundo editorial continua sendo invadido pelos eBooks Devices ou e-readers. O catalisador de todos eles, em termos comerciais [e até enquanto modelo de negócios] seria talvez o Kindle, muito embora a imprensa tenha insistido em tentar compará-lo com o iPad da Apple. Porém, ambos fazem parte de categorias distintas. O iPad é um tablet e o Kindle é um leitor dedicado. O que pode acontecer é o consumidor final talvez preferir hardwares como o iPad, pelos aplicativos e ferramentas disponíveis. Mas eu ainda acredito na preferência dos leitores pelo e-reader.

Porém, antes do lançamento do Kindle, em dezembro de 2007, já existiam projetos de e-readers dedicados. E eu gosto sempre de dar uma olhada nos projetos que por algum motivo não tiveram continuidade, exatamente porque eles podem nos dar um norte do que não fazer com esta nova realidade que se abre para o mercado editorial através das mídias digitais. Inclusive em termos de padronização, flexibilidade, funcionalidades, interoperabilidade etc.

Na França foi desenvolvido o projeto cyBOOK; nos Estados Unidos, o eBookMan, e na Coreia, o HieBook. Agora, um aparelho, desenvolvido na Itália, chegou a demonstrar que o aparecimento dos eBooks não se tratava de uma moda passageira e que havia um interesse da indústria de tecnologia no assunto. O nome do produto era **MyFriend**. E citamos este projeto por conta da sua tela colorida, afinal o e-reader MyFriend foi um dos primeiros a utilizar a tela em alta resolução, devido ao interesse

crescente de vários consumidores em equipamentos com telas coloridas, algo que percebi a longo de várias pesquisas que desenvolvi.

Algo que precisa ser dito, no entanto, é que não é pelo fato de muitos equipamentos disponíveis hoje não terem telas coloridas que eles não deram certo. Muitos equipamentos da primeira geração, como o próprio Myfriend e o SoftBook, eram coloridos. Então por que não deram certo enquanto produtos de consumo? Porque não convergia conteúdo e não tinham a cadeia produtiva do livro, ou o mercado editorial, inseridos em seus negócios.

Com o MyFriend [pelo menos com o protótipo] podia-se ler livros, textos diversos, jornais e revistas no formato digital, baixados a partir da Web [porque produtos da primeira geração traziam geralmente um modem interno para a conexão com a rede, e não a tecnologia 3G, por exemplo]; ou mesmo podia-se acessar e ler conteúdos carregados a partir do computador de mesa [PC], também conectado ao equipamento através de um sistema sincronizador de dados.

Este sistema [software] de sincronização de dados começou a ser desenvolvido e utilizado a partir do advento dos HandHelds, como os PalmTops e Pocket PCs. Mas esse tipo de sincronização de dados mais antiquados deixou de ser usado com as novas tecnologias de transmissão de dados, como USB e Bluetooth. E este é um dos motivos pelos quais os e-readers da primeira geração não deram certo. Muitas vezes não porque o modelo de negócios aplicado não era eficiente, mas também porque os sistemas dos produtos em si eram muito difíceis de usar para o usuário mediano. O usuário tinha de instalar um software, espetar o cradle [berço] na saída paralela do micro, enfim, uma tarefa realmente muito difícil de realizar para quem quisesse apenas ler um livro.

De qualquer modo, nascido de uma parceria da Microsoft Corp. com a Bsquare, o Myfriend estava sendo desenvolvido com uma tecnologia avançada para a época e com um completo *design* interativo. Oferecia navegação na Internet, enviava e recebia e-mails e permitia até anotações pessoais, igual aos Palms.

Os ávidos por leitura [dizia o site] poderiam ler livros e publicações de educação, no trabalho, em casa, no ônibus, no parque. No MyFriend o leitor poderia carregar, em sua memória padrão, em média até 80 livros comuns com os recursos de hiperlinks, sons, animação e imagens gráficas. Um verdadeiro terminal multimídia móvel.

Imagine-se usando o MyFriend... seus criadores imaginaram!

Imagine-se indo trabalhar [de ônibus ou de metrô] e poder ler seus livros preferidos, enquanto aprende e se diverte

Analisando o mocape e o protótipo, o MyFriend era ergonômico, leve, tinha o tamanho de um livro de papel e pesava um pouco mais que muitos e-reader de hoje [800 gramas]; vinha equipado com uma tela de LCD colorida com uma boa resolução e sensível ao toque [já compatível com a tecnologia ClearType de melhoria da legibilidade].

Como se usaria um MyFriend?

No canto esquerdo do MyFriend existiam dois botões que serviam para navegar pelas páginas dos livros. Muito parecido com o Rocket eBook e cuja estética e *design* foram, mais tarde, copiados ou transferidos para outros devices semelhantes. Para navegar pelas páginas através dos links, bastava clicar sobre a tela com uma caneta de "plástico". Para escrever breves anotações, o leitor podia acionar um teclado virtual [pop-up] também a partir da tela.

Pelo desempenho, era ideal para atividades profissionais; oferecia consulta imediata de manuais, revistas, jornais, dicionários, guias, códigos, obras de referência e outros documentos eletrônicos disponíveis na Web. Além disso, todo o conteúdo, a composição e o texto podiam ser personalizados segundo as preferências de cada leitor.

Durante seu tempo livre ou numa viagem o leitor poderia relaxar ouvindo algumas músicas. Como a maioria dos e-readers da segunda geração, o MyFriend vinha também equipado com um player que suportava arquivos de sons como WAV e MP3, também baixados da Internet.

Enfim, os alunos podem estudar e aprender utilizando um e-reader como o MyFriend. Enciclopédias, textos escolares e notas estarão sempre disponíveis com mecanismo de busca avançada e funções de consulta rápida. Porém, atualmente não existe nenhum e-reader disponível no mercado, ao qual poderíamos comparar o projeto MyFriend.

Observando a maioria dos e-readers atualmente disponíveis no mercado utilizando-se da tela E-Ink, nenhum deles se compara ao projeto que unia uma espécie de tablet médio, na verdade, de um tamanho menor que um tablet, e o foco na leitura.

Quem sabe algum gênio do MIT, algum empreendedor do Vale do Silício ou algum engenheiro da China não consiga quebrar a barreira da trilogia: tela, bateria e estabilidade, e consiga fabricar um hardware que seja leve, arrojado e com um *design* bonito [como o MyFriend pretendia ser]?

Um e-reader Coreano

Eis um e-reader que poderia muito bem ser um device multiuso. Resolvi citar o projeto HieBook neste livro por conta de sua similaridade com os PDAs ou HandHelds. Ou seja, por causa da sua similaridade com outros computadores de mão ou portáteis, uma vez que muitos pseudoespecialistas acreditam que o produto e-reader já nasceu morto, tendo em vista que poderia muito bem ser substituído por outros produtos similares com mais aplicações.

hiebook

O projeto Korea eBook emergiu ainda durante uma discussão que rondava o mundo dos livros eletrônicos, nos últimos seis meses do ano 2000. E que até hoje muita gente ainda perde tempo discutindo, principalmente a imprensa. Alguns diziam que os PDAs ou HandHelds [hoje transferidos para os smarthphones] seriam os preferidos do consumidor porque tais equipamentos traziam recursos diversos, e que isso atrairia público; enquanto outros, como eu, achavam que parte dos leitores preferiria os eBooks Devices, com suas telas prontas para as mais belas histórias de ficção científica.

O Korea eBook, se não rompeu com esta discussão, pelo menos adiantou o que se esperava dos e-readers da segunda geração: um dispositivo eletrônico portátil pronto para receber dezenas de títulos disponíveis na rede, com ou sem outras aplicações diversas.

Mas o HieBook, além de um receptor de livros eletrônicos, era também um organizador pessoal, assim como o projeto italiano do MyFriend. Enquanto os advogados, médicos e executivos usavam seus Palms no dia a dia para agendar suas tarefas, o HieBook parecia ser desenvolvido sob encomenda para estudantes e professores. Certamente teríamos, mais à frente, um receptor de livros eletrônicos que fizesse isso mais graciosamente [era sobre o que eu refletia na época].

Receptores de livros eletrônicos como o projeto GoReader, por exemplo, [aliás, um equipamento de leitura muitíssimo parecido com o Skiff Reader, anos antes deste último ser lançado], eram os que mais faziam o papel do livro eletrônico inteligente; o HieBook, no entanto, já fazia este papel de e-reader e computador de bolso ao mesmo tempo.

Longe ainda dos seus primos, os tablets, os eBooks Devices como o HieBook chegavam para ser mais uma opção para lermos nossos livros. Embora muitos deles ainda não tivessem absorvido 100% da cultura Web, o HieBook, quando anunciado, era o e-reader que mais se aproximava do receptor universal de livros e pensamentos, um ideal almejado, nos anos 60, por Alan Kay.

Características

O HieBook combinava um leitor de eBook complacente com o padrão XML e OeB [atual ePub], ou seja, embora este e-reader tivesse disponível apenas um aplicativo reader proprietário [o HieBook Reader] pré-instalado no aparelho, o tal software reader era compatível com a especificação mais padrão existente dos livros eletrônicos.

O HieBook trazia um tocador de MP3 [coisa que Steve Jobs se

gaba de ter feito com o iPod Touch], mesmo, na época, não sabendo se este era um formato ideal e futuro para a música digital [pois a questão toda do Napster ainda estava começando]; de qualquer modo, não consegui descobrir se o player que prometia vir instalado no HieBook suportava também outros formatos como WAV, AU, MIDI etc.

Tomando notas

Com uma memória básica de 16MB [e também de 32MB], nesse livro eletrônico também se armazenavam dados. É claro que, olhando hoje, esse tamanho ou espaço de memória era extremamente pequeno. Porém, era só uma questão de tempo para o HieBook ganhar versões maiores e upgrades de memórias através dos cartões de memória que estavam começando a ser fabricados naquela época.

O gravador de áudio do HieBook conferia o que foi citado acima sobre este eBook ter sido feito sob encomenda para os professores e alunos: imagine que você fosse aluno de Direito, e que numa aula importantíssima você pudesse guardar a fala do professor e armazená-la para ouvir quantas vezes achasse interessante. O leitor ia anotando no eBook alguns pensamentos seus enquanto o eBook ia gravando a aula. E no meio da palestra — bem no meio — o leitor abriria um título instalado no eBook e conferiria que a fala do professor realmente correspondia aos pensamentos daquele autor de quem ele citava.

Claro que todas essas funcionalidades já estavam presentes em alguns outros PDAs, e se formos pensar bem ainda valia mais a pena comprar um notebook em vez de um PDA; o custo-benefício era e ainda é evidente; a questão ainda era o tamanho e o peso dos equipamentos, ou seja, a portabilidade. Aliás, tamanho é o que mais chamava atenção no HieBook. Medindo 5.6 polegadas diagonalmente, ele pesava apenas 0.5 oz [280 gramas], podemos dizer que o peso *versus* tamanho estava bem dosado para um equipamento da primeira geração.

O HieBook tinha uma tela bem maior que a maioria dos eBooks Devices ou e-readers concorrentes. Um LCD [*touch screen*, claro] capaz de exibir textos e gráficos a uma resolução de 320 X 480 pixels, com direito ao backlight [que ajudava o leitor a usar tons de luminosidade quando se estava ao Sol, à sombra ou mesmo no escuro].

Hora do lazer

Mas se as funcionalidades habituais dos e-readers como os marcadores de páginas e busca, conexão ao PC [desktop] por um cabo de USB [logo quando esta tecnologia de transmissão de dados foi inventada] não bastassem, o aluno, às vezes, cansado de ler aquela montanha de bits para a prova, podia relaxar jogando um game, ali mesmo no próprio HieBook.

Algo curioso, porém, nos chama atenção: com o HieBook podia-se receber e enviar mensagens eletrônicas [e-mails], muito antes do advento dos BlackBerrys; daí a gente já imagina que dois alunos, cada um com um livro eletrônico, poderiam estudar juntos, mesmo que um dos meninos estivesse em casa, por exemplo, se recuperando de uma enfermidade. O professor, que também não poderia ficar de fora, enviaria as questões do dia para o seu aluno que tivesse o livro eletrônico.

A única coisa que os pais não poderiam garantir é que seus filhos estivessem mesmo estudando. Eles poderiam estar jogando RPG, lendo Shakespeare, ou *O Pequeno Príncipe*, uma História em Quadrinhos, recebendo mensagens de namoro pela caixa postal etc. Enfim, são as preocupações que os pais e mestres teriam no futuro com os PSP, Kindle, iPhone ou iPad.

Ferramentas

No Website da HieBook, o interessado encontrava:

» O software HieBook Reader para leitura de eBooks no PC;
» O aplicativo HiBuilder que permitia a criação de eBooks para o HieBook Reader;
» O TidyGUI que permitia a manutenção de códigos HTML;
» O HiGuard, um DRM para editores interessados em comercializar títulos para o HieBook.

Ainda hoje, no Website da eBooksBrasil, o leitor encontra títulos convertidos para o HieBook Reader.

Os Livros Eletrônicos e os HandHelds

Existiram e existem dezenas de modelos de aparelhos portáteis disponíveis no mercado, os quais poderiam muito bem substituir um eBook em valor e concepção. Softwares readers de livros eletrônicos existentes para PDAs [Personal Digital Assistent] trazem funções, por exemplo, iguais às do Kindle para PC [o simulador do Kindle para o desktop]; funções como o marcador de texto, busca por palavra etc. Esses equipamentos são geralmente sensíveis ao toque do dedo ou de canetas especiais, possibilitando escrever na tela. Tais dispositivos, porém, possuem outras características mais abrangentes que os e-readers, como as possibilidades de jogar videogame, ouvir MP3 ou usar uma calculadora.

Existem, no entanto, características simples que diferem um suporte do outro: um, o eBook Device, nasceu para ser um aparelho dedicado à leitura e para o leitor apreciar sua obra preferida de uma maneira nova, sem dispersar em "sujeiras" de ícones, programas e estas outras tarefas tão inerentes aos PCs; enquanto o outro [smartphones, inclusive] é, na verdade, um organizador pessoal.

Alguns projetos de eBooks Devices, por exemplo, o HieBook [o eBook coreano] e o eBookMan, da Franklin, já traziam algumas aplicações como player de MP3 e Games, além de agendas e outros softwares. Neste caso, eles adquiriam características próximas aos HandHelds. Algo que poderá acontecer com o Kindle depois que a Amazon resolveu copiar o conceito de plataforma aberta para desenvolvedores de aplicativos para o iPhone.

Mas não cabe aqui, ainda, é claro, especular a vantagem de um sobre o outro, apenas mostrar o livro eletrônico lido em computadores de bolso [Palm, Pocket PC, Psion, iPhone etc.].

O que são HandHelds ou PDAs?

Antes do advento dos smartphones havia os HandHelds. São pequenos computadores com teclados [ou telas *touch screen*] e funções praticamente iguais às de um notebook, e que podem ser carregados no bolso.

Em geral, equipamentos semelhantes aos HandHelds são cada vez mais leves e baratos que os computadores de mesa. Com eles é possível receber e-mail, acessar a Internet, usar calculadora e agenda eletrônica, entre outras funções. São equipamentos finos e podem pesar de 150 gramas até pouco menos que um quilo. Alguns modelos, mais poderosos e que realizam algumas funções anteriormente reservadas ao micro, já alcançam um bom espaço na memória para o armazenamento de dados, enquanto outros trazem entrada para expansão dessa memória.

Alguns modelos iniciais já vinham com um espaço médio de até 32 Mb. Ou seja, cabiam muitos livros. Uma biblioteca num aparelho desses teria, no mínimo, 300 títulos. Para um estudante de Medicina ou Direito, que precisa carregar e ler muitos livros, é maravilhoso.

Os pioneiros

Entre os modelos primeiros podemos citar o HP Jornada, o Compaq Aero, o Cassiopeia [da Cássio], os da fabricante Psion [há mais de 20 anos no mercado, com o sistema operacional EPOC], por exemplo, o Revo e o IBM WorkPad c3; além de outros modelos de fabricantes como 3Com e Handspring.

Eu gosto de citar esses equipamentos e fabricantes para mostrar que, embora o hardware seja parte importante das novas mídias, ele é tão volátil que não é possível concentrar os nossos negócios nas plataformas físicas, embora às vezes a base instalada nos obrigue a isso.

Quando esses aparelhinhos de bolso [também conhecidos como

palmtops] começaram a ganhar mais visibilidade, ficou a dúvida de qual seria realmente o futuro do eBook Device, uma vez que o que as pessoas necessitavam não era de um aparelho a mais para carregar, como celulares, pagers ou agendas, e sim um que trouxesse, de certa maneira, as funcionalidades em conjunto. E é aqui que a gente percebe que esta discussão volta a pauta do dia novamente quando se fala em Kindle versus iPad; é e aqui que a gente também percebe que esta dicotomia ainda não foi resolvida.

Conteúdo e base instalada

Empresas produtoras de conteúdos específicos para estes e outros aparelhos móveis estavam crescendo para no mundo editorial, e diversos softwares nasceram exatamente para atender à demanda de tecnologia em conteúdo, uma vez que a base instalada desses aparelhozinhos já era grande. Um número considerável de aplicativos para esses aparelhos já poderia ser obtido via download, na rede, — cerca de 25 mil até junho de 2000. Bastava encaixá-los numa base [berço ou cradle] ligada ao PC para que as informações fossem transferidas de um para o outro, em pouco tempo, através de sincronismo de dados.

Hoje em dia, essa sincronização de dados é feita através da porta USB, ou diretamente da Internet, e não é mais necessária a instalação de software de sincronização. E os aplicativos para equipamentos portáteis, como o iPhone, estão todos em espaços como App Store. Em 2010 o iPhone chegou a uma base instalada de 50 milhões de equipamentos, com 140 mil aplicativos disponíveis.

Uma pesquisa da IDC [Internacional Data Corp.], já em 2002, concluía que o número de aparelhos, incluindo os notebooks, com acesso à Internet nos Estados Unidos seria superior ao número de PCs. O mercado de HandHelds no mundo tem crescido tanto que a base instalada desses aparelhos, só no Brasil, em junho de 2000, era de 200 mil usuários, e até o final daquele ano tinha-se uma estimativa de venda de mais de 50 mil portáteis. Nesse cenário, dezenas de empresas estavam oferecendo serviços para os usuários de equipamentos, e bancos estavam oferecendo seus serviços de consultas por meio deles. E é incrível como tudo se repete apesar da aparente inovação tecnológica.

Para nós, tudo isso significava que as empresas envolvidas no desenvolvimento de tecnologias para eBooks sabiam que não era exatamente preciso lançar novos aparelhos; precisavam apenas apontar suas expectativas para o que já existia. A base instalada de computadores de bolso ajudaria a partir daí a difundir mais os livros eletrônicos.

Surgiram então os softwares readers para PDAs, entre eles o PeanutPress Reader [que mais tarde virou simplesmente o Palm Reader], o Express Reader e o francês MobiPocket. Ambos tinham como objetivo levar ao usuário do antigo Palm e dos outros aparelhos a graça dos livros eletrônicos. Como nem tudo são flores, houve aquele momento que dezenas de readers invadiram a Internet e nenhum era na verdade compatível entre si nem com o padrão ePub [na época simplesmente OeB].

O Microsoft Reader

Neste instante era preciso repensar o livro eletrônico, senão ele se tornaria mais um aplicativo difícil de usar, e a população, os estudantes e leitores lúdicos talvez nunca tivessem acesso. Enquanto esses Readers rodavam em PalmOS [Palm Operation System, antecessor do WebOs], a Microsft lançou o MS Reader, que rodava sobre o Pocket PC, um sistema operacional que nada mais era que um upgrade do sistema operacional Windows CE [Windows Compact Edition — hoje chamado Windows Mobile].

Naquela ocasião, o então sistema Windows CE foi imediatamente absorvido por grandes empresas como Compaq, HP, Symbol e Cassio, que trataram de fabricar seus brinquedos com *design* arrojado. Uma diferença entre o Reader da Microsoft e os demais é que ele vinha acoplado a uma tecnologia denominada ClearType, desenvolvida sob o prisma de não prejudicar ou cansar a visão do leitor. E não era só isso, o MS Reader fora desenvolvido para suportar a especificação ePub também.

Naquela época, a imprensa já se confundia toda dizendo que a microsoft estava lançando um eBook reader, quando, na verdade, ela estava lançando um sistema operacional para devices.

Nada se cria. Tudo se copia!

Em termos de hardware, no princípio vieram as calculadoras [descendentes do ENIAC], numa época em que a Microsoft ainda nem pensava em abrir as suas "janelas" para as bombas de gasolina, navegadores em geladeiras, GPS de carros, celulares, muito menos para as gôndolas de supermercados. Ainda bem, senão, naquela época mesmo, com os bugs de seu sistema, iríamos ter de nos acostumar com as calculadoras nos dizendo que "dois mais dois era igual a cinco".

Felizmente, de lá pra cá, com a concorrência do Chorme e do Linux, o sistema Windows evoluiu.

Quando os grandes *mainframes* ainda tomavam conta das enormes salas dos bancos, universidades e centros de pesquisa, a Microsoft estava pensando nos computadores pessoais. A contribuição na consolidação dos PCs através da interoperabilidade do sistema operacional criado foi uma das suas ideias originais para o mundo da computação, de lá para cá ela só tem feito reciclar ideias.

Olhando para trás, a Microsoft reciclou, para não dizer que copiou, o processador de textos WordPerfect, a planilha eletrônica Lotus 123, o navegador Netscape, copiou o PageMaker [alguém aí se lembra de um tal Publish?] e copiou até os consoles de videogame caseiros com o lançamento do console XBox.

Foi assim também com o aplicativo Microsoft Reader. Em 1998, a pioneira NuvoMedia lançou uma nova mídia, na qual o livro eletrônico poderia ser lido, e um aplicativo chamado eRocket, para computadores de mesa. A empresa Adobe, por sua vez, lançou o sistema Acrobat com seu Acrobat Reader, tecnologia que, até então, só fora apresentada como aplicação desenvolvida para dar uma mãozinha ao pessoal da pré-impressão [pré-press], mas que depois acabou, "meio que sem querer querendo", sendo utilizada para a leitura de livros eletrônicos. Mas aí veio a Microsoft e lançou o MS Reader como alternativa de leitura de livros digitais. Ainda tentaram tomar para si a tecnologia XML [algo de que falaremos mais logo a seguir].

Como e por que foi "inventado" o conceito Pocket PC? Para copiar o sistema PalmOS, que, por sua vez, veio na esteira do produto Newton, criado antes pela Apple. Tal qual a Microsoft fez com os computadores pessoais [naquela época a Microsoft emprestou à IBM o seu sistema ope-

racional MS-DOS, e, a partir dali, nunca mais os computadores seriam os mesmos]. No entanto, desta vez, a Microsoft chamou diversos fabricantes e produziu o Pocket PC, baseado num sistema operacional outrora chamado Windows Compact Edition [Windows CE] quando estava na sua versão 3 [igual ao que ocorreu com o Windows depois da versão 3.11].

Enfim, basta dizer que de lá para cá a Microsoft lançou diversas versões da sua versão compacta dos Windows, para equipamentos portáteis, porém, nenhuma caiu no gosto popular e nenhum equipamento ganhou tanta popularidade, como aconteceu com o produto iPhone [por conta do fator telefonia], quando se utilizaram os sistemas operacionais da Microsoft. Agora, enquanto termino a primeira edição deste livro, além de ter a concorrência direta do sistema da Apple, exclusivo das plataformas iPad e iPhone, o sistema mobile da Microsoft ainda tem de amargar a concorrência do sistema Android do Google. Para mim, um nerd inveterado, simplesmentes um mundo fascinante.

Mas, voltando ao passado [sempre com o objetivo de ver onde podemos alocar os nossos recursos futuros], depois de dez anos sozinha construindo um mercado de portáteis, a Palm agora tinha um concorrente, digamos, à sua altura. Um Pocket PC, às vezes, chegava a ser melhor que um Palmtop, mas nós pensávamos nos Palms como hardware e software juntos, como os MACs. Porém, no caso dos Pocket PCs, as máquinas eram todas baseadas no sistema operacional da Microsoft, que conseguiu novamente abocanhar um mercado à custa do histórico da Palm. O bom dessa história é que já existiam portáteis com Linux, EPOC, entre outros sistemas nativos, que já nos dão uma impressão de poder escolher entre vários modelos.

Tudo isso, claro, antes do advento do BlackBerry.

O futuro

Mais tarde, com o lançamento do iPhone, novos softwares readers, como o Stanza e o Audiko, foram desenvolvidos sempre com base nas ideias dos veteranos MS Reader e Palm Reader.

Os livros eletrônicos estão, hoje, disponíveis para todas as plataformas e modelos. Dado que a maioria dos novos HandHelds oferece suporte à WAP [wireless application protocol], ou a qualquer outra tec-

nologia de conexão com a Internet, como o 3G, ficou cada vez mais difícil configurar um futuro para o livro eletrônico como um dispositivo eletrônico somente para livros.

No Brasil, é importante frisar, o perfil dos usuários desses pequenos computadores é bem diferente; porque, enquanto no exterior o uso do instrumento é de caráter pessoal, aqui o uso é quase que exclusivamente profissional e institucional. Fica difícil imaginar que um aparelho ultramoderno, que combina as facilidades de pagers, laptops, telefones celulares ou smartphones e PDA's, como é o caso dos BlackBerrys, realmente não tome conta até do mundo dos livros eletrônicos. Mas ainda assim acredita-se que o livro eletrônico seria apenas uma prancheta eletrônica feita para ler livros, como o Kindle ou o iPad.

Voltando novamente ao princípio do conceito de disponibilização de conteúdo para portáteis, para ler um livro num Palm bastava sincronizar uma única vez um software reader, fazer o download do arquivo de uma obra preferida, numa livraria ou biblioteca virtual, e atualizá-los no portátil. Mas temos de levar em conta que a tela dos equipamentos semelhantes ao Palm, mesmo hoje, não suporta tecnologia do tipo ClearType, e o tamanho da tela não suporta mais que nove linhas.

De qualquer modo, ainda hoje, a tela de um HandHeld, em geral, é relativamente pequena, perto do Kindle DX ou do iPad [para não citar os pioneiros]; deixa sempre muito a desejar. As imagens nos aparelhos HandHelds ainda não são tão boas. Pelo menos nos que ainda têm telas pequenas, muito parecidas com os celulares. Com exceção dos textos que podem ser lidos sem problemas, algumas figuras ilustrativas ou imagens em movimento ainda trazem complicações para determinados softwares readers de alguns portáteis. Algo que não acontece nos aparelhos com telas coloridas, como alguns modelos de iPhone Touch e/ou iPad.

Enfim, são questões minhas de exagero, confesso, mas aprendi, no final das contas que o que conta mesmo, no caso de harwares mais portáteis é a base instalda de usuários. Portanto, neste instante se eu tivesse que circular livros digitais nos pequenos usuários eu apostaria as minhas fichas nos BlackBerrys que tem mais usuários disponíveis que qualquer outra plataforma, mesmo com iPhones e Androids batendo a porta.

Independente do sistema, o segredo da circulação de conteúdo está na base instalada do hardware. Quanto maior for a base instalada de um equipamento, maior é a chance de haver interesse do usuário por conteúdo.

Tablet, o eBook Reader do Futuro?

É sempre assim, pessoas e equipes passam certo período pesquisando, pensando e desenvolvendo ideias, aí vem a uma Microsoft da vida, recicla a ideia e transforma em um "novo produto". Porém, o mais engraçado de tudo isso é perceber que após a Microsoft também copiar a ideia dos tablets, dez anos depois, a Apple fez o mesmo com o seu iPad, e é incrível ver que a imprensa não reportou esse fato no período do lançamento do produto. E já que a imprensa não disse nada a respeito, vale a pena a gente voltar ao passado e ver como surgiu a ideia do tablet.

Dez anos antes do iPad

A história se repete: há algum tempo, algumas empresas da indústria de semicondutores, como a National Semiconductor, por exemplo, lançaram um novo conceito em termos de computação pessoal, conhecido ou chamado de **WebPAD**, um computador pessoal portátil, uma espécie de notebook sem os teclados, que serviria basicamente para navegar na Web. O WebPAD permitiria que o usuário permanecesse conectado à Internet, mesmo que estivesse se movimentando pela casa.

AcornNewsPad, um dos antecessores dos tablets

Anigma WebMan® e Cyrix WebPad

QUBIT WebPAD

Microsoft Tablet PC

A Microsoft, depois de planejar um sistema operacional chamado Talisker, também baseado no Windows CE, que era base para tudo o que era produto, e que permitia o acesso a serviços através da WWW em geladeira, relógio, aspirador de pó, forno de micro-ondas etc., chamou diversas empresas [entre elas a Compaq, sua parceira de sempre, inclusive no projeto Pocket PC, a Transmeta, a Acer, Fujitsu, Tatung, a First International Computer, a ViewSonic e GoAmerica etc.] e "inventou" o **Tablet PC**, um computador compacto em forma de prancheta; igual à ideia original do WebPAD. Ao lado você pode ver o protótipo, muito bonito por sinal.

A solução da Microsoft não era na verdade um PC, mas um conceito "novo", desenvolvido para encorajar as empresas OEMs a construírem equipamentos de "nova" geração. A diferença da época do MS-DOS para essa nova fase, era que, para vender a ideia, seria mais fácil para Bill [até então ainda no posto de principal CEO da empresa] reunir meia dúzia de jornalistas mal-informados e alguns tecnocratas. E, vejam, foi exatamente o que aconteceu com o iPad da Apple; a diferença é que no caso do produto da Apple os Blogs já haviam sido inventados..

QBE Tablet PC e Fujitsu Tablet PC

Compaq Tablet PC

A chave para o Tablet PC era uma caneta e um monitor de cristal líquido *touch screen*, que possibilitariam aos usuários escrever na tela como no papel, igualzinho a um WebPAD. O sistema operacional? O que eu chamo de Windows AC [Windows Alguma Coisa].

O Tablet PC original vinha com um editor de texto [baseado no MS Word] que permitia apagar, inserir, copiar e colar anotações, de forma similar aos ASCII que são editados em computadores convencionais. Para nós, que nos interessamos por eBooks, ele só vai ter uma utilidade eficientemente clara: a de leitura.

Igual ao iPad?

Sim.

Sobre as demais utilidades da maquineta, o leitor interessado pode acessar as páginas da própria Microsoft, e lá encontrará mais informações sobre o tablet que ela chamava de "a próxima geração do computador pessoal". Procure também por "iSlate", na Internet, e perceba que a Microsoft estava tentada em tentar desenterrar mais uma vez o projeto, depois do advento do iPad. E só não fez isto porque, no meio do caminho, sua parceira HP colocou o projeto na geladeira quando resolveu comprar a Palm para tentar salvar o sistema WebOS da UTI.

Portabilidade e legibilidade

A tela em preto e branco, para não dizer monocromática, dos antigos Palmtops, sempre foi uma... chatice. Tentei ler eBooks num aparelho desses, mas não deu; era mesmo horrível. Eu até poderia tentar fazer média aqui neste livro, para fazer a tal da "política da boa vizinhança", mas não dá.

Tudo bem, havia muitos aplicativos eficientes para a plataforma Palm, mas o que interessa aqui por enquanto são mesmo os eBooks. No Pocket PC, embora as telas de muitos aparelhos das diversas empresas

fossem coloridas, o ganho também não era tão bom por conta exclusivamente do tamanho delas.

No Tablet PC, especificamente, a tela TFT de cristal líquido [de aproximadamente 10.4 polegadas] era a melhor coisa que se pode pensar em termos de leitura de livros eletrônicos. A tela era realmente maravilhosa, melhor que o papel. O impeditivo sempre foi o tamanho e a duração da bateria, mas a tela chegava a ser melhor até que a tela de um E-Ink.

O aparelho já vinha habilitado com a tecnologia ClearType de melhoria da legibilidade [uma preocupação recorrente da Microsoft, na época; algo que eu apreciava muito na Companhia]. Se um leitor visse um aparelho com esta tecnologia, pensaria mesmo que o papel estivesse com os dias contados. Os tablets, apesar do peso, sempre tiveram um ganho de tela bem melhor até que readers dedicados, como o SoftBook Reader, que tinha uma versão colorida e muito parecida com o iPad.

Eu nasci há dez mil anos atrás

A diferença entre os antigos tablets e as novas gerações do produto está no número de aplicativos. Precisamos fazer uma pequena pausa para compreender um pouco desse modelo de lojas virtuais que tornaram disponíveis aplicativos e softwares para determinadas plataformas como o iPhone e o iPad.

Como sempre, tudo começou bem lá atrás.

A Palm foi o equipamento na história da indústria de tecnologia com mais aplicativos disponíveis, antes do advento da iPhone. No entanto, no início, a Palm não teve a ideia, ou o cuidado, de juntar todos os aplicativos desenvolvidos [e disponíveis] para a sua plataforma em uma única loja, em um único host, chamada hoje Store.

Um pouco mais tarde, com a concorrência dos dispositivos Pocket PCs, a Palm teve, digamos assim, de se reinventar, lançando as versões do Palm com telas coloridas, algo que os Pocket PCs traziam de fábrica desde as primeiras edições; e a Palm também começou a juntar e a organizar todos os aplicativos disponíveis para a sua plataforma em um único site. Naquele momento, ainda havia um medo exagerado dos vírus de computador, então os aplicativos criados por dezenas de

programadores independentes [que hoje ganharam *status* de desenvolvedores] e pequenas empresas [hoje chamadas parceiros estratégicos e colaboradores].

Infelizmente, a Palm, mais tarde, sofreu uma recaída brusca de interesse do mercado, quando foi lançado o BlackBerry [que juntava telefone com caixas postais de mensagens eletrônicas]. E a coisa toda ficou ainda pior para a Palm quando foi lançado o iPhone, que, desde o início, fez questão de juntar os aplicativos produzidos e desenvolvidos dentro de uma Store [a Apple Store].

Moral da história: mais tarde até a Amazon, que não desenvolvia software, precisou se mover e abrir a plataforma Kindle para desenvolvedores, chamada Kindle SDK, para que desenvolvedores externos criassem aplicativos para seu hardware [e, pela primeira vez colaboradores tiveram um maior interesse em desenvolver aplicativos para e-readers].

E quanto aos aparelhos dedicados à leitura?

Jeff Raikes [Group Manager] apresentou, junto com Bill Gates, na Comdex Fall, em novembro de 2001 [percebam como as coisas se repetem na área de tecnologia], o protótipo de um aparelho portátil, também Tablet PC, desenvolvido pela empresa Toshiba, do tamanho do reader dedicado Rocket eBook ou Kindle da primeira edição.

E eu cito sempre o pioneiro e-reader Rocket eBook para lembrar que parte da tecnologia usada no desenvolvimento do Rocket eBook era licenciada por ninguém menos que a própria Toshiba. Portanto, a Toshiba também foi uma das empresas pioneiras no desenvolvimento de hardwares para a leitura e circulação de conteúdo.

Na ocasião da feira, Bill Gates e Raikes demonstraram também um aparelho Tablet PC do tamanho de um laptop com duas telas sensíveis. Duas telas? Sim, e qualquer semelhança com o antigo e fracassado projeto EveryBook Dedicated Reader e com o protótipo do projeto japonês do gibi eletrônico não era mera coincidência.

Em 2001 eu ouvia: "*os e-readers devices dedicados nem nasceram e já estão com os dias contados, ainda mais com o nascimento do Tablet PC.*" Na verdade, mesmo na época não dava para saber por que, neste caso, a Microsoft só estava reinventando a roda.

Raikes dando umas aulinhas para Bill sobre os tablets
Será que Steve Jobs também teve aulas com ele?

O que a Microsoft e as empresas desenvolvedoras envolvidas estavam fazendo era tirar o teclado real e colocar um teclado pop-up. Mas isso a Palm já havia feito e, depois, até lançou um teclado real, como acessório extra, para quem não suportava mais digitar algo num treco daquele tamanho, que era mesmo ruim e só perdia para os celulares — é certo que não será necessário fazer isso no caso dos tablets atuais.

A Microsoft também tirou os fios do aparelho tentando prever um futuro que todos já sabiam: o wireless; e, percebendo que os microbrowsers e a WAP não iam dar em nada, pensou numa tela decente para o aparelho; por último colocou o aparelho em rede [o que também já era óbvio naquela época]. Mas a Microsoft se esqueceu de um detalhe, quem tinha um celular, um Palm, um notebook e um computador de mesa não ia ver utilidade em seu novo aparelho. A não ser os que eles chamam de hard-users e nerds, com muita grana [será que nós estamos falando dos applemaníacos?].

Mas vamos esperar para ver. As minhas previsões já deram errado uma vez, quando acreditei que os eBooks revolucionariam a leitura no Brasil. Na verdade, ainda acredito nisso. Os aparelhos dedicados à leitura são como batedeiras usadas somente para bater massa de bolo, por exemplo. Podem procurar que elas existem. As donas de casa, mesmo sabendo da existência de multiprocessadores, aquele eletrodoméstico que faz de tudo, perceberam que máquinas que trituram carnes não sabem fazer suco, e máquinas que servem para bater bolo não podem ser usadas para moer café e vice-versa. O melhor é comprar um eletrodoméstico que seja prático e faça bem uma coisa só.

Nosso computador de mesa serve para nos ajudar a fazer os trabalhos de escola, mas ainda não nos deixam confortáveis para ler os livros. Ao escrever num tablet, os usuários poderão tomar notas, poderão preencher formulários, acessar a Web ou ainda trocar informação

com outros usuários. Às vezes, penso que seria muita tecnologia para quem gostaria apenas de ler um bom livro. Além disso, segundo pesquisas junto aos consumidores, o aparelho ainda é considerado bem caro. Principalmente quando se fala em importação e homologação para o Brasil.

Mas esta é apenas a minha opinião que se mostrou certa nos últimos dez anos. Vamos ver daqui para frente. Tem profissional da área de comunicação e até mesmo de tecnologia que acha que convergência é um equipamento como o iPad que faz tudo. Isso não é convergência para nós que somos editores de livros. Convergência para nós que somos geradores e produtores de conteúdo é quando um livro nosso migra para todas as outras mídias, seja ela um iPhone, um Kindle, um iPad, um Skiff Reader ou um Nook. E, neste sentido, o nosso modelo de negócios pode migrar ou evoluir para o desenvolvimento de conteúdo transmídia; ou seja, o nosso conteúdo convergindo para diversas mídias alternativas. E em termos de hardware e software, devemos sempre lembrar que tudo depende da base instalada.

Skiff Reader: Tecnologia fadada a morte sem convergência de conteúdo.

E afinal, o tablet não é um leitor dedicado? Algumas empresas americanas como a **Zinio**, por exemplo, já estavam interessadas em entregar, lá atrás, através de serviços de assinatura, versões eletrônicas de revistas existentes no formato impresso para aparelhos deste segmento. Acesse o Website da Zinio e perceba quantas revistas já tinham migrado para este software reader muito tempo antes do lançamento da plataforma iPad. Não seria mais fácil, ao invés de Steve Jobs correr o mundo

tentando convencer os magnatas da comunicação a migrar todo o seu conteúdo para o iPad, criar uma versão paga de Zínio Reader que rodasse no iPad? E deixar disponível o aplicativo na Store?

Não.

Foi necessário a própria Zinio fazer isto por conta própria e ela mesma colocar o seu aplicativo no iPad através de uma versão desenvolvida quase que às pressas.

Mas, enfim, se alguém adquirir um tablet para a leitura de revistas, poderá gostar muito e ainda se beneficiar, uma vez que o aparelho tem também outras utilidades. É claro que, em termos de eBook, existem muitas questões técnicas que até hoje ainda não foram resolvidas e que estão aquém da simplicidade de ir até uma livraria e comprar um livro. Isso porque a Microsoft, por exemplo, inventou, na ocasião do lançamento do conceito tablet, um "passaporte", uma espécie de cartão virtual que serve, inclusive, para o usuário comprar livros eletrônicos. Algo copiado pela Apple na AppleStore.

A escrita

O tablet da primeira geração não era muito leve e, portanto, não era tão interessante quanto os Pocket PCs em termos de portabilidade. Não cabiam no bolso do paletó e, por isso, chamavam muito mais atenção que os portáteis de bolso; o que é de certo modo ruim em tempos de alta criminalidade nos grandes centros urbanos [mas esse é outro assunto].

Por enquanto, pensamos apenas o seguinte: o tablet acaba se tornando, por este motivo específico, apenas mais um gadget, como um PC convencional, o que não o tornaria diferente de um notebook, porque, não ter um teclado não o tornaria, a princípio, tão diferente dos demais equipamentos. Mais tarde surgiram os netbooks, que seriam um contraponto entre os laptops e os computadores de bolso. Um equipamento um pouco mais interessante para os consumidores em relação aos tablets pelo seu conceito mais aberto.

De qualquer modo, o grande lance do tablet [não se esqueçam dos WebPADs, o tablet é apenas uma cópia] é que se trata de um hardware que permite reconhecer o que se escreve num ecrã plano, o que também não é nenhuma ferramenta nova, dado que o Rocket eBook e

o SoftBook Reader já permitiam isso em 1998. Ou seja, antes mesmo do advento dos hardwares iPhone e iPad, já existiam equipamentos móveis até com telas sensíveis ao toque.

Os tablets como o iPad são ótimos para fazer anotações. O reconhecedor de caractere dos aparelhos foi propositadamente desenvolvido para fazer com que o device chegasse bem pertinho da eficiência do papel. Sabemos, no fundo, que nenhum deles vai conseguir isso de verdade, a curto prazo, mas tudo não passa de uma brincadeira séria. O software interno do aparelho [lá atrás adicionado ao Windows XP Tablet PC Edition, hoje simplesmente Windows 7 ou qualquer outra versão] tira proveito da facilidade de sua tela, pois permite que usuários escrevam, à mão, suas notas pessoais, escolares e profissionais, como se estivessem escrevendo em um bloco de papel em branco convencional, transformando-o em um verdadeiro bloco de notas digital.

É importante rever um pouco dessa história dos equipamentos porque, de certo modo, o hardware é parte do novo mercado editorial; afinal todos os livros eletrônicos necessitam de um hardware para ser lido. Seja ele um computador de bolso, um tablet, um notebook, um smartphone etc.

O livro, o papel e a prancheta

Imaginem um papel eletrônico que fala, ouve, entende o que você escreve, permite ao leitor acessar e ler os clássicos da literatura mundial. Imaginou? Maravilha. Agora coloque um sistema operacional da Microsoft nele. Difícil, não é? Mas pense no lado positivo, a maioria dos softwares para leitura de livros eletrônicos pode ser instalada neste papel eletrônico: os veteranos Adobe Acrobat eBook Reader [ou Adobe Digital Editions] e os MobiPocket Reader, e os mais modernos Stanza e Audiko, entre outros que ainda surgirão e serão desenvolvidos. No caso de algumas versões de tablet que rodam o sistema Microsoft, o MS Reader já vem até instalado de fábrica.

Tudo indica que o tablet [entre eles o iPad e os projetos semelhantes ao protótipo iSlate] pode se transformar numa potente máquina de leitura, bem mais próximo do Memex idealizado por Bush, em 1945, que qualquer outro aparelho e-reader.

O conceito tem se mostrado bastante equilibrado [embora alguns modelos de negócios em torno do tema conteúdo tenham se mostrado um engodo], e tem tudo para se tornar um meio de publicação importante nos próximos anos. A combinação de uma tela sensível ao toque [popularizada com os HandHelds], e com uma exibição de alta qualidade, trará à tela do aparelho a mais íntima experiência do papel. Um efeito colateral interessante na melhoria da resolução das telas é o reaparecimento de *designs* de impressão de ecrãs como válidos para entrega eletrônica, que tem implicações interessantes para publicadores de livros, jornais e revistas.

Emprestando livros

A maioria dos livros eletrônicos vendida com sistemas de criptografia tanto da Microsoft quanto da Adobe [e inclusive os da Amazon] não podem ser emprestados ou mesmo transferidos para outra máquina — do Palm para o computador de mesa e vice-versa, isso também não era possível. Os arquivos de eBooks, graças à criptografia, não eram tão portáveis quanto os aparelhos [e não são tão portáteis até hoje quanto os livros impressos].

Antes que pensem que sou mais um geek raivoso, fanático por Linux, quero dizer que a Microsoft é uma das empresas que mais aprecio, tenho os livros do Bill [em papel, claro]. Gosto bastante dele. Só acho que ele é bem parecido com o Pink, daquele desenho animado que passa na tevê, o "Pink & Cérebro". Eu acho que o Bill Gates e o Steve Jobs são o Pink e o Cérebro.

Brincadeiras à parte, o que eu percebo, no final das contas, é o seguinte: o ideal antes pensado por muitos em projetos ancestrais como o MEMEX, o EveryeBook Dedicated Reader, o XLibris, o Librius Millenium e o DynaBook, entre outros, está agora se tornando realidade, e a famigerada Apple está cuidando de tudo.

O MyFriend rodava num Windows CE, já vinha com o software aplicativo MS Reader e com a tecnologia de legibilidade ClearType. Todos subprodutos de quem? Da Microsoft. É uma pena que a Microsoft tenha esfriado suas expectativas com relação aos eBooks, pois em dez anos este mercado evoluiu bem, mas me parece que a Microsoft

não quis esperar o mercado aquecer. Ela abandonou o projeto ClearType e o Live Search Books, embora tenha feito parte do desenvolvimento inicial do projeto que pretendia estabelecer um padrão de arquivos para os livros eletrônicos, o OeB, hoje simplesmente ePub. Assunto que trataremos mais adiante.

Steve conseguiu um bocado de ouro; fará o mesmo com a prata?

Deixe de lado o que você leu sobre o iPad até agora [pelo menos por enquanto]. Ou são artigos falando do marketing e do hype em torno do lançamento do produto, o que só alimentou expectativas desmedidas sobre o aparelho, ou falam da frustração sobre suas funções limitadas.

Sim, o iPad não é o aparelho revolucionário que os rumores prometiam no início de 2010, nada à altura do "Jesus Tablet" cantado em prosa e verso nos blogs de tecnologia e nas redes sociais. Na primeira edição do produto, faltou entrada para cartões de memória, faltou liberdade de escolha, faltou uma câmera, não é multitarefa.

Mas vejam, segue direitinho a regra da Apple: o leitor pode fazer o que quiser, desde que dentro das restrições impostas pela empresa. Convém dizer também que, se o objetivo comercial era ser simplesmente um "Kindle-killer", isso o produto em novas versões pode conseguir, afinal o preço do Kindle DX para o consumidor final, o modelo com tela maior, era apenas US$ 10 mais barato que o iPad básico [quando este foi lançado].

Se a leitura no iPad como base para livro eletrônico será tão confortável quanto é no Kindle, que usa o papel eletrônico, conhecido por não causar cansaço, visual, só as avaliações isentas é que vão dizer. Sim, porque para matar o Kindle, não basta ser mais sofisticado ou versátil. Precisa ser melhor no que o Kindle e outros e-readers se propõem: uma plataforma de leitura para livros armazenados em formato eletrônico. Mas os fãs da Apple e os seguidores de Steve Jobs não precisam ficar desapontados: com ou sem o cansaço visual, possivelmente eles comprarão seus iPads, com ágios enormes no mercado brasileiro, com pouco ou nenhum conteúdo em bom e velho português. Até porque é assim que vivem os donos de iPods e iPhones no mercado brasi-

leiro, que só podem comprar aplicações legalmente: música e demais conteúdos, só pirateando.

Dito isso, eu diria que, inicialmente, o lançamento em torno do iPad foi o equivalente ao mineiro que, tendo ganho uma fortuna na exploração do ouro, vê mineiros cavando um veio de prata. Ora, ele pensa consigo mesmo: "*se eu consegui ganhar dinheiro explorando ouro, basta aplicar o conhecimento que eu tenho e vou ganhar dinheiro com a prata, superando esses mineiros simplórios que não sabem fazer isso direito*".

Steve Jobs, claro, é o mineiro com olho gordo. A mina de ouro é o iPhone, uma peça realmente inovadora e que revolucionou um mercado reconhecidamente acomodado com uma interface agradável, elegante e de fácil uso. A mina de prata são os eBooks e os PMPs [Personal Media Players], o que a Apple quer abraçar com o iPad.

iPad, o leitor da Apple, rodando seu aplicativo de leitura de livros, o iBooks e lendo o New York Times: funciona tanto na vertical como na horizontal além de ser colorido e touchscreen.

Só que, diferente do mercado de celulares, onde a Apple soube incomodar os gigantes, a seara dos eBooks é terreno novo, desconhecido e pantanoso. É bem verdade que desaponta ouvir a Amazon afirmar que pretende lançar um Kindle com tela colorida só lá no futuro. Possivelmente poderia ter feito isso logo de cara, mas porque não lucrar mais com uma tela monocromática, mais barata, num terreno onde ela não teria competidores à altura?

Os eBooks constituem, agora sim, um mercado que começa a emergir, e, apesar de conter características interessantes, o iPad é inovador, mas não revolucionário. Vejam, a máquina se constitui de uma tela *touch screen*, memória, processador, sistema operacional, conector para entrada de dados, sistema de comunicação WiFi, Bluetooth... tudo o que você pode encomendar com facilidade em inúmeros fabricantes de componentes na China, ou seja, é muito, muito fácil, criar um competidor à altura ou superior ao da Apple. Não por acaso, a HP anunciou o projeto iSlate, basicamente o mesmo conceito, alguns dias antes do lançamento do iPad [a Dell e a Asus também]. Até o fechamento da primeira edição deste meu livro, ainda não havia os preços, também não estavam disponível comercialmente. E provavelmente não estavam porque as empresas deveriam estar fazendo uma conta de padeiro para ver se entravam ou não realmente nesse novo mercado ou se concentram esforços em não perder espaço em notebooks para a Acer, por exemplo.

Resumindo, a Apple vai vender milhares de iPads. Mas não vai dominar sozinha este mercado. Seu motor de inovação vai abrir terreno para que outros entrantes proponham seus próprios modelos de tablets, possivelmente mais baratos e mais versáteis. Pra ganhar do iPad, anotem aí: entrada USB, entrada para cartões de memória, Webcam e fone ou microfone embutidos, o que vai acrescentar coisa de US$ 80 no valor final de um produto competidor.

Informações básicas sobre os tablets

» Sistema operacional voltado mais para a leitura e menos para o processamento;
» Tela sensível ao toque;
» Processador;
» Disco rígido básico com no mínimo 6 Gb;
» Bateria com duração de seis horas em média;
» Conexão sem fio para rede;
» Disponíveis no mercado desde o segundo semestre de 2002;
» Preço médio, US$ 2 mil.

No que interessa à indústria livreira, de qualquer modo, é pensar no conteúdo e não na forma. Devemos fechar contratos de licenciamento para a Apple Store? Sem dúvida! A questão ainda é o custo com a mãe de obra aqui no Brasil. De qualquer modo, lembre-se que muitos lêem livros eletrônicos em seus iPods touch e iPhones, o que soma mais de setenta milhões de consumidores potenciais. Os acordos devem ser exclusivos? Nem pensar. Deve se deixar o terreno aberto para outros competidores que possam ter modelos de negócio e estratégias de atuação menos restritivas do que a Apple, e que forneçam um valor para os leitores e para os produtores de conteúdo. Afinal, o veio de prata é grande e cheio de riqueza. Ainda bem que ele não vai ser explorado sozinho.

Portanto, o que eu quero dizer, no final das contas, é que o mercado ou a indústria editorial deve, mais do que nunca, fazer parte desta roda que sobe e desce, e cujos personagens [Amazon, Apple, Microsoft, Google] podem de uma hora para outra simplesmente engolir todo o nosso negócio.

E o Consumo dos demais Devices Portáteis?

Até o fechamento da edição desse livro não existiam lojas físicas no Brasil comercializando os e-readers. O máximo que se encontra são os smartphones e os HandHelds [computadores de mão ou sistema portáteis]. Para que fossem vendidos os aparelhos em nossas lojas, uma empresa daqui deveria primeiro fazer a importação ou a representação juntamente aos fabricantes. E já existem algumas empresas interessadas em fazer isso, como a Fnac, por exemplo, mas por enquanto é só projeto.

O eBookCult Digital Library Solutions, empresa que fundei em meados de 2001, chegou a comercializar um e-reader no Brasil, e nós fomos os primeiros a fazer isso, o modelo ETI-2 fabricado pela empresa americana eBook Technologies. Mais tarde a empresa Gato Sabido trouxe o modelo Cool-er [também uma importação]. A Amazon internacionalizou (na verdade, destravou) uma das versões do Kindle no segundo semestre de 2009, o que possibilitou a entrada do equipamento no Brasil também.

E existiu um projeto que prometia o desenvolvimento para o lançamento do primeiro e-reader efetivamente montado no Brasil [e não inteiramente importado], como no caso de seus antecessores. Trata-se do Mix Leitor D, que até o fechamento da primeira edição deste livro prometia um lançamento para o segundo semestre de 2010. Um projeto anunciado bem antes do Positivo Alfa, da Positivo Informática.

De um modo geral, os e-readers custam, em média, entre US$200 e US$300. Por enquanto, para importar pessoalmente um desses aparelhos, em razão também da alta oscilação do câmbio, a taxa de importação é

bem "salgada". E não há ainda nenhuma luz no fim do túnel, no sentido de fazer o Governo igualar o e-reader ao livro impresso para que o primeiro tenha isenção de impostos, embora já tenha havido precedentes.

Com isso, o leitor percebeu que, por enquanto, não era interessante adquirir um e-reader. Valeria a pena para o leitor, talvez, fazer uma pesquisa para a aquisição de um dispositivo portátil [um iPhone talvez] ou mesmo um computador de mão mais ou menos parecido com o antigo Pocket PC ou parecido com um Palm.

Flashback

Eu adquiri alguns equipamentos para minha pesquisa sobre o tema e tratei de fazer algumas anotações com relação a isso para que pudesse compreender melhor a relação dos consumidores com os e-readers durante todo esse tempo.

As duas últimas versões do sistema Rocket eBook que adquiri, por exemplo, podiam ser encomendadas a partir do site da empresa Gemstar [até então subsidiária da RCA], ou do site da SkyMall. Neste último, o leitor encontrava dois modelos do eBook, um por U$149,00 [o GeB 1150 com tela monocromática] e o outro por U$299,00 [o GeB 1250 com tela colorida]. Dois equipamentos que não são mais fabricados. E aqui percebemos o quanto não podemos apostar as nossas fichas nos hardware e nas plataformas de circulação de conteúdo com uma abrangência maior.

De qualquer modo, vamos continuar falando dos hardwares para poder entender esta parte melhor. Antes mesmo de a Gemstar lançar esta terceira edição do Rocket eBook [os já citados aparelhos GeB 1150 e GeB 1250], a RCA havia apresentado ao mercado a segunda edição do Rocket eBook [os aparelhos ReB 1100 e ReB 1200, com um preço bem menor].

Para quem ainda não conhece o Rocket eBook de perto, vale a pena buscar na Internet e baixar o simulador eRocket, que não é a mesma coisa que ter um aparelho em mãos, mas dá até para ler os livros. E para quem tem interesse em entrar nos negócios dos livros digitais, dá para perceber por que o projeto Rocket eBook [apesar do hardware ultrapassado] ainda hoje é considerado um dos melhores sistemas de livros eletrônicos existentes.

Os modelos ReB 1100 e 1200 com a marca RCA

Indo adiante, havia disponíveis no mercado, em meados da primeira década dos anos 2000, três modelos do aparelho eBookMan. Conceitualmente o eBookMan era muito parecido com os PDAs [Palmtop e HandHelds], com diversos acessórios, como gravação de voz, calculadora, player de MP3, agenda etc.

O leitor podia adquirir um na própria página da empresa que o fabricava, a Franklin, ou mesmo na seção de eletrônicos da Amazon [decerto, um caminho mais curto para quem tinha cartão internacional]. Aliás, com a venda não só do eBookMan da Franklin, mas também com a comercialização de outros equipamentos equivalentes, foi que a Amazon tomou a iniciativa de desenvolver o seu próprio e-reader. Ou seja, antes mesmo de começar a comercializar o seu próprio e-reader, o Kindle, a Amazon tinha experiência na comercialização de outros sistemas, e é por isso que ela conhece o hábito dos consumidores.

O produto eBookMan da empresa Franklin

No Website da eBookHome, outro canal de vendas que surgiu na época, o leitor encontrava o eBookMan modelo EBM-911 por $199.95; o modelo EBM-901 por $149.95 e o modelo EBM-900 por $129.95. Perceba que o custo deste aparelho era muito mais acessível do que os da segunda geração. Isso ocorre porque a tecnologia da tela era outra. Ou seja, em termos de hardware a questão-chave do preço talvez ainda esteja nas telas.

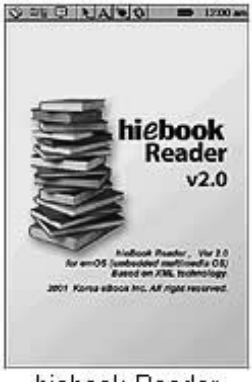
No Website do MobiPocket, o leitor poderia baixar o Mobipocket Reader Emulator e sentir como era um eBookMan. Algo que a Amazon decidiu fazer com o software Kindle para PC e outras plataformas. Algo muito interessante de se fazer. Ou seja, mesmo antes de

tomar a decisão de comprar um e-reader, o leitor consumidor podia testá-lo através de um simulador. A Barnes and Noble seguiu esse mesmo caminho.

Lançado mundialmente pela eBookAd.com o HieBook era um eBook Device tão elegante quanto o Rocket eBook, com tela monocromática e um software reader de alta tecnologia. No site da eBookHome, o leitor encontrava HieBook modelo Hi210 por $269.00, e outro modelo com cartão de armazenamento SMC de 32Mb por $279.00. O problema era o mesmo de sempre, ele também só pode ser adquirido nos EUA, no Canadá e na Coreia. Algo semelhante ocorreu mais tarde com o Sony Reader.

É claro que a Amazon fez isso para desovar o estoque que poderia encalhar logo após o lançamento do Kindle DX. Com o problema de canibalizar o modelo velho de seu próprio produto, a Amazon destravoiu o sistema de conecção de telefonia, e disse que estava internacionalizando o produto.

Olhando, agora, para trás, percebo o quanto a Amazon foi extremamente inovadora ao lançar uma edição internacional do Kindle. De qualquer modo, o leitor podia ter uma pequena sensação do aparelho baixando o software HieBook Reader.



hiebook Reader

Ainda tenho diversos aparelhos da primeira geração, o Rocket eBook, o ReB 1100, o ReB 1200 [respectivas versões do Rocket eBook e SoftBook Reader que sofreram mutações após terem sido vendidas à Gemstar], um Palm IIxe e o Pocket PC Cassiopeia, da Cassio. Também

guardo um Sony Reader, entre outros. De todos eles, o mais interessante, em termos de modelo de negócios, é realmente o Rocket eBook.

Mas, por enquanto, os leitores ainda terão de esperar um pouco até que outros equipamentos como o Nook, o QUE ProReader, o ALEX Reader [todos da segunda geração] cheguem ao Brasil, ou poderão adquir outro dispositivo eletrônico similar, como um iPhone ou algum computador de mão ou sistema portátil, que não são exatamente aparelhos dedicados à leitura como o Kindle, mas permitem o acesso e a leitura de livros eletrônicos. Dos e-readers de segunda geração disponíveis no Brasil, o Cool-er me pareceu o melhor, pois até o fechamento da primeira edição deste livro, o Positivo Alfa e o Mix Leitor-d eram só promessa.

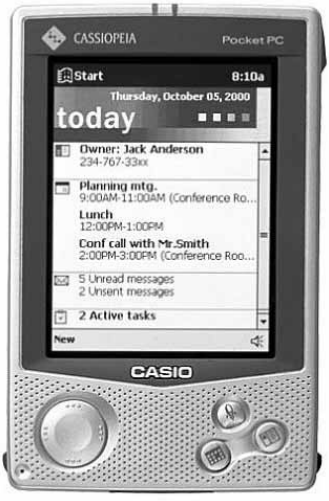
Uma opção seria o computador de bolso ou um smarthphone

Mesmo que se tenha, ainda hoje, uma série de formatos para eBooks, sempre foi possível ler títulos em quase todos os formatos em um único aparelho: o Pocket PC.

Os Pocket PCs não foram exatamente aparelhos dedicados à leitura, como o goReader, por exemplo, mas vinham equipados com tocador de MP3 [antes do iPhone e do iPod Touch], agenda eletrônica, calculadora e mais o leitor de livros eletrônicos. O leitor poderia, inclusive, instalar outros softwares readers neles. Ele quase foi confundido com um e-reader pela imprensa porque na época a Microsoft anunciou junto com o conceito de Pocket PC (leia-se OS) o aplicativo MS Reader. E aí, a imprensa especizlizada chegou a cogitar que a Microsoft estava lançando um eBook (não existia ainda o termo e-reader) para concorrer com o Rocket.

Não houve ainda uma consolidação de um único formato, esperamos que o leitor possa influenciar nesta escolha através da opção ePub. E é por esse motivo que muitos entusiastas acreditavam que o futuro da leitura dos títulos eletrônicos estava em equipamentos portáteis como o iPhone e os smartphones que rodam o sistema Android do Google. Mas até o fechamento da edição deste livro, isso ainda não havia sido resolvido. Ou seja, ePub parecia ser o formato padrão, porém havia o impedimento dos custos de conversão.

Só para ter uma ideia do diferencial dos Pocket PCs [principalmente para nós do mercado editorial] em relação aos portáteis similares ao iPhone, os Pocket PCs já vinham com o Microsoft Reader pré-instalado de fábrica. Ou seja, não havia a necessidade de acessar uma Store para adquirir ou baixar o aplicativo. Isso significa que, quando o usuário acessa uma determinada Store, ele não tem à sua disposição tantos aplicativos para a leitura dos títulos eletrônicos quanto tem para outras tarefas como tocadores de MP3. O que atrapalha o nosso negócio.



O Pocket PC da Cássio não fazia ligações

O fato é que o leitor também podia instalar nos Pocket PCs o MobiPocket Reader, o iSilo ou Palm Reader, o AportisDoc, o Adobe Acrobat Reader [ambos excelentes aplicativos de auxílio à leitura de livros eletrônicos], além de outros menos significativos. Ou seja, os novos portáteis são realmente mais versáteis, porém, os melhores softwares de leitura estão ainda, infelizmente, fora de suas Stores.

No caso de um Palm, por exemplo, o leitor podia instalar o Adobe Acrobat Reader, o iSilo ou o Palm Reader ou, ainda, o AportisDoc. Este último era mais comum no Palm mesmo, porém com versões para o antigo sistema operacional Windows CE dos Pocket PCs também. No caso do aplicativo AportisDoc, uma das vantagens era a de que o leitor podia facilmente transformar documentos PDF em DOC para serem lidos nele.

Todos esses softwares readers, citados acima, o leitor encontrava gratuitamente na Internet e não os comprava numa Store relacionada diretamente a um único sistema, como acontece hoje com o sistema Apple Store. Portanto, houve uma espécie de retrocesso nesse novo modelo de Store imposta pela Apple e copiada pelo Google e pela Nokia no que diz respeito aos bons softwares ou aplicativos de leitura de livros eletrônicos.

Devo dizer que as telas dos aparelhos portáteis ainda hoje são bem pequenas, o que eu pessoalmente não aprovo no que diz respeito à leitura de livros eletrônicos. Colocando-me um pouco no lugar dos leitores, depois de conviver dois anos com um Sony Reader, nenhuma

telinha LCD do tamanho de uma calculadora iria me convencer. Ainda mais num celular cujo menu já toma 30% da tela. Mas esse é outro assunto que trataremos em uma ocasião mais à frente.

O bom, na verdade, é que existem modelos de aparelhos portáteis muito baratos, mais acessíveis que os e-readers, o que já é interessante se formos considerar a base instalada de certos equipamentos para circularmos os livros eletrônicos. Cito novamente um aparelho antigo, o Palm Zire, que chegou a ser vendido por apenas R$ 499,00 em lojas populares, aqui mesmo no Brasil.

Às vezes eu me pergunto o que aconteceu. Por que os livros eletrônicos não caíram no gosto popular logo na primeira tentativa da indústria de introduzir o conceito?

O leitor pode esperar mais um pouco para adquirir um eBook dedicado ou, se preferir, adquirir um aparelho mais genérico, que já permite a instalação de um software reader. Para isso, deverá acessar alguns sites para fazer sua pesquisa, pois as novidades são muitas e mudam a toda hora. Sugiro a visita ao site deste livro, www.ebookreader.com.br, onde mantenho atualizações sobre o tema.

Existem algumas lojas físicas em São Paulo, algumas lojas de shopping, onde o leitor pode encontrar um iPhone, mas fica mais seguro mesmo fazer uma pesquisa antes. Por exemplo, algum tempo atrás, quando alguns portáteis eram ainda mais interessantes para os livros eletrônicos, o leitor encontrava todos os modelos de PocketPC: o Jornada da HP, o Cassiopeia da Cassio, entre outros; com tutoriais, especificações e outras dicas de modelos. Os Pocket PCs já ganhavam em termos de custo-benefício com relação aos e-readers dedicados da época. Eram muito bons como organizadores pessoais e computadores de bolso. Eu tive, no escritório, o Cassiopeia já com o supracitado Microsoft Reader instalado.

O Palm antes dos BlackBerrys

E continuo citando os equipamentos mais antigos para que o leitor deste livro perceba o quanto são frágeis, voláteis e simplesmente inócuos os diversos hardwares lançados o tempo todo pelas empresas de tecnologia.

Entre os modelos de Pocket PC, o melhor era o iPaq da Compaq. Eram caros, entre R$ 1.300,00 e R$ 1.500,00, em média, mas eram excelentes. O problema dos Pocket PCs [e da maioria dos outros portáteis] talvez estivesse na bateria. Durava pouco e o leitor tinha de tomar cuidado no carregamento, pois poderia perder informações. Algo que ainda não foi resolvido, mesmo depois de dez anos de inovação na área. A opção de pilhas dos Palm era melhor. Só que a Palm perdeu todo o espaço dos portáteis com o advento do iPhone e o lançamento dos demais smartphones.

Equipamentos mundialmente lançados só chegam ao Brasil um ou dois anos após suas respectivas primeiras versões

Ou seja, com exceção do fator tela, outro fator que sempre foi decisivo para a introdução dos hardwares como substituto dos livros impressos é a duração das baterias desses equipamentos.

E eu citei todos esses equipamentos e preços para que o profissional do mercado de livros, interessado em eBooks, perceba que quase não dá tempo de haver uma diminuição de preços nos equipamentos. Eles são imediatamente tirados de linha e uma novidade é lançada com o preço alto. Ou seja, a própria de Lei de Moore obriga as empresas de tecnologia a reinventarem quase que diariamente os seus equipamentos para manterem-se com os seus preços também imadiatamente nivelados. E é aqui que o desafio é maior, embora possa haver um consumo mais acentuado de conteúdo, uma vez que o consumidor sempre precisará migrar de hardware.

Nesse sentido, quando um determinado produto começa a ganhar notoriedade e popularidade a ponto de ter uma base instalada interessante para a circulação de conteúdo, um novo modelo é lançado e toda a base instalada anterior é quase que praticamente perdida. E isto ocorre principalmente quando há uma mudança muito significativa no sistema operacional que obriga o usuário a migrar imediatamente às atualizações.

Bem, é isto. Há leitores que preferem um eBook Device, um e-reader, porque querem mesmo um dispositivo dedicado à leitura. E

há leitores que preferem um computador de mão, um smartphone ou qualquer outro aparelho portátil, por causa do custo-benefício. O fato é que os livros eletrônicos podem ser lidos numa miríade quase infinita de aparelhos e gadgets. O desafio para nós do mercado editorial é encontrar aquele que tenha a maior base instalada de consumidores para que se possa oferecer um catálogo de livros interessante para o público consumidor.

Vem hardware e vai hardware, o importante para as editoras é manter o foco no conteúdo. Pois, cada vez mais, é nisso que os consumidores irão apostar, nos equipamentos que mais trouxerem conteúdo relevante.

Quanto à chegada dos eBooks Devices ao Brasil, o jeito é esperar que alguma empresa especificamente do ramo editorial por aqui se interesse pela sua efetiva introdução. O que temos infelizmente são alguns entrantes aventureiros. Já se vão aí pelo menos uns 20 anos desde a abertura da Reserva de Mercado, mas no Brasil as coisas são lentas mesmo. Já ouvi gente dizendo: "*O Brasil não lê, quem compraria um aparelho desses?*". A resposta é: o Brasil lê, sim, os livros é que são considerados caros, talvez por causa da nossa cultura de não dar o devido valor aos livros.

E não é porque uma determinada tecnologia ainda não vingou na Europa, nos EUA ou no Canadá que ela não pode dar certo aqui no Brasil. Pelo contrário. Nos países considerados primeiro mundo o número de bibliotecas e livrarias é grande. Talvez aqui a tecnologia fizesse mais sentido que lá.

Os Softwares Readers para eBooks

Até aqui, vimos alguns exemplos de e-readers, desde os pioneiros até alguns casos que fracassaram. Em seguida, fizemos um review de praticamente toda a história da computação móvel, sempre do ponto de vista dos livros eletrônicos para tentar amenizar, senão, sanar, as questões que envolvem o tema.

Agora, analisaremos um pouco mais os softwares.

Quem já tem um dispositivo eletrônico dedicado à leitura, como o Nook, o Kindle ou o ALEX Reader, certamente não precisa se preocupar com o software de leitura, pois ele já vem instalado no aparelho. às vezes os aplicativos de leitura se confundem com o próprio sistema operacional da maquina. De qualquer modo, este capítulo traz um resumo dos principais aplicativos readers, desenvolvidos pelas maiores companhias de tecnologia da informação e que poderemos considerar como aplicativos que trouxeram as ferramentas básicas para a leitura dos eBooks.

Como dito anteriormente, existem dezenas de aplicativos disponíveis que auxiliam na leitura de documentos eletrônicos. Alguns são bem conhecidos do grande público da Internet, como os browsers ou navegadores, os processadores de textos, entre outros plug-ins [programas de auxílio].

Há, no entanto, programas, aplicativos ou softwares criados para a leitura não de documentos comuns como páginas da Internet, mas criados especialmente para a leitura de livros eletrônicos em tela. São

os chamados "readers", programas que podem ser instalados em computadores de mesa [PC, Linux ou MAC], laptops, notebooks, em HandHelds [computadores de mão, como os Pockets PCs e os PalmTops] e até em smartphones [como Nokia e o iPhone].

Esses softwares sempre puderam também ser instalados em aparelhos eletrônicos dedicados à leitura [como no caso dos pioneiros MyFriend, o HieBook, o eBookMan etc.], embora nesta nova fase da introdução dos livros eletrônicos os aplicativos não estejam sendo desenvolvidos no conceito cross plataform ou aberto, e sim para devices muito específicos. Neste sentido, houve uma mudança de paradigma, ou seja, antes os aplicativos eram desenvolvidos de modo que pudessem ser instalados em diversos sistemas e devices; agora, porém, os aplicativos estão sendo desenvolvidos para equipamentos específicos. Esse movimento é cíclico, depende do cenário econômico para a indústria de tecnologia.

De qualquer modo, uma das vantagens de ter um programa reader instalado em uma máquina, e não um browser ou um plug-in qualquer para a leitura específica de eBooks, é que estes softwares ou aplicativos trazem dezenas de ferramentas que pretendem ou tentam mimetizar o livro padrão.

Os softwares readers pioneiros para computadores de bolso

- Acrobat eBook Reader
- MobiPocket Reader
- MS Reader
- Palm Reader [baseado no PeanutPress Reader]

O pioneiro MS Reader, por exemplo, trazia junto do software uma tecnologia que pretendia fazer com que a leitura de fontes tipográficas numa tela, fosse ela qual fosse, se tornasse mais prazerosa. Tratava-se de uma tecnologia chamada ClearType, que tentava fazer com que os olhos do leitor não se cansassem após horas de leitura. Para quem tinha um aparelho Pocket PC, que vinha com o aplicativo em questão pré-instalado, havia níveis de controle da luminosidade de todo o am-

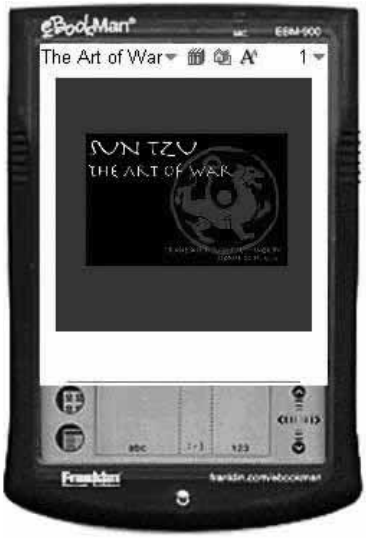
biente de leitura. Nos equipamentos mais modernos, essas problemáticas vêm sendo superadas com o desenvolvimento de novas tecnologias das próprias telas.

Resolvi citar novamente os pioneiros, não só porque os conheço bem e por ter testado cada um deles, mas porque o meu objetivo é mostrar que não houve muita inovação em termos de aplicativos e softwares para a leitura de livros eletrônicos na nova safra de aplicativos. De qualquer modo, o leitor interessado em garimpar na Internet atrás de títulos de seu interesse deve pensar qual software se adapta melhor ao seu portátil [Pocket PC, PalmTop, iPhone, BlackBerry], ou seja lá qual for a máquina que tenha. Sobre os mais novos softwares readers, recomendo o aplicativo Kindle para PC, iPhone e BlackBerry, o Stanza, o Iceberg, o Aidiko e o Barnes & Noble eReader [também para o iPhone] além do Borders eReader for Apps.

Mais softwares podem ser encontrados no Website deste livro em www.ebookreader.com.br.

Mas vamos aos pioneiros, pois temos muito que aprender com eles:

MobiPocket Reader



O clássico A Arte da Guerra, lido com a ajuda do aplicativo MobiPocket Reader num aparelho da primeira geração eBookMan

O MobiPocket Reader é uns dos melhores aplicativos para leitura de eBooks de todos os tempos. Trata-se de um aplicativo moderno, compatível com o padrão dos eBooks [ePub] e que traz ferramentas exclusivas para quem pretende editar seu próprio livro e distribuí-lo sem nenhum problema pela Web; pois ele também traz um poderoso sistema de gerenciamento de direitos autorais. Ou seja, além de ler uma infinidade de formatos distintos, o aplicativo MobiPocket Reader ainda roda títulos abertos sem criptografia e títulos fechados com Direito Autoral assegurado.

O MobiPocket Reader é um dos poucos softwares readers que "roda" em diferentes sistemas, plataformas e hardwares:

» Windows PC [desktop, no início, através de um simulador]
» Palm OS
» Windows CE 2.x e Windows Mobile [PocketPC, Smartphone]
» Franklin eBookMan;
» Symbian OS [Nokia Series 60, Nokia 9210/9290, Sony Ericsson UIQ...]
» Psion Epoc32
» BlackBerry
» Dedicated ePaper devices [Cybook, iLiad]

Adobe Digital Editions

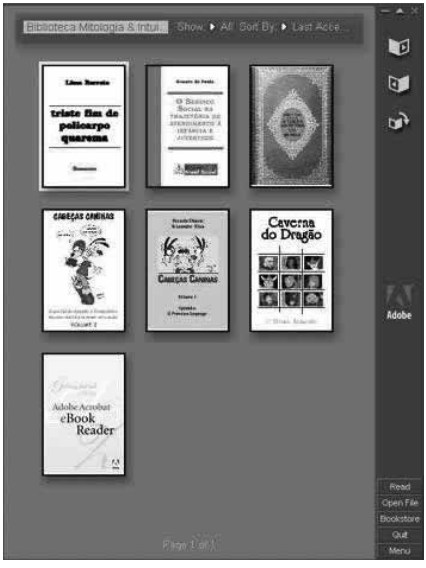
O aplicativo Adobe Digital Editions nasceu do projeto Acrobat eBook Reader ["primo de primeiro grau" do Acrobat Reader], outro aplicativo desenvolvido pela empresa americana Adobe Systems para leitura de arquivos digitais no formato PDF [Portable Document Format — traduzindo, "documento em formato portátil"].

Este aplicativo era chamado, há algum tempo, GlassBook Reader, mas recebeu um novo nome quando a empresa GlassBook, sua criadora, foi adquirida pela própria Adobe Systems.

O Acrobat eBook Reader [atual Adobe Digital Editions] também sempre foi muito interessante por "rodar" em diferentes hardwares e sistemas, entre eles:

» Palm OS
» Windows
» Pocket PC
» Desktop [PC, MAC, Linux etc.]

Atualmente há uma versão do aplicativo para aparelhos móveis.



Biblioteca Digital Pessoal no antigo Acrobat eBook Reader

Microsoft Reader

O MS Reader é um aplicativo disponível para computador de mesa e para portáteis que rodam o sistema mobile do Windows. O MS Reader foi desenvolvido pela empresa americana Microsoft Corp., quando esta percebeu, em 1999, o poder do Acrobat Reader da Adobe Systems e o poder do eRocket, aplicativo simulador do Rocket eBook, então da Nuvomedia.

A Microsoft, de certo modo, sempre desenvolveu seus aplicativos com base no trabalho de outros playres, mas o programa é mesmo bom, um dos melhores.

Biblioteca Digital Pessoal no MS Reader

Palm Reader

O Palm Reader é o exemplo de um software reader pioneiro que foi desenvolvido para uma plataforma específíca, embora o aplicativo também rodasse em outros sistemas. Mesmo sendo um aplicativo dedicado desenvolvido para esta plataforma, existiam outros aplicativos também disponíveis, como é o caso do PeanutPress Reader e do MobiPocket Reader.

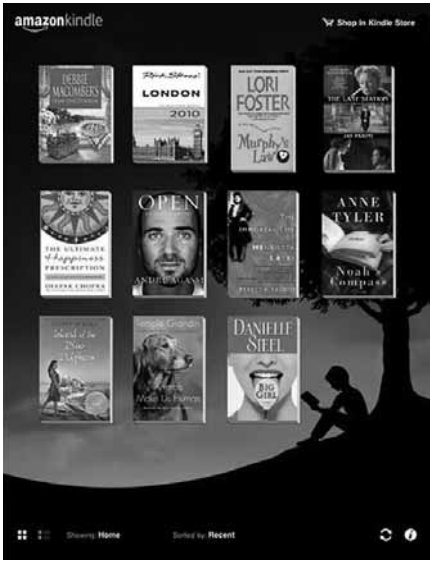
Devido a uma espécie de verticalização dos aplicativos, eles não estão sendo desenvolvidos para serem instalados em diversos devices, mas sim em sistemas como o Android. E mesmo assim, cada device tem o seu próprio software reader específico. Ou um determinado device traz diversos aplicativos disponíveis em uma *Store*. De qualquer modo, a tendência seja talvez, no futuro, haver dois ou três softwares que possam rodar em diversos sistemas, plataformas e hardwares. Este é o caminho. Esta é a forma mais inteligente de prover conteúdo.

Quanto mais hardwares estiverem disponíveis no mercado, menor será a necessidade de mais softwares readers que rodem numa gama

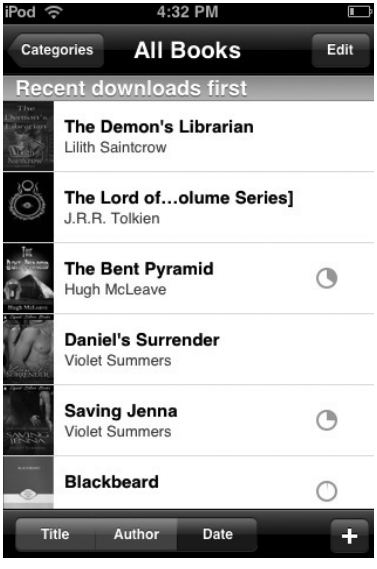
maior de plataformas com o objetivo de convergir o conteúdo. Só que, infelizmente, o problema é ainda anterior: existem diversos sistemas operacionais para computadores portáteis ou sistemas de smarthphones, como é o caso do Palm OS [WebOs], Windows Mobile for Smartphones, Symbian, Psion Epoc, Android e os demais para BlackBerry, modelos da HTC e iPhone.

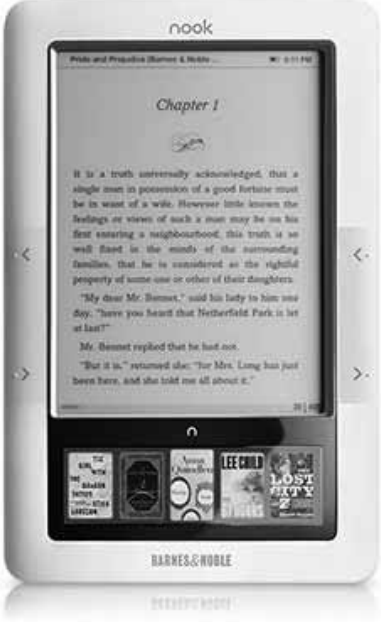
O aplicativo Palm Reader rodando num device Palm

Portanto, antes mesmo de os aplicativos readers para livros eletrônicos tornarem-se padrão [de tecnologia ou mercado], é necessário aguardar que o cenário favoreça um ou outro sistema operacional. E isso não deve se revolver a curto prazo. Assim sendo, o mais sensato é atentar para os aplicativos de leitura que rodem em diversos devices, como é o caso do MobiPocket Reader, em vez de apostar as fichas em aplicativos que rodem em uma única plataforma [a não ser que essa plataforma tenha uma base instalada que seja tão grande que compense a convergência]. O futuro aponta para o Android, que parece hoje ser o sistema operacional que mais converge hardwares, aplicativos e conteúdo.



Aplicativo iBooks para iPad, iPhone e iPod e aplicativo Kindle,
da Amazon para dispositivos Apple.





Aplicativo Nook, da Barnes and Noble para dispositivos Apple e na sua plataforma original.

Os Diversos Formatos de Arquivos dos Livros Eletrônicos

Até agora, nos capítulos anteriores, nós vimos o exemplo de diversos hardwares [passando pelo conceito dos tablets e outros equipamentos mais portáteis] e de diversos softwares de leitura com o objetivo de mostrar que há esses dois itens importantes quando se pensa num modelo de negócios para os livros eletrônicos.

Porém, um dos motivos de o livro eletrônico não ter se tornado mais popular em menos tempo que se havia previsto é a existência de dezenas de formatos de arquivos eletrônicos que podem conter textos.

Ou seja, além de haver diversos hardwares e diversos softwares, ainda há a problemática de haver diversos formatos. Assim, ao contrário da indústria fonográfica, que teve de amargar um rápido declínio em menos de uma década, por conta do formato compacto MP3, que se tornou um padrão de consumo, o mercado editorial para o seu bem ou para o seu mal não teve o mesmo rumo.

Os textos de um livro podem ser separados tecnicamente por títulos ou capítulos [entre outras separações]. No entanto, um simples arquivo eletrônico com texto pode ser considerado um eBook? Esse é o desafio do mercado editorial. O que é e o que não é um eBook, no sentido técnico. Então, vamos falar dos diversos formatos de arquivos digitais que podem conter um texto e compor um eBook.

Entre os formatos mais comuns estão: ASCII, TXT, HTM, HTML, CHTML, XHTML, XML, OPF, LIT, PRC, PDB, PDF, WAP, x-doc, WML, DOC, DocPalm, RTF, RB, EXE, SWF, KML, HLP, TK3, ePub etc.

A questão da interoperabilidade

Para um leitor que quer apenas ler um livro, isso tudo é realmente uma bagunça. Tantos hardwares, tantos softwares, tantos formatos. Mas é como se um mesmo livro, se fosse em papel, estivesse disponível em vários tamanhos e qualidades diferentes [em formato pocket, com capa dura, brochura, costurado, papel especial, ilustrado, em cores etc.]. Embora seja certo que, com o livro em papel, o leitor repare menos nisso, pois já está culturalmente acostumado; no caso dos eBooks isso é indício de um problema gigantesco. Um entrave nas vendas.

Alguns arquivos citados acima, no entanto, podem não ser necessariamente um eBook. Podem ser formatos de arquivos que foram criados a partir de processadores de texto ou de programas diagramadores de páginas como o Publisher e o MS Word, o PageMaker, o InDesign, o QuarkXpress, o CorelVentura, entre tantos outros novos e velhos programas de autoria. Alguns desses programas são usados para diagramação de livros que serão impressos, aumentando ainda mais a confusão de formatos [e eu cito os velhos aqui neste livro porque muitos livros ainda não foram resgatados do seu limbo eletrônico].

Entre alguns arquivos produzidos a partir de programas usados para fazer livros em papel, estão RTF, DOC, PM5, P65, CDR, INN, TIF e por aí vai.

Para quem apenas quer ler um livro, basta entender o seguinte: já existe uma tendência natural na padronização dos livros eletrôni-

cos [leia mais no capítulo sobre a padronização dos eBooks]. No geral, quando um Website torna disponível um título num determinado formato de arquivo, o próprio Website já indica em qual software esse arquivo deverá ser aberto [na maioria das vezes, arquivos em formatos compactos].

O mais popular dos formatos de eBooks é, sem dúvida, o PDF. Outra alternativa mais interessante, porém mais problemática para o mercado editorial – pois representa um custo a mais com a conversão – é o ePub.

É necessário que se repita que arquivos de livros eletrônicos genuínos só começaram a aparecer a partir de 1998, quando foi lançado o Rocket eBook. Junto, a Nuvomedia colocou na Internet o simulador do aparelho que permitia a leitura de arquivos de livros eletrônicos especiais na tela do computador. Hoje, esses simuladores são chamados de aplicativos.

Um pouco antes, a Adobe também já havia lançado uma versão compacta do seu leitor de arquivos de impressão, o Acrobat Reader. Quando alguém na Adobe percebeu que arquivos PDF cabiam num disquete, estava lançada a semente dos eBooks.

E é aqui que entra a minha ideia de haver um e-reader dedicado contruído todo ele especificamente para a leitura de livros digitais em formato PDF. Afinal, o Adobe Reader é de longe o melhor aplicativo reader para a leitura de arquivos PDF. Então, além da portabilidade do próprio arquivo o que falta para o PDF se tornar efetivamente o formato padrão? Um e-reader que portabilize ainda mais o PDF. E é nisto que a Adobe poderia apostar já que houve um histórico da sua plataforma de software Flash em divergência com a plataforma de hardwares da Apple. Ou seja, só uma versão do aplicativo Adobe Reader para equipamentos portáteis não basta.

De qualquer modo, consideramos arquivos de livros eletrônicos [eBooks] apenas aqueles passíveis de serem lidos em softwares especiais de leitura [os eBook Readers], com ferramentas como bookmarks, procura, dicionários relacionados, hiperlinks etc., cujos títulos possam ser levados em aparelhos portáteis [dedicados ou não].

Exemplos de formatos considerados eBooks genuínos, fora o ePub, que eu tiro da lista por considerá-lo o principal:

» eBook Pro [Executável]
» Xkml [HieBook]
» Libros em Red [Executável]
» lit [MS Reader]
» NetLibrary Reader
» pdb [MobiPocket Reader]
» prc [PalmReader]
» PDF [Acrobat eBook Reader]
» rb [Rocket Edition]
» [SoftBook Edition]
» ReB 1100 [baseado em rb]
» tk3 [TK3 Reader]
» WineBook [Executável]
» GlassBook Reader [baseado em PDF]
» Xmdf [formato desenvolvido pela Sharp]

Não existe um formato de arquivo de livro eletrônico que seja melhor que o outro. É possível apenas indicar algumas qualidades em alguns softwares readers específicos para livros eletrônicos, como é o caso do pioneiro MobiPocket Reader, que, de longe, é o melhor software reader [que lê arquivos no formato PRC, PDB, HTML, TXT, além do ePub].

Mas o Acrobat eBook Reader ou Adobe Digital Editions [que lê arquivos no formato PDF] também tem suas peculiaridades diferentes do MS Reader, por exemplo. O leitor vai perceber que são tecnologias diferentes e com propósitos distintos. O leitor pode até se confundir no começo, mas, no final das contas, é ele quem vai decidir qual deverá ser o formato de livro eletrônico que deverá predominar. Enquanto isso, a briga continua.

Para o autor que pretende editar um livro no formato eletrônico é necessário apenas que se saiba que com o Bloco de Notas é possível fazer um eBook da melhor qualidade, independente do software onde ele será lido.

Confira, abaixo, alguns dos formatos que não são considerados necessariamente eBooks, embora alguns possam ser base para virar um livro eletrônico [como é o caso dos arquivos com base em hipertexto]:

» arquivos em formato ASCII
» arquivos EXE [executáveis em geral]
» doc [MS Word]
» hlp [arquivos Help do Windows]
» htm
» xml
» rtf [Rich Text Format]
» fla [arquivos Macromedia Flash]
» txt [Bloco de Notas]
» html
» xhtml
» zip [arquivo compactado]

E, para terminar este capítulo: na prática não existe um arquivo ou um formato no qual o leitor pode se apegar e esquecer-se do resto, porque alguns livros estão disponíveis em um único formato. De qualquer modo, o formato mais convergente, mais padrão, apesar de algumas questões, sem dúvida alguma, é o formato ePub.

Alguns Websites colocam à disposição seus eBooks em diversos formatos [um mesmo título]. Se o leitor abrir sua pesquisa para dois ou mais Websites, a possibilidade de o número de formatos aumentar é ainda maior. E é até possível que ainda surjam outros formatos por aí [esperamos que não, os mais de 30 já contabilizados em minha pesquisa bastam].

Mas, se quer uma dica, não comece pelo formato, comece com o software que vai lê-lo ou vai disponibilizar o conteúdo: MS Reader, MobiPocket Reader ou Adobe Digital Editions.

E para descobrir a melhor opção, pesquise a base instalada.

A Especificação OEB

O uso de padrões técnicos em produtos e tecnologias emergentes ajuda e protege o investimento do consumidor e usuário final. Quando começaram a surgir as tecnologias para eBooks, sentiu-se a necessidade de criar um padrão para elas; uma especificação cujas regras definissem como seriam formatados os conteúdos para os livros eletrônicos e como seria a estrutura básica dos componentes dos seus arquivos. A essa iniciativa deu-se o nome de Open eBook Specification, atual ePub.

Em seu livro *A Estrada do Futuro* (Cia. das Letras 1995), Bill Gates explica: *"... é difícil tentar impor um padrão de direito num campo em que as inovações surgem rapidamente e no qual as empresas que compõem a comissão de padronização são concorrentes. O mercado [de produtos eletrônicos de consumo] adota padrões porque os usuários insistem na padronização. A padronização serve para garantir intercâmbio operacional, para minimizar o treinamento do usuário e, claro, para fomentar ao máximo a indústria... O mercado na verdade escolhe um padrão que tenha um preço razoável e o substitui quando se torna obsoleto ou caro demais."*

Neste sentido, sobre a padronização da tecnologia dos eBooks, em outubro de 1998, na Primeira Conferência Mundial do Livro Eletrônico, foi anunciada a chamada Open eBook Initiative. O primeiro manifesto do grupo trazia o seguinte texto:

> *"O elemento principal da iniciativa Open eBook é uma especificação para o arquivo eBook cuja estrutura de formatação é baseada em HTML e XML [eXtensible Markup Language – linguagem de marcação extensível], que são linguagens usadas para formatar informação para sites da Web. A meta da especificação é criar rapidamente uma massa crítica de conteúdo atrativo. Um editor poderá formatar um título uma só vez de acordo com a especificação, e o conteúdo será compatível com uma ampla variedade de softwares readers e aparelhos de leitura.*
> *A concordância com um conjunto comum de especificações de arquivo permitirá aos editores atingir uma grande audiência sem reformatar separadamente seus títulos para cada máquina.*
> *Esta especificação está projetada para ser compatível com os planos de desenvolvimento dos principais esforços de eBook já em andamento".*

Não foi exatamente o que aconteceu. O PDF dominou o conteúdo de eBook nos últimos dez anos e ainda por cima atrapalhou quase todos os projetos de e-readers que não tinham uma tela adequada para a leitura de arquivos PDF e que também não tinham um poder de processamento para reter as ferramentas dos visualizadores de PDF.

Mesmo assim, o propósito da **Open eBook Publication Structure 1.0**, documento finalizado em setembro de 1999 e lançado em novembro do mesmo ano, era prover uma especificação única para representar o conteúdo de livros eletrônicos.

A especificação foi desenvolvida e escrita por cerca de 50 companhias integrantes do Open eBook [OeB] Authoring Group. Um de seus objetivos era o de dar aos provedores de conteúdo e ferramentas diretrizes mínimas e comuns que assegurassem fidelidade, precisão, acessibilidade e apresentação de conteúdo eletrônico sob várias plata-

formas de livros eletrônicos. Dessa forma, produtos complacentes com a especificação não ficariam obsoletos do dia para a noite.

E foi exatamente o que aconteceu, uma vez que a maioria do conteúdo disponível para a primeira geração de e-readers estava no formato PDF e não no formato padrão ePub proposto e, assim, todos os equipamentos se tornaram obsoletos do dia para a noite.

Os autores presentes na confecção da Open eBook Publication Structure Specification 1.0 eram:

» Microsoft Corporation
» SoftBook Press
» BCL Computers
» Brown University Scholarly Technology Group
» Nokia
» Versaware Inc
» FX Palo Alto Laboratory, Inc.
» The Productivity Works
» Project Gutenberg
» DAISY Consortium
» Simon & Schuster
» Glassbook, Inc.
» Exemplary Technologies
» NuvoMedia, Inc.
» OverDrive Systems
» R.R. Donnelley & Sons Company
» Red Figure Publications
» GlobalMentor, Inc.
» Adobe
» EAST Co., Ltd.
» IBM
» Librius
» Vadem

Ao mesmo tempo que nascia um padrão para a formatação de conteúdos para os eBooks, surgia com grande força, e não à toa, a XML, um conceito relativamente ainda hoje pouco difundido no mundo dos

livros eletrônicos, neste caso uma tecnologia voltada para a formatação inteligente dos documentos. Assim, a estrutura base da especificação foi dada na tecnologia aberta XML 1.0 e também na HMTL, em suas versões.

Tecnicamente, a OEB 1.0 utilizava a semântica HTML com base na sintaxe da XML. E o mais importante nisso tudo era que todos esses formatos estavam baseados em um padrão aberto e de domínio público.

Hoje, esse trabalho todo de tentar difundir um padrão de formato para os livros eletrônicos é feito pela IDPF [Internacional Digital Publishing Forum] e o formato passou a ser chamado de ePub.

As empresas provedoras de conteúdo, as casas publicadoras formatariam seus documentos com base no Open eBook, ou ePub, e seus documentados seriam válidos, uma vez que o conteúdo poderia ser lido em vários Reading Devices, e-readers, ou Reading Desktop de qualquer fabricante.

O livro eletrônico ganharia, a partir daí, competitividade e seria compatível com uma variedade larga de dispositivos de leitura [hardwares]. Mesmo os dispositivos de leitura com os conceitos tecnológicos mais avançados, como os tablets, o iPad ou o Sony Reader e similares.

A Opção pelo Open Source

Os livros disponíveis em acervos de bibliotecas digitais ou livrarias virtuais deverão ser criados sempre sob formatos padrão [abertos ou livres] utilizados na Internet. Um exemplo é o formato LIT, desenvolvido pela empresa americana Microsoft Corp., ou mesmo PDF, o formato padrão já amplamente conhecido, desenvolvido pela empresa Adobe Systems. Além do supracitado ePub, o mais importante de todos eles por não estar ligado especificamente a nenhuma empresa da indústria de tecnologia.

E por que manter os livros de uma biblioteca ou livraria digital em formatos abertos?

O formato LIT, por exemplo, também teve seu desenvolvimento baseado na especificação padrão, chamada inicialmente OeB, atualmente ePub. A especificação OeB [Open eBook] é um formato cuja estrutura atende a uma especificação aberta, como já explicado antes baseada em XML.

Embora o formato da Adobe não seja exatamente um formato padrão aberto, sem dono, o ótimo aplicativo Adobe Digital Editions permite a leitura tanto de arquivos nativos em PDF quanto arquivos no formato ePub. A questão para a plataforma da Adobe continua snedo o hardware, pois o PDF e o aplicativo Adobe Digital Editions funciona muito bem na tela de um computador de mesa, num notebook ou em algum outro similar, mas o sistema não roda tão bem nos devices de leitura ainda mais portáteis como os e-readers.

Portanto, o profissional do mercado editorial interessado em desenvolver projetos para livros digitais deve observar primeiramente não o hardware, mas o software. Ou seja, primeiro vem o sistema operacional, que é a base principal e ponto de partida. A partir daqui, vem o software reader, o aplicativo de leitura e, consequentemente o hardware. Quanto maior for a base instalada do sistema operacional, maior será a convergência de um determinado software para aquela categoria de OS. Quanto maior for a base instalada de um aplicativo de leitura de livros digitais, maior será a convergência de conteúdo para aquela plataforma.

Os formatos de arquivos de livros digitais mais convergentes são quase sempre os de padrão aberto. Portanto, é possível que o formato ePub cresça em número de aplicativos e hardwares que os absorva, pois ele tem mais sinergia com os novos tempos do que o veterano PDF que só vencerá esta batalha se reintar-se em termos de aplicativos de leitura para mais plataformas físicas de leitura mais portáteis.

Segundo o autor Mckinley, no livro *Do papel até a Web: "Ninguém pode monopolizar estes formatos abertos. E nenhuma pessoa ou entidade comercial tem controle sobre seus destinos. Os documentos XML e OeB pertencem aos seus proprietários. Eles não fazem parte de nenhum software, configuração de computador ou sistema operacional."*

O código de programação aberto ou software livre

Além disso, assim como a XML, os documentos OeB, ou ePub, serão inteligentes e úteis por muito tempo, mesmo após os formatos de processadores de texto binários de propriedade dos dias de hoje terem se tornado obsoletos.

Considere a seguinte situação: um livro de papel de conteúdo romântico permanecerá legível por 20, 50 ou, quem sabe, 100 anos. Qual é a probabilidade de os formatos de processadores de textos binários de propriedades atuais permanecerem legíveis por 10, ou até 100 anos?

Novos sistemas operacionais e programas aparecem e somem, mas a XML é permanente. Desse modo, utilizar formatos padrões abertos para deixar à disposição livros digitais garante que o leitor não precisa adquirir duas ou mais vezes o mesmo livro quando migrar para equipamentos de plataformas diferentes.

Com OeB, ou ePub, o conteúdo de um eBook torna-se independente de qualquer sistema de formatação em particular. Por toda sua existência, um eBook poderá se transformar em muitos diferentes formatos e tamanhos. Por todo o tempo, entretanto, a estrutura e o conteúdo podem ser retidos de forma independente, permitindo assim que o livro seja reformatado automaticamente, por várias vezes, para grande variedade de e-readers existentes hoje e para os que ainda serão inventados.

Uma Nova Máquina de Ler

Indo adiante com a nossa percepção sob o universo do livro eletrônico, o eBook, que pode ser lido na tela do computador ou num aparelho portátil, certamente está acrescentando uma nova dinâmica à leitura. Em formatos divergentes — PDF [Adobe], LIT [MS Reader] ou ePub [Sony Reader e outros equipamentos] — o mesmo livro terá sempre uma diagramação ou uma aparência diferente. Muitas vezes o leitor pode não perceber essas diferenças, pois ele estará entretido com seu livro preferido. Mas cada livro terá uma aparência diferente, isso ocorre porque cada e-reader possui um ganho de tela diferente. Com o software Acrobat eBook Reader [antigo GlassBook Reader, atual Adobe Digital Editions], por exemplo, podia-se ler em trinta linhas; mas no MS Reader as linhas não passavam de dez [com o uso dos aparelhos portáteis disponíveis para ele].

Páginas estáticas

Alguém pode achar esta discussão que levanto sem razão, mas é necessário lembrar que em 1.800 anos de vida, digamos, preso, num formato, o livro sempre carregou, mesmo em edições diferentes, aquela página que nunca mudava de lugar. Então a gente pensa que, por exemplo, no livro *O Pequeno Príncipe*, as aquarelas feitas pelo autor Exupéry estavam sempre dispostas em páginas que guardavam em si

um conjunto, uma harmonia. Sabemos que, tratando-se de tecnologias de Internet, se não tomar cuidado, essa harmonia na diagramação ou estética se perde. Acontece com os softwares readers, com exceção dos que leem PDF, o que acontece com as dezenas de versões de browsers, navegadores: cada um lê um determinado documento de uma maneira diferente.

Poderíamos aqui até enumerar vantagens e desvantagens de ler um livro num formato ou em outro, antes, porém, podemos tentar entender o que está por trás desses suportes. Porque, se realmente o livro no formato convencional vai passar por uma metamorfose, merece, então, um cuidado que garanta que sua característica principal não se perca — tanto na tela quanto num suporte físico portátil.

Os arquivos lidos nestes softwares readers são, em sua maioria, vindos de textos no formato PDF. O formato HTML, porém, parecia a princípio o mais interessante, pois permite um reflow nas páginas dos livros. Quando o usuário escolhe, no software reader, ler seu livro com letras grandes, fontes maiores, o texto do livro "corre" pelas páginas na tela. Dependendo do tamanho da tela, o número de páginas de um determinado livro pode ficar maior ou menor.

Certa vez, perguntaram-me por que em vez de colocar estes tais livros eletrônicos em PDF ou HMTL não os colocar simplesmente em DOC, do Word. Esta pergunta foi feita por um leigo. Mas é aí que a coisa pega. Dá-se a impressão de que estão sendo criados, artefatos e tecnologias que, mais tarde, tornar-se-ão obsoletos. E não é exatamente isso. Um dos fatos pelo qual os desenvolvedores de livros eletrônicos estão utilizando, por exemplo, a tecnologia PDF como saída, é que seu formato é enxuto e pode ser carregado em múltiplas plataformas [notebook, laptop, em desktop ou sistemas portáteis]. E ele será sempre igual, exatamente como as páginas originais de *O Pequeno Príncipe*, com a utilização do conceito WYSWYG.

A ideia não é exatamente mimetizar os livros de papel, mas guardar tudo o que o livro traz e que faz dele único. O problema técnico, que eu chamo de o fator PDF, é que, em algumas telas, a letra fica tão minúscula que a leitura se torna impossível.

A minha resposta ao leitor foi a seguinte, o formato HMTL [que chega agora a sua versão 5] vem somar interesses de todas as empresas envolvidas em criar padrões abertos, para que o leitor final não se per-

ca em tantos formatos diferentes, e também proprietários, como o MS Word cujos documentos só rodam em suas respectivas versões do sistema operacional Windows. E a minha resposta imediata foi a de que talvez o formato XML fosse até mais interessante para os eBooks do que o formato HTML. Tanto é que, o formato ePub, tem a sua base em XML.

De qualquer maneira, o livro, por si só, tem corpo e é um objeto de características próprias, bem diferente de outros objetos que possam agregar valores, como pagers, celulares etc. Para criar um artefato tecnológico comparável a um livro e, por assim dizer, criar um novo suporte para ele, é preciso antes entender estes suportes e o livro em si.

Mimetizando páginas impressas

O livro impresso tem vida própria, não adiantaria levar para os eBooks algumas características tão inerentes a eles como as páginas duplas. Não é preciso criar um artefato com dois LCDs [como tentou o projeto EveryBook Dedicated Reader na primeira geração de e-readers e o MIDIhybrid, na segunda geração] para que o eBook se pareça com um livro.

Lembrando que o livro, na antiguidade, era apresentado em formato de rolo; e, se formos comparar, o livro lido na tela de um computador ou no iPhone é o que mais se assemelha ao rolo.

O livro no formato de caderno como conhecemos foi concebido desta maneira para adaptar-se a uma realidade específica, a qual os e-readers nunca vão conseguir mimetizar. Ou seja, a solução está em criar novas formas de leitura. Então talvez fosse o caso de a indústria toda de tecnologia tentar mimetizar o livro em seu formato rolo e não em seu formato padrão caderno.

Quando criamos livros em HTML, XML ou ePub, praticamente voltamos ao passado, quando os livros eram lidos em rolos. Aliás, foi para isso que foi criada a barra de rolagem dos navegadores. Quem vai dizer que um livro lido em um smartphone ou eBook Device vai deixar de ser considerado um livro, mesmo tendo características diferentes?

Quando as editoras começaram a utilizar o antigo programa PageMaker, até então pertencente à empresa Aldus, no início dos anos de 1980, para fazer a editoração de seus projetos para impressão, o livro es-

tava lá no formato eletrônico, e ninguém poderia dizer que aquilo não era um livro. Centenas de escritores, bem antes da chegada dos eBooks, já digitavam seus textos direto no computador, muitas vezes sem usar a escrita manual. E mesmo alguns manuscritos foram logo digitados para que pudessem ser diagramados nas telas.

Mas o que é um livro?

O livro não vai perder suas características e deixar de ser livro só porque está mudando ou surgindo um novo suporte. Quando surgiram as primeiras gerações de suporte eletrônico para livros houve uma interrogação que paralisou a todos: "*os livros, como entendemos hoje, poderiam simplesmente desaparecer?*". E eu já fiz essa pergunta lá atrás, mas a resposta, para nós que lemos e gostamos de livros — e estamos atentos ao desenvolvimento das novas formas de comunicação —, é NÃO.

A grande sacada de usar a tecnologia inventada pelo homem nesses últimos trinta anos é a de democratizar a leitura. Simplesmente levar a leitura a todos os que querem e precisam ler.

Quando se adquire um device para a leitura de eBook, não adquire-se apenas uma caixinha de plástico com uma telinha para visualizar textos. Adquire-se todos os romances, poesias, contos e gibis que se possa ler. Não se trata também de deixar a indústria da tecnologia tomar conta de algo tão sagrado para nós [a não ser que a cadeia produtiva do livro permita isso]. A Internet democratizou a informação e poderia muito bem ser responsável pela democratização dos livros. É por isso que a maioria das ideias que se formam para suporte eletrônico para livros vem junto com a ideia da parceria com a grande rede.

O que faz de um conteúdo ou um conjunto de informações um livro é a maneira como o este foi concebido desde Gutenberg. O livro como entendemos hoje — com páginas, capa, orelha, sumário etc. — desapareceria se não fosse tão importante manter suas características.

Se não, o que é um livro? É o conjunto de páginas de papel ou outro material unido entre si. Quer dizer, a página em si não desaparece por estar na Internet ou no papiro, ela continuará existindo para dar sequência a um documento, para dar uma união. E essas páginas poderão conter textos, ilustrações ou som.

No entanto, para ser considerado como tal, o livro deve ter determinado número de páginas ou capítulos e constituir uma unidade independente, o que é diferente e distinto das publicações periódicas da Internet e outras fontes como revistas e jornais impressos.

Se não tivéssemos aqui tentando entender o que está acontecendo com a maneira de publicar histórias, talvez pudéssemos acreditar na extinção de um objeto ou produto claramente tão belo.

Não há confrontos, só especulação que a imprensa, mais do que a própria indústria da tecnologia, insiste em maldizer para talvez amedrontar a indústria cultural, para não dizer vender jornais. O eBook não é apenas mais um suporte de leitura, é uma interface. Isso faz toda a diferença. O livro eletrônico nos coloca diante de uma nova máquina de ler.

Autores dos Novos Tempos

Depois de discutir hardware e software, agora trataremos um pouco da questão do conteúdo propriamente dito.

Existe um agente da cadeia produtiva do livro, muito importante neste cenário, que é o autor, que mais do que qualquer outro deve tentar entender o que está havendo, e participar com muita atenção deste novo cenário. Deixando de lado de uma vez por todas sua atuação passiva, os autores estão definitivamente no centro das discussões dos livros eletrônicos por serem os principais agentes da cadeia produtiva do livro a cuidarem do conteúdo. Alguns autores como Stephen King e Paulo Coelho estão, senão na crista da onda, pelo menos nas fronteiras que antecedem os novos *modus operandi* na relação editora-autor. Algumas questões são importantíssimas nesse elo: a questão dos Direitos Autorais, o que remete varialmente a contratos e pirataria.

Paulo Coelho, por exemplo, subverteu a engrenagem pirateando os seus próprios livros, uma ironia que poucos no mercado editorial entenderam ou conseguiram captar. Nesse sentido, Paulo Coelho não poderia colocar à disposição em seu Blog qualquer uma das edições dos seus próprios livros por questões contratuais com as editoras internacionais, assim também como com os agentes. O que Paulo Coelho fez então foi liberar não todos os seus livros em todos os idiomas, mas, pelo menos, algumas edições das quais ele sabia ter brecha nos contratos para isso. O autor aproveitou algumas brechas contratuais e também conseguiu negociar diretamente com alguns players de livros eletrônicos como a Amazon.

Esse exemplo demonstra a quebra de paradigma da cadeia produtiva do livro ante o novo cenário que se apresenta com a Internet. Autores mais profissionais conseguem publicar os seus próprios livros utilizando-se de plataformas diversas que, muitas vezes, não pertencem ao mercado editorial, mas à indústria de tecnologia e aqui cabe citar novamente a plataforma da Amazon para escritores independentes e o Google Editions.

Lá fora, um dos primeiros escritores de renome a subverter os negócios da própria editora e a publicar livros diretamente foi Stephen King, o que fez muita gente repensar o papel do editor na cadeia produtiva do livro.

Stephen King e os eBooks

O norte-americano Stephen King, o mestre das histórias de suspense, ficção e terror — autor de mais de trinta *best-sellers*, entre eles *O Iluminado* [1977], *Depois da Meia-noite* [1990] e *Insônia* [1994] —, foi o primeiro escritor de sucesso a tornar disponível, na grande rede, um livro inédito apenas no formato digital; ou seja, o leitor não poderia encontrar o tal livro impresso numa livraria. Foi o começo do maior retorno positivo em torno do livro eletrônico digital.

Antes disso, os editores e envolvidos com a questão livreira, e até o público, de uma forma geral, pouco sabia sobre a questão do livro eletrônico; alguns nem sequer tinham ouvido falar sobre o assunto. A questão veio à mídia por meio do livro de Stephen King. Um tema que mais tarde se intensificou ainda mais na imprensa com o lançamento do e-reader Kindle e do tablet iPad.

King foi um verdadeiro desbravador de fronteiras quando lançou de forma inédita o primeiro livro comercializado exclusivamente via Internet. Num momento em que o governo americano lutava incessantemente contra os crackers [os piratas da rede], o livro sob o título de *Riding the Bullet* [algo como "Montando na Bala"] causou rebuliço na rede e fez aumentar de vez o olhar do grande público para os livros eletrônicos [conhecidos mundialmente até então como eBooks Readers e não como e-readers, este último termo só veio a ser cunhado em meados de 2008].

King foi um dos primeiros escritores de renome a antecipar o futuro dos livros

Então recorremos novamente à história, sempre com o objetivo de fazer jus aos pioneiros nesta área, para compreender melhor todo o escopo tratado neste livro. Em junho de 1999, King foi atropelado quando passeava nas proximidades de sua casa, em Bangor, no Estado de Maine. Teve vários ossos quebrados, um pulmão perfurado e ferimentos na cabeça. O livro *Riding the Bullet* foi escrito enquanto ele se recuperava desse atropelamento.

Com cerca de 16.000 palavras, quando impresso, o livro teve por volta de 66 páginas. Uma novelinha um pouco maior que um conto e menor que um romance. Tratava-se de uma literatura de terror [conhecida no Brasil como literatura fantástica] e contava a história de um estudante que ficou sabendo que sua mãe sofrera um derrame e estaria hospitalizada perto da universidade onde estudava [cerca de 200 km dali]. O jovem vai para a estrada pedir carona e se mete em apuros.

As histórias de King sempre trouxeram esse suspense; e esta, em particular, não era tão chamativa. Acontece que ela encerrava um encanto e entrava para a história da Internet. *Riding the Bullet* podia ser baixada dos servidores da Simon and Schuster, editora de King, em Nova York, pelo preço médio de U$2,50, por meio de cartão de crédito [numa época em que o e-commerce ainda estava saindo o berço, para não dizer engatinhando, e a pauta dos cadernos de informática era a segurança e privacidade dos dados dos consumidores nas lojas virtuais].

Logo nos primeiros dias, os servidores do site ficaram congestionados em função dos milhares de internautas de todo o mundo interessados no novo *best-seller*. Em apenas um final de semana, naquele mês de março, foram vendidas cerca de 500 mil cópias do livro.

Somente mais tarde é que o recorde foi batido pelos escritores James Patterson e Stieg Larsson.

A "Conexão Suíça"

Mas nem tudo foram flores. Embora o resultado de downloads do livro de King tenha sido surpreendente para a ocasião [uma vez que a conexão à Internet ainda não era do tipo banda larga], King teve sua obra copiada ilegalmente por crackers três dias após o seu lançamento [porque a tecnologia que armazenava um livro inteiro em apenas um arquivo ainda era suscetível à pirataria].

Quando o livro foi lançado, no dia 14 de março, os leitores podiam fazer o download gratuitamente. Depois é que começou a ser cobrado. Mesmo assim, os crackers conseguiram baixar o livro sem pagar nada e colocar cópias em outros sites, em alguns newsgroups, e até imprimi-los sem permissão.

Este era o outro lado da moeda: a questão da cópia pirata e dos direitos autorais [que os autores não tinham a mínima ideia de como encarar e resolver]. A Glassbook, empresa responsável, na época, pela distribuição do livro, e que usava uma tecnologia nova e um tanto vulnerável chamada EBX [**E**letronic **B**ook e**X**change], teve de reagir e planejar novas tecnologias junto a Adobe Systems, criadora do formato usado no livro, para impedir a violação e desenvolver, naquele momento, um formato mais seguro. *Riding the Bullet* havia sido publicada com um PDF encripturado de 40-bits.

Aliás, foi nesse momento que a Adobe Systems adquiriu a empresa Glassbook e transformou o software Glassbook Reader no Adobe eBook Reader [mais tarde Adobe Digital Editions].

Foi quando as empresas envolvidas com aplicativos e softwares de comércio para distribuição de livros eletrônicos via Internet puseram a mão na massa e tentaram mostrar soluções para esse problema. Foram mostradas diversas soluções, cada uma com uma especialidade. Entre elas o ContentGuard, um projeto das empresas Xerox e Microsoft.

Foi neste momento que se solidificou ainda mais o conceito de **D**igital **R**ights **M**anagement [DRM], ou Gerenciamento de Direitos Autorais.

Quando o upgrade de segurança para o servidor da editora ficou pronto, e o livro de King não podia mais ser copiado tão facilmente, graças ao novo sistema de criptografia, então chamado Merchant, desenvolvido pela Adobe, o sucesso dos eBooks foi ainda maior.

Empolgado com tanto sucesso e com a forma com que os livros eletrônicos estavam sendo tratados pela Microsoft, Adobe e Glassbook, Stephen King pensou em colocar à venda um novo livro virtual. Dessa vez, seria publicado um romance em série, o projeto *The Plant*.

E foi exatamente nesse momento que se levantou a dúvida sobre o trabalho dos editores ante o trabalho dos escritores independentes. Stephen King estava, pela primeira vez, quebrando as regras da cadeia produtiva do livro e levando a sua história diretamente para novas mídias digitais, tal qual fez Paulo Coelho logo em seguida.

Gerenciamento Estratégico de Catálogo e Conteúdo

A larga aceitação das editoras na implantação e comercialização de seus livros na Internet talvez se desse quando os autores e editoras estivessem seguros com relação à propriedade intelectual de seus títulos. Quando tivessem a segurança de que os direitos autorais estariam sendo respeitados e que os arquivos de livros eletrônicos estivessem protegidos contra cópia sem autorização.

Acontece que não existe segurança na Internet.

As editoras, no geral, sabem e sentem que são detentoras da maior parte dos conteúdos dos livros já lançados convencionalmente em papel, e sabem que estão longe de perder os direitos sobre eles [com exceção dos contratos vencidos]. Com isso, enquanto a tecnologia dos eBooks aflorava sob a Web, as editoras pensavam estar esperando o momento certo para editar seus conteúdos virtualmente.

No Brasil, houve um hiato de praticamente dez anos desde o aparecimento dos primeiros cases mundiais, até que os agentes da cadeia produtiva do livro nacional fossem obrigadas a olhar com mais apuro o emergente mercado. E as editoras, infelizmente, não fizeram isto finalmente porque elas acreditavam efetivamente na força dos livros digitais enquanto consumo, mas porque havia uma pressão muito forte por parte da imprensa. E aí, uma vez que as editoras não haviam se preparado para o tema quando deveriam ou teriam tempo, tiveram que correr atrás do prejuízo de um modo às vezes disperso demais. Foi assim que a Saraiva resolveu finalmente sair do seu laboratório de expe-

riências e colocar no ar sua eBookStore, foi assim que surgiu o projeto DLD [Distribuidora de Livros Digitais].

Existe, no entanto, uma outra questão que talvez obrigue as demais editoras retardatárias [que não tem seus livros disponíveis em canais nacionais como a Livraria Cultura, Saraiva, DLD ou até mesmo na plataforma Xeriph da Gatro Sabido] a converter seus conteúdos virtualmente, que é a sobrevivência de seus negócios. O bolso, digamos assim. E embora ainda não exista um mercado seguro para os livros eletrônicos, o mais sensato e prudente neste momento para as editoras seria abraçar de vez a Revolução dos eBooks, como já estão fazendo algumas empresas. Porque as editoras sabem que, participando, elas podem influenciar padrões e processos. Não participando, o processo acontecerá de qualquer maneira com a indústria da tecnologia, e poderá se voltar contra elas.

Mas, para migrar catálogo impresso para a versão eletrônica, é necessário avaliar alguns pontos que são cruciais para o ciclo de vida de um determinado livro [principalmente nos lançamentos], porque o uso da tecnologia para livros eletrônicos talvez ficasse mais interessante às editoras, neste novo estágio, se elas colocassem *a priori* apenas os seus títulos ditos "fora de catálogo" ou "esgotados". Mas esta não é uma decisão simples. Nós a chamamos de gerenciamento estratégico de catálogo e conteúdo, porque envolve outros formatos, como impressão sob demanda e também o audiobook [incluindo aqui o formato DAISY, item obrigatório nas vendas governamentais].

Gerenciamento de direitos digitais

O processo que asseguraria às casas publicadoras, editores e autores a proteção e segurança na transmissão e repasse de direitos autorais de livros ficou conhecido e difundido no nascente mercado editorial de livros eletrônicos como Digital Rights Management [ou DRM]. Em vários casos, o gerenciamento dos direitos autorais seria feito em tempo real por e-Editoras e livrarias virtuais e passaria por uma criteriosa análise de possibilidades da pirataria de obras, ou seja, a distribuição ilegal de cópias reproduzidas fielmente de um único original.

A criptografia, ou a codificação de um arquivo, é apenas uma parte do DRM, e o repasse ou a entrega de valores aos autores, adquirido

com as vendas dos livros, é outra parte. Na verdade, ambas as partes se consolidam num processo ainda maior que, sistematicamente, passam por uma base tecnológica mais abrangente que as incorpora, daí a importância do gerenciamento estratégico de catálogo e conteúdo. Resumindo, DRM não é apenas uma senha de segurança.

Os sistemas DRM também fazem todo o trabalho de quantificar números de cópias vendidas, porcentagens para terceiros e tudo o mais. Os livros em formato eletrônico, vendidos na Internet, podem ser gerenciados por softwares que tentam em primeira instância talvez intimidar a ação de crackers e estão preparados até para ultrapassar a perspectiva de somente criar senhas.

Este processo, obviamente, pode trazer alguns problemas para os leitores ou usuários finais. E tudo precisa ser dolorosamente dosado em consonância com os sistemas de e-commerce das lojas virtuais.

Alguns problemas ainda não resolvidos

A questão com a apropriação ilegal de propriedade intelectual não é nova, é um produto da era Gutenberg, não nasceu com a Internet ou com os eBooks, embora eles tenham intensivado a discussão em torno da questão..

Quando a questão dos direitos autorais veio à tona, trazida pela insegurança dos envolvidos no mercado editorial por causa da nova mídia que o livro incorporaria, houve uma grande discussão, também, de como os autores poderiam ter certeza de que estariam recebendo realmente o que foi vendido. Claro que esta já era uma questão anterior, um impasse que já deveria ter sido resolvido antes. Mas que voltou novamente à ordem do dia por conta das fervorosas e novas questões que o livro eletrônico trazia e que nós obviamente não vamos encerrar aqui neste livro, porque a todo momento temos uma novidade neste tema.

E existem outros problemas. Por exemplo, com a ausência da prestação de contas real por parte das editoras [da real quantidade de exemplares impressos publicados e vendidos], o livro eletrônico ajudou a trazer à ordem do dia também a antiga discussão sobre a resistência dos editores quanto, por exemplo, à numeração dos exemplares [uma antiga aspiração e proposta de associações como UBE].

Desse modo, a partir daquele momento, toda a questão de direitos autorais não poderia ser vista apenas sob o ponto de vista das editoras, com todo o foco na segurança, mas sim na proteção dos direitos patrimoniais e morais dos autores e/ou tradutores também.

Uma visão particular sobre o DRM

Certa ocasião, em conversa comigo sobre a questão da pirataria de livros eletrônicos, Teotonio Simões, idealizador da eBooksBrasil [a maior biblioteca pública eletrônica de edições para eBooks em nosso país], disse acreditar no desenvolvimento de padrões éticos que recompensem os honestos e não os ladrões.

> *"O melhor remédio contra o roubo é a honestidade. E acredito que a impossibilidade real de se garantir a honestidade na Internet por meios coercitivos, aliados à transparência que ela proporciona, obrigará a adoção de padrões éticos adequados por parte de usuários e prestadores de serviço. Estamos em boa companhia: Stephen King, com a venda do título* The Plant *no honor system faz parte deste time..."*

Teotonio também comentou sobre a questão da numeração dos eBooks [algo que o sistema DOI — Digital Object Identifier — e o antigo ContentGuard prometiam]:

> *"Os contratos de autores com as editoras em papel eram feitos, normalmente, por edição, até que ela se esgotasse ou que encerrasse um contrato. Como as edições digitais não se esgotam, isso poderá levar à quase escravidão do autor ao editor, se os contratos forem feitos com a cláusula "até esgotar a edição". E essa é apenas uma das armadilhas que os livros digitais podem trazer aos autores/tradutores. Esses*

aspectos estão bem abordados no documento The Eletronic Rights Clearinghouse. *Pessoalmente, como alguém que apoia a W3 e os padrões abertos, o planejamento estratégico no caso da eBooksBrasil prevê um cenário baseado em XHTML/XML, edições não encripturadas que possam ser lidas em uma vasta gama de* "Reading Devices", *com* "segurança" *apenas no que tange às transações comerciais."*

Livros livres

Em pesquisas na Internet, encontramos poucas obras livres, de domínio público, que viessem codificadas com senha ou algo assim. Talvez exista mesmo uma mentalidade de que os livros eletrônicos em livre circulação não precisam necessariamente conter uma segurança em termos de criptografia, porque geralmente essas obras são distribuídas gratuitamente pelas e-Editoras e e-Bibliotecas. Se algum usuário leitor resolve repassar esses livros por e-mail para um amigo sem que o repositor de origem se dê conta, este leitor estaria, na verdade, fazendo um bem à humanidade, não um mal.

Então, por que o medo?

Existe um tipo de preocupação com a segurança nos livros em livre circulação, que faz sentido e que difere daquela relacionada à pirataria ou à cópia ilegal direta. É aquela que assegura que a obra, mesmo sendo de circulação livre, não foi modificada ou adulterada. Existem casos em que nós, leitores, devemos tomar cuidado quanto ao tipo de produção e digitalização [em alguns casos até duvidosos]. Todos sabem que com a democratização das tecnologias é muito simples adulterar um original.

Mas quem perderia tempo fazendo isso, a não ser por acidente ou por pura incompetência?

Existem maneiras de saber se essas obras são confiáveis. Em um dos casos, as e-Editoras e e-Bibliotecas devem verificar a obra original

e compará-la com a versão digital. Outra maneira é o leitor confiar na fonte de onde a obra foi baixada, mas também contribuir com esse processo. Geralmente ninguém desconfia que uma e-Editora tenha modificado uma obra de Machado de Assis. Se um site pretende distribuir títulos virtuais, livres ou não, deverá assegurar ao seu leitor e usuário que suas obras não foram adulteradas do original. Esse tipo de desconfiança existe porque se criou o mito de uma Internet sem responsabilidades e sem controle.

Mas não é bem assim.

Os livros em em regime de Domínio Público passaram e passam por uma fase em que não é preciso afirmar que a obra de Machado de Assis é realmente a obra de Machado de Assis, no sentido de provar a veracidade ou mudança de outra ordem. Pode ser que alguém mude, não vamos dizer que não. Geralmente quem converte uma obra livre, tratando-se de e-Editoras e e-Bibliotecas virtuais sérias, não está disposto a fazer mudanças consideráveis nem tem tempo para ficar elaborando planos de como prejudicar o leitor ou quem quer que seja.

O software Adobe Acrobat usado para converter qualquer arquivo de livro em PDF, por exemplo, permite que o editor do livro restrinja modificações de um texto. É um comando simples: clica-se no menu "File/Arquivo" e escolhe-se a opção "Save As/Salvar Como". Nas propriedades de "Security/Segurança", clica-se na opção "Standard/Segurança Padrão". Aí, basta escolher "Changing the Document/Mudanças no Documento", "Do Not Allow/Não Permitir", e pronto, o documento não poderá mais ser modificado.

Este é apenas um modo simples de resolver a questão. É claro que, em termos de um controle mais rígido, é necessário utilizar a plataforma Content Server, o sistema que controla o vai e vem de arquivos no Adobe Digital Editions.

Tudo bem, ótimo, outros softwares publishers também o fazem [embora já tenham sido quebrados por programadores experientes, como o russo Dmitry Sklyarov, um dos primeiros programadores a tirar o sono da Adobe no início da Era Digital dos Livros]. Mas será que precisamos mesmo disso?

Já ouvimos pessoas perguntando: "*mas quem me garante que estas obras não foram adulteradas?*" E a resposta é: pode ser que sim, mas existe pelo menos uma dezena de sites no Brasil, e, em pelo menos

alguns, há uma grande possibilidade de o trabalho estar sendo feito com cautela e profissionalismo. Basta o leitor escolher o que lhe dá mais crédito. E é aqui que entra a importância da marca de uma editora [da livraria no caso daqueles canais nacionais já citados aqui] que cuida bem do seu catálogo em tempos de Internet. Daí a importância do gerenciamento estratégico de catálogo e conteúdo para editoras e escritores. Algo que a Wikipedia está aprendendo na marra.

Indo um pouco mais além, agora na questão da pirataria de propriedade intelectual, se alguém tentou fazer uma história propositalmente copiada de outra [plágio], certamente vai se dar mal, e uma hora vai até passar vergonha. Existem centenas de pessoas que leem os mesmos temas e conhecem os originais sem precisar fazer muito esforço.

Uma coisa é certa, qualquer obra, eletrônica ou não, é passível de pirataria.

A confusão

Sabemos que existe uma grande confusão com os problemas relacionados à segurança dos livros eletrônicos. Problemas que inclusive já existiam no livro em papel e que, portanto, devem continuar sendo discutidos no campo social e filosófico, e não no usual, como as editoras convencionais tão preocupadas estão tentando fazer. Embora eu reconheça que a Internet e o advento dos eBooks tenham piorado ainda mais a situação.

A seguir, destacamos alguns tipos de piratarias para separarmos, um pouco, o "joio do trigo" e contribuir para o esclarecimento da infeliz mentalidade que torna os livros eletrônicos, por meio do DRM, muitas vezes mais difíceis de serem acessados pelos leitores.

Pirataria S.A.

A pirataria de produtos e marcas é tão rica quanto organizada. Se você se dispuser a ir até a Rua Santa Ifigênia, no conhecido centro velho da cidade de São Paulo, vai encontrar todo e qualquer software que puder imaginar. Eles estão disponíveis em catálogos nas ruas, basta

você escolher um e o vendedor vai buscar. Em geral, esses softwares são ilegais e custam não mais do que R$ 10,00. E mesmo com a Lei de Software é possível adquirir tanto um pacote com programas específicos quanto um CD ou DVD com uma coletânea de softwares de diferentes aplicações.

Não é muito difícil conseguir meia dúzia de programas de editoração como o MS Word, o PageMaker, o Ventura Publisher, o Quark, o Indesign ou o próprio Adobe Acrobat, e tentar produzir alguns *best-sellers* em formato eletrônico. A possibilidade existe, acreditem. Embora não seja tão simples assim essa produção se levássemos em conta a qualidade que só as editoras conseguem manter.

Para fazer pirataria digital de um livro existente no formato papel, o esforço é maior que se imagina, porque requer esforço intelectual, *feeling* de composição, tipografia e outras tarefas que nós, editores, levamos anos para aprender a desenvolver; além de experiência técnica do mercado editorial. Coisa que quem procura dinheiro fácil geralmente não tem. Geralmente é mais fácil copiar ou duplicar algo que já esteja pronto.

Fazendo uma parábola: uma pessoa que, por exemplo, pretendia piratear um CD de música não ia precisar reunir uma banda cover num estúdio e tentar forjar um produto. As músicas que estavam no formato analógico não demorariam uma hora para estar no formato MP3 e serem distribuídas na rede. Nada que um "REC" não pudesse resolver. Até os discos de vinil hoje podem ser convertidos facilmente para o formato digital.

Com o livro é diferente. É preciso reunir a banda. Um livro comum, no formato papel, para ser transformado em eletrônico, passa por uma via-crúcis de preparação, digitalização, OCR, editoração, revisão e conversão que até as editoras virtuais, que dominam a técnica, muitas vezes não estão preparadas e recorrem a um profissional. E a única equipe que poderia colocar um livro inteiro na Internet não poderia ser outra senão a grande rede colaborativa dos ávidos leitores das redes sociais. Portanto, o mais fácil seria realmente copiar uma versão eletrônica pronta.

O livro como produto de consumo

O livro parece ser um produto bem diferente daqueles com que lidamos diariamente. O livro, mesmo convencional em papel, tem sua tecnologia própria: a capa, a orelha, o índice, o conteúdo etc. Geralmente, os leitores lúdicos não procuram livros falsos ou piratas de Paulo Coelho ou do Stephen King. Procuram os originais, porque é o que interessa. Senão, pedem emprestado para um amigo. A pirataria de livros impressos existe apenas para material técnico, de não ficção, útil nas universidades. Algo que há anos tira o sono da ABDR.

Um livro, embora tenha aquela coisa do consumo, não é como um carro ou um terno. Não traz *status*, como gostariam uns, a não ser a sabedoria ou o conhecimento. Um livro, todo mundo sabe, é um objeto de aprendizado e, sem filosofia barata ou pieguices, um companheiro. As pessoas que estão mais preocupadas com essa coisa do roubo do livro em formato eletrônico são exatamente as que pensam o livro como um simples produto. É como no mundo da música, onde o preço do CD era exorbitante, muito caro mesmo, e quem mais "roubava" o artista, como sempre acreditou o consumidor, era a própria gravadora.

Isso faz a gente repensar: a história certamente está sendo mal contadas para o público em geral pela imprensa. Pergunte para um autor em potencial o que ele pensa. Ele certamente vai se preocupar com os seus direitos, sim, mas vai ficar mesmo encantado se souber que existe uma maneira de fazer com que seus textos cheguem ao maior número de pessoas possível. E a Internet ajuda nisso. Se dez pessoas lerem o livro de poesias de um autor desconhecido, serão dez pessoas que realmente leram. A Internet tem a fama de ser democrática e, guardadas as proporções, isto é uma verdade. Mas um leitor pode ler o que quer, sem ser necessariamente influenciado por uma rede de televisão ou uma revista de grande circulação. Não tem nada a ver com criações literárias que envolvem lobbys. A coisa aqui é diferente. O que ocorre é que um leitor, na Internet, ainda mais em tempos de mídias sociais, lê geralmente um livro que foi indicado.

Mas este também é outro assunto. Voltando à tecnologia, embora saibamos que os softwares e equipamentos necessários para as tarefas de pirataria estão no mercado, à disposição de qualquer um [e, graças, de certo modo, à Lei de Moore, cada vez mais baratos], essas tarefas exi-

gem investimento humano e necessitam de tempo. Mesmo as editoras convencionais que já tinham seus birôs prontos não se sentem à vontade para executar tal tarefa e necessitam de força-tarefa extra. Uma pessoa que monta uma estrutura para piratear livros não vai ganhar muita coisa com isso. O processo de preparação para a digitalização requer treino e tempo, e tem a questão do custo-benefício para o ladrão [se é que podemos usar esse termo].

Hoje, o que ocorre é que quem coloca na Internet a versão pirata de um livro é exatamente o leitor que deseja compartilhar esse mesmo livro com outro usuário. Portanto, a pirataria poderia, em última instância, ser vista ou encarada como um modo de propaganda ou rede viral.

Mas por que os piratas não se dariam ao trabalho, independente de ser fácil ou difícil? Para Teotônio, da eBooksBrasil:

> *"Porque não traria nenhum benefício a quem o fizesse. Se alguém consegue quebrar a segurança de um programa que tenha uma grande demanda [como o Office, por exemplo], como é feito na rua Santa Ifigênia, em São Paulo, o esforço é compensado pelo "mercado potencial". Como já disse alguém, um dia, justificando por que assaltava bancos:* "Porque é lá que o dinheiro está". *E enquanto houver pessoas dispostas a comprar coisas roubadas, haverá quem as roube. Enquanto houver pessoas dispostas a comprar drogas por qualquer preço, alguém em algum lugar do mundo as produzirá."*

A qualidade na pirataria

Seguindo ainda a linha de raciocínio de Teotônio, a de que a oferta gera a demanda e vice-versa, geralmente os "piratas" buscam coisas mais fáceis e populares cujo custo-benefício seja plausível, como na época que os usuários compravam dois *videocassetes* e duplicavam a fita do Titanic [também vendida a R$ 10,00, na Santa Ifigênia]. Esse tipo de pirataria não exige esforço intelectual; o livro exige porque é conteúdo e porque está contido numa tecnologia nova cuja indústria

está tentando tomar a frente para controlar [ou pelo menos deveria]. O formato VHS, por exemplo, foi deixado de lado porque também não permitia a segurança e era, entre outras razões, vulnerável.

Ainda sobre o formato VHS [sempre gosto de citar mídias antigas para poder traçar paralelos para as novas], no Brasil, inicialmente, o "mercado" era praticamente só de fitas piratas de péssima qualidade, mas as únicas disponíveis. Com o estabelecimento de videolocadoras e produção de fitas nacionais de boa qualidade, esse mercado paralelo quase desapareceu. Fez surgir um novo: o de fitas piratas de alta qualidade técnica, não mais produzidas domesticamente, e sim em grandes empresas obscuras, em algum lugar do mundo. Por causa disso, os desenvolvedores de DVD não estiveram dispostos a alocar tempo para tornar o formato digital para filmes mais seguro? Por muito tempo, não é? Acontece que pouco tempo depois do advento do formato DVD, já existiam aparelhos de DVD sendo vendidos decodificados [o famoso desbloqueado] e, portanto, prontos para ler títulos piratas também, vendidos em qualquer esquina dos grandes centros urbanos.

Agora, a indústria editorial tende a alocar o mesmo tempo para não deixar seu produto perder o poder de compra e procura. Se isso vai surtir efeito, só o tempo dirá. Teotônio sentencia a questão nos dizendo o seguinte:

> *"Existem mercados mais e menos honestos, e a questão custo-benefício envolvida. Se um mercado é desonesto, a procura gerará a oferta".*

O case MS Reader

A Microsoft, por exemplo, quando lançou a versão Beta do ReaderWorks, ferramenta utilizada para conversão de livros para o formato LIT do software MS Reader, fazia questão de saber quem estava interessado em testar seus softwares para eBook. Mesmo o "Microsoft Reader with ClearType Beta Program", não era qualquer empresa ou pessoa que possuía ou tinha acesso. A Microsoft queria manter o controle so-

bre tudo e queria ter a certeza de que seus programas estavam sendo testados por editoras e casas publicadoras sérias, e de que não cairia nas mãos dos hackers. A ideia não era só a de criar um mercado atraente para ela, mas a de tomar todo o cuidado para não se enroscar depois, e ser vista como a criadora de uma tecnologia que acabou com os livros e o pão de cada dia de muita gente [tal qual a Naspter foi acusada de ter feito com a música e, por isso, colocada abaixo].

Pergunte para a Microsoft o que ela fez depois do lançamento do Microsoft Reader 2.0. Colocou o assunto pirataria "na geladeira" e começou a pensar melhor sobre esta questão.

Mas, de lá pra cá, as coisas mudaram. A filosofia colaborativa alterou de vez o modo de desenvolver aplicativos. Será que isso, por si só, já não os tornaria vulneráveis!

Clonagem

Existe outro tipo de pirataria, e deste a mídia CD de música foi uma das maiores vítimas, em que o produto era clonado e vendido ilegalmente por outros canais que não os convencionais: o mercado paralelo.

Acessar um original de MP3 qualquer, por exemplo, permitiu cópias com facilidades absolutas, uma vez que as gravadoras e o mercado fonográfico não estavam acompanhando a tecnologia que se desenvolvia para o seu produto. E muitas vezes se esquivaram das transformações socioculturais em torno do consumo do universo musical.

No caso de livros eletrônicos, pode ser que se clone um livro qualquer e que ele seja vendido ilegalmente na própria Internet ou mesmo em bancas de camelôs no centro da cidade. Essa duplicagem do arquivo do livro é extremamente simples. Existem, porém, maneiras de coibir ou intimidar tais procedimentos. O problema é que, atualmente, é humanamente impossível.

A ABDR tenta rastrear dia a dia centenas de Websites de seus associados à procura de livros eletrônicos em versão pirata. Mas é algo que a longo prazo não se resolve com coerção, são necessárias ideias mais criativas para combater a pirataria. Uma delas poderia ser a de a editora tornar disponível o seu catálogo em versão eletrônica oficial

para que os consumidores pudessem ter acesso ao produto original, ao invés de se contentar com o pirata.

Trabalho para os piratas

Quando se utilizam de modo coeso as ferramentas de um DRM, quem ganha é o leitor.

Em alguns casos, o pirata tem até que digitar a obra novamente, ou imprimi-la e fazer um novo OCR, porque da mesma forma que é possível no Adobe Acrobat, por exemplo, restringir a mudança de um documento, é possível também não permitir a seleção de um texto, como fazemos quando utilizamos o comando "Copy/Paste" ou "Copiar/Colar". Nesses casos, o cracker disposto a fazer a cópia do livro teria de criar um novo produto partindo do zero ou utilizar o software de poucos dólares criado por um hacker como o russo Dmitry, mas o cracker sabe que isso não é inteligente.

É preciso, portanto, analisar o contexto histórico pelo qual passamos: É vantajoso para alguém ter todo esse trabalho? E o custo-benefício? A procura por esses livros será mesmo grande? Pagará o tempo perdido na pirataria como aconteceu com os CDs? E o leitor honesto, interessado em pagar pela obra e não compartilhá-la na Web?

É aqui que reside a questão central do novo marco civil regulador da Internet brasileira.

Embora a própria tecnologia ajude na clonagem, é difícil conseguir vender cópias ilegais, sem que em pouco tempo não seja descoberto. A Internet pode não ter dono, como dizem os mais "preocupados", mas as provedoras de hospedagem de sites que abrigam produtos ilegais têm. Será fácil, portanto, neste sentido, para os órgãos competentes acharem esta fonte que distribui livros ilegais e fechá-la em algumas horas.

No modelo convencional de livros em papel, isso também era possível, porém é mais fácil achar um falsário na Internet do que limpar todas as banquinhas do centro da cidade que vendem CD's piratas. O cracker, querendo ou não, tem um e-mail, uma URL, um rastro. Mas existe também a possibilidade de os eBooks irem parar num servidor remoto que todos, através de um programa igual ao Naspter, possam acessar e,

aí, seria impossível o controle. O Naspter foi uma espécie de catalisador de programas P2P de proliferação de conteúdo pirata. Hoje, no entanto, não só temos diversos outros programas que fazem isso como também temos sites que o fazem de modo indireto, como é o caso do Scribd.

Basta agora o Google criar um serviço de rastreamento de conteúdo ilegal e avisar os seus detentores.

Tudo é possível, mas o que temos de perceber são as mudanças comportamentais na Era Digital. Não podemos tratar todos os internautas como criminosos anônimos. A questão não é tecnológica, é quase social, tem a ver com a condição humana. Tem a ver com a China, com a liberdade de expressão. Não adianta criptografia, colocar senha de 124 bits ou algo que o valha; não adianta prender os programadores de softwares que liberam os eBooks das amarras dos códigos proprietários. É necessário outro caminho, outra solução, mais real e mais inteligente.

A reprodução não autorizada, pelo menos em nível de "Copy/Paste", não vai ser fácil para o cracker; vai atrapalhar de certo modo a sua ação, mas vai atrapalhar ainda mais o estudante e o leitor honesto. É possível que alguém use de má-fé e resolva digitar ou escanear um documento protegido intelectualmente e resolva distribuí-lo por conta própria, mas o custo é bem grande e demanda tempo, coragem e esperteza o bastante para não ser pego na rede. O máximo que o pirata poderá fazer é dar um "PrintScreen" no documento e sorrateiramente duplicá-lo, mas o resultado será apenas uma imagem do original e, portanto, não poderá ser vendido, porque, como sabemos, as imagens ficam pesadas, e muitas sem qualidade, o que torna impraticável o seu tráfego pela rede.

O que eu quero dizer, no final das contas, é que o pirata não sabe fazer um produto de qualidade. É raro, muito raro, encontrar boas edições de livros eletrônicos na Internet. E a questão no fundo não é efetivamente esta. Quanto dinheiro e tempo estão sendo gastos com a preocupação com a segurança dos eBooks, e quantos negócios poderiam ser gerados para a própria ascensão do mercado dos eBooks com esta mesma verba? E se esse mesmo investimento fosse redirecionado para a área de marketing, digitalização, consumo, qualidade editorial etc.

Podemos coibir a ação de pirataria em torno dos eBooks, mas será que vai adiantar? Será que a questão não é mesmo cultural, que envolve o bom senso de e-Editores?

O segredo está em criar conteúdo editorial original de qualidade [de custo e formato acessível] e isto só quem pode fazer são as editoras.

Duplicagem

Outra modalidade de pirataria, e para esta existia até solução e aplicações 100% seguras [até o russo Dmitry tirar o sono da Adobe], é o repasse ou duplicação do arquivo de uma mesma obra. Para ilustrar, vamos falar novamente do exemplo MP3. Uma pessoa poderia navegar na Internet, encontrar lá uma música do Metallica, por exemplo, fazer uma simples cópia e repassar indiscriminadamente para os amigos, via e-mail. Às vezes, até colocar num site pessoal, entrar numa sala de bate-papo e avisar a alguns navegantes de plantão onde encontrar o arquivo.

Se estivéssemos falando de um arquivo eletrônico de livro no formato PDF criptografado, isso seria um pouco mais difícil, mas não impossível.

A maioria das soluções e-commerce para distribuição de livros digitais traz DRM. Exceto em caso de documentos de circulação livre [embora estes também possam ser criptografados, mas não é a ideia].

O DRM auxilia as e-Editoras a determinarem as especificações de como os usuários poderão acessar os seus documentos virtuais. Se poderão apenas ler os documentos em tela ou se poderão imprimi-los, e quantas vezes poderão imprimi-los. Essas características, até mesmo a de não poder modificar um conteúdo, são travadas pelo aplicativo e criptografadas com o arquivo.

Para o usuário final, o cenário fica mais ou menos assim: ele entra numa loja virtual e compra seu eBook. O livro, em alguns casos, vem num formato protegido [às vezes no formato executável, neste caso, usuário de MAC, esqueça]. Desse arquivo seguro é que se extrai o PDF. O sistema ContentGuard da Xerox Corp foi um que tentou este caminho. No entanto, para se extrair este PDF, se fazia necessária uma autorização da loja. Essa autorização, o usuário só poderia obter mediante um pagamento. Neste caso, só neste caso de PDF, o usuário pode baixar quantas cópias quiser do livro, mas sem a autorização ele não vai conseguir nem sequer ler.

Esse sistema é perfeito para modelos de negócios de clube de livros ou bibliotecas baseadas em assinaturas e não em micropagamentos. Se alguém tenta acessar o material sem a licença, é direcionado para uma seção, no qual pode pagar o devido valor e receber sua chave. Uma vez autorizado, no mesmo instante que o usuário abre o arquivo, este é configurado com as características da sua máquina. Isso quer dizer que este arquivo não poderá ser aberto em outra máquina que não aquela onde foi feita a instalação.

A solução WebBy, da própria Adobe, fazia o mesmo. A coisa evoluiu e este trabalho hoje é feito pelo Content Server em conjunto com a plataforma Adobe Digital Editions.

Mas, como já dito, esse processo, infelizmente, pode trazer alguns problemas para os leitores. Para se ter uma ideia da ação desse tipo de criptografia usado, por exemplo, no livro de João Ubaldo Ribeiro [um dos primeiros títulos comerciais de grande circulação lançado no Brasil no formato eletrônico], os e-Editores tinham de duplicar o arquivo a ser codificado e fazer uma cópia de segurança dele [backup]. É necessário criptografar apenas a cópia, porque, uma vez codificada, para sempre codificada. É um processo irreversível, baseado em princípios matemáticos e em conceitos avançados como o one-way funtions [funções sem retorno] e public-key encryption [codificação de chave pública]. O algoritmo de criptografia RSA gera facilmente essa chave.

Em outros casos simples de distribuição de obras, em que para acessá-la precisasse de senha, geralmente essa senha estava ligada, ao nome do usuário, ou ao seu número de CPF. Uma forma encontrada de coibir repasse de eBooks por e-mail, porque era melhor que o usuário não repassasse mesmo esse arquivo adiante se não quisesse ver seu nome sendo usado por terceiros. A ideia, neste caso, era bem simples: qual era a senha para abrir um arquivo de um livro? Resposta: o nome do usuário ou o seu CPF. Então, quem desses usuários queria ver seu nome "navegando" por aí.

Vou revelar outro segredo para os diversos profissionais com quem eu conversei durante estes últimos dez anos sobre segurança de eBooks: esse processo descrito acima é mais fácil realizar com ePub, por ser baseada em XML, do que com o PDF. Isso ocorre porque através dos scripts é possível controlar a segurança do conteúdo até o nível do embaralhamento dos caracteres.

A criatividade impera

O que a gente percebe aqui é um grande número de ideias "criativas" já tentadas para inibir a pirataria de livros. E muitas não deram certo. As e-Editoras não puderam ser avessas ao formato que surgia, mas se unir aos desenvolvedores tecnológicos para assumir de vez o controle da coisa. Como fizeram sabiamente algumas e-Editoras virtuais que estabeleceram elas próprias o rumo da proteção aos seus produtos.

A própria indústria desenvolvedora de tecnologia para documentos eletrônicos se antecipou à possibilidade de pirataria. Exatamente o contrário do que fez a indústria fonográfica, que não enxergou o estrago que a Internet e seus formatos emergentes, como o MP3, causariam. Os publicadores de livros impressos já estavam atentos às possibilidades de pirataria que a rede e as novas plataformas para seu produto poderiam causar.

Outras empresas também criaram formas de criptografias para que documentos não fossem passados adiante indiscriminadamente. Enquanto o primeiro eBook de Stephen King estava sendo lançado na rede, a Adobe Corp. estava dando os retoques finais num poderoso sistema de segurança de dados chamado Merchant, mais tarde chamado WebBy — hoje o Adobe Digital Editions [a úniva coisa que eu não consegui descobrir e entender é porque eles mudam tanto o nome das soluções]. De qualquer modo, o software era na época dificilmente encontrado em outros países que não nos Estados Unidos, por questões de segurança ainda não entendidas ou esclarecidas muito bem também. Para terminar o assunto, a própria Adobe evoluiu muito nesta questão e aprendeu bastante também com toda essa história. Não seria difícil supor, portanto, que uma das plataformas mais seguras hoje seja o Adobe Digital Editions.

O Mercado Editorial Brasileiro em Números

Chegamos à fase final deste livro. Muito tem se falado sobre os livros eletrônicos. No entanto, toda a questão dos livros em papel continua em seu curso. Agora com mais questões importantes em voga. Mas não dá para avaliar os modelos de negócios dos livros eletrônicos sem passar pelo crivo institucional da cadeia produtiva do livro convencional, dado que os agentes [autores, editores etc.] são os mesmos.

Neste sentido, fiz um levantamento de alguns números do Mercado Editorial brasileiro, que serve como base para 2008 até pelo menos 2012 aproximadamente. Esses números são importantes tendo em vista que os livros eletrônicos podem [na minha opinião] ajudar a resolver a questão da leitura no Brasil.

Vamos aos números.

Base para um novo modelo de negócios

O Brasil possui pouquíssimas livrarias físicas, não mais que 2.680 delas de Norte a Sul do país, incluindo neste número alguns diversos pontos de venda genéricos, ou seja, não exatamente livrarias físicas especializadas, mas às vezes supermercados, pontos de venda e outras empresas abertas que, na verdade, servem de fachada para algumas papelarias. E, neste cenário, livrarias que não só vendem livros, mas toda a sorte de produtos culturais [CDs, DVDs, brinquedos, etc.].

Segundo dados da Fundação Biblioteca Nacional, de 2009, o país teria 2.767 [uma proporção de 70 mil leitores para cada livraria]. Setenta por cento do número de livrarias são de pequeno e médio porte, com um faturamento mensal entre R$ 35 mil e R$ 45 mil apenas.

Segundo o Diagnóstico do Setor Livreiro 2009, 67% das livrarias independentes com uma única loja faturariam até 350 mil ao ano.

Uma pesquisa divulgada pelo IBGE [Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística], em setembro de 2007, mostrou que, entre 1999 e 2006, o número de municípios que tinham livrarias no país caiu 15,5%. Em 2006, elas estavam presentes em apenas 30% dos 5.564 municípios brasileiros. Já em 1999, o percentual era de 45,5%. Veja bem, estes são os números do IBGE, especificamente.

Perto de 25% do número de livrarias existentes pertencem às grandes redes, com boa parte dessas redes concentradas nas regiões Sul e Sudeste do país, que coincide com a concentração dos 58% do total de leitores ativos. Ou seja, 68% das livrarias brasileiras se concentram no Sudeste e no Sul. Mais de mil delas estão centralizadas em apenas dois estados: São Paulo e Rio de Janeiro. Apenas em São Paulo há entre 676 e 864 livrarias, o maior número do país para uma população de 40 milhões de habitantes no estado.

Segundo recomendações da Organização das Nações Unidas, o ideal seria uma livraria para cada 10 mil habitantes. Com isso em mente, o certo seria termos então 18 mil livrarias. Porém, creio que este nosso número tende a não se alterar nos próximos anos. Ainda segundo o Diagnóstico do Setor Livreiro de 2009, promovido pela ANL, teríamos uma livraria para cada 64 mil habitantes. E é por isso que eu acredito, entre outras coisas, que o livro eletrônico pode democratizar ainda mais a leitura em nosso país.

Voltando aos números do mercado convencional, porém, o número de livrarias atuais, que comparei com um documento publicado pela Associação Nacional de Livrarias, cobre apenas cerca de 600 cidades no país, ou seja, podemos dizer que, segundo os dados da ANL, 90% dos municípios brasileiros não têm livraria. Nos outros 10%, o número de livrarias se dividiria assim:

» 3% Distrito Federal
» 3% Norte - Amapá, 151 livrarias
» 4% Centro-Oeste

- » 19% Sul - Rio Grande do Sul, 238 livrarias
- » 12% Nordeste
- » 56% na região Sudeste, sendo:
  - » 48% em São Paulo - 864 livrarias
  - » 24% no Rio de Janeiro - 298 livrarias
  - » 25% em Minas Gerais - 268 livrarias
  - » 3% no Espírito Santo

Para amenizar este cenário, o Brasil possui apenas 22 mil bancas de jornais, que são consideradas pontos alternativos de venda de livros.

Bibliotecas

Há aproximadamente apenas 70 mil bibliotecas físicas, das quais cinco mil são bibliotecas públicas, 10 mil são comunitárias e quase 55 mil escolares. Porém, perto de 11% dos 5.564 municípios brasileiros não tem biblioteca. Ou seja, o Brasil teria, em 2010, cerca de 650 municípios sem nenhuma biblioteca. Desde 1999, o índice de presença subiu de 76,3% para 89,1%. Uma margem mínima de 12,8%, se avaliarmos o gigantesco trabalho de ONGs e entidades que cuidam da questão da leitura em nosso país.

Em alguns municípios, o acervo da biblioteca é de 20, 30 anos atrás, e relatórios anuais de frequência em bibliotecas municipais apontam que 40% de seus usuários [que poderiam ser considerados os potenciais leitores] entram nesses estabelecimentos para assistir a filmes, usar a Internet, ou para fazer outras coisas mais usuais como beber água ou usar o banheiro, por exemplo.

No Brasil há apenas 21,6 mil bibliotecários habilitados.

Leitura e educação

Segundo o Pisa de 2006, o programa de avaliação de sistemas educativos mais difundidos no mundo, o Brasil encontra-se em 49° lugar em leitura [entre 56 países].

Segundo um estudo realizado pelo movimento Todos pela Educação, com base nos dados do Censo da Educação Básica, de 2008,

para cumprir a lei que determina que toda escola deve ter uma biblioteca, no país, seria necessária a construção de 25 bibliotecas por dia até o ano de 2020.

No ensino médio, o número de escolas sem biblioteca chega a quase 3.500. Mas o maior desafio mesmo está nos estabelecimentos do ensino fundamental cujo déficit de bibliotecas chega a mais de 93 mil. Desse total, 89,7 mil são escolas públicas e 3,9 mil, estabelecimentos privados. Na educação infantil, apenas 30% das instituições têm bibliotecas e seria necessária a criação de 21 acervos por dia para cumprir a lei.

Em São Paulo, a Secretaria Estadual de Educação apontou em pesquisa de outubro de 2007 que apenas 15% das escolas tinham bibliotecas. Ou seja, das mais de 5 mil escolas estaduais paulistas, apenas 750 delas tinham bibliotecas. E, apesar de 73% delas contar com salas de leitura, estas nem sempre estavam abertas para os alunos.

Segundo matéria publicada no jornal *Folha de S.Paulo*, "*Uma prova aplicada nas escolas municipais de São Paulo em novembro de 2007 apontou que cerca de 29% dos alunos da segunda série do ensino fundamental estão com um nível de aprendizado crítico. Não conseguiram nem responder às questões de português. Na prática, segundo relatório da própria Secretaria de Educação do município pauslista, ao ler um documento, esses alunos não são capazes de identificar, por exemplo, que se trata de uma conta de água. Eles também têm dificuldades para entender o contexto de uma história em quadrinhos. Os resultados da Prova São Paulo mostram também que boa parte dos alunos da quarta série [26,9%] também está muito abaixo do esperado para sua etapa de ensino*".

A Revista *Educação* de junho de 2008 trouxe uma reportagem sobre uma pesquisa realizada pela NEA [National Endowment for the Arts], a qual aponta que o livro vem perdendo, ao longo dos anos, sua importância como principal instrumento de formação escolar. Entre 1984 e 2004, período avaliado no estudo, o número de adolescentes de 13 anos que nunca leram um livro aumentou de 8% para 13%. O percentual de alunos que leem diariamente baixou de 35% para 30%.

Segundo a mesma pesquisa, o problema aumenta de acordo com a faixa etária. Entre os jovens de 19 anos, ou seja, os que estão deixando a escola, o número dos que nunca leram passou de 9% para 19%. Já entre os jovens que se dedicam todos os dias aos livros, o número bai-

xou de 31% para 22%. Uma das causas apontadas pelo estudo para o crescente desinteresse pela leitura é a diminuição do capital empregado pelas famílias na compra de livros impressos.

Leitores

A pesquisa Retratos da Leitura do Instituto Pró-Livro, publicada em maio de 2008, trouxe à tona os problemas da carência de leitores no Brasil ao mostrar que apenas 8% dos cinco mil entrevistados nem sequer tinham um livro em casa e que 66% dos livros estão concentrados nas mãos de 20% do universo pesquisado.

A mesma pesquisa mostrou que os estudantes brasileiros leem 7,2 livros por ano; mas 5,5 dos livros são didáticos ou indicados pela escola. Apenas 1,7 de livro é lido por vontade e ou escolha própria. Os dados da pesquisa são óbvios aos mostrar que a quantidade de livros aumenta conforme a classe social, a escolaridade e a região onde vivem os leitores.

Entre os que ganham mais de 10 salários mínimos, por exemplo, são 5,3 livros por ano, sem contar os didáticos. O índice é próximo dos registrados em outros países, como Espanha [5 livros por ano] ou Argentina [5,8]. Na França, são mais de 7. Já na Região Norte do Brasil, praticamente só se lê o que a escola pede.

Sessenta e um por cento da população adulta têm pouco ou nenhum contato com os livros. O número de leitores ativos no país, que estão em sua maioria entre 14 e 29 anos, não chega à casa dos 40 milhões [ou seja, perto de 20% do real potencial de mercado]. Segundo números do Instituto Pró-Livro, o Brasil teria 36 milhões de compradores de livros.

Às vezes, vejo algumas entidades e pesquisas inflarem esses números, mas não dá para forçar a barra.

Mercado

Temos pouco mais que 500 editoras realmente em plena atividade, e o mercado emprega apenas perto de 30 mil profissionais formalmente ou, no máximo, 150 mil pessoas de modo indireto através de

freelancers e ou terceirizados. As gráficas, neste cenário, somam 17 mil empresas [mas não vivem somente da impressão de livros, senão teríamos certamente um número menor que este, como, 12 mil].

Outra pesquisa, esta encomendada pelo Sistema FecomércioRJ, mostra que do total dos entrevistados, 69% disseram, por exemplo, que não leram nenhum livro no ano de 2007. A falta de hábito foi o motivo alegado por 58% dos entrevistados das classes D e E; apenas 1% a menos que os das classes A e B. Apontado por muita gente como o maior vilão dos consumidores de cultura, o preço dos livros perdeu de longe para dois problemas ainda mais preocupantes, uma vez que demandam mais tempo para serem solucionados: a falta de hábito e o desinteresse.

Perto de 75% dos livros, no Brasil, está nas mãos de apenas 20% da população [ou seja, perto de 230 milhões de livros estão nas mãos de apenas 35 ou no máximo de 40 milhões de leitores]. Basicamente a população do Estado de São Paulo.

Sessenta por cento da população brasileira alfabetizada está fora da indústria cultural de livros.

Num cenário de 187,22 milhões de habitantes, dos quais apenas 95,6 milhões de pessoas [55% da população] se declaram leitores, somam-se perto de 15 milhões dos brasileiros que não sabem ler. Desse número, oito milhões dos analfabetos estão concentrados na região do Nordeste. Embora não seja exatamente a mesma região que concentra o menor número de livrarias.

Um indicador nacional de analfabetismo funcional em 2005 mostrava que 30% dos brasileiros entre 15 e 64 anos não conseguiam localizar informações em textos longos, apenas nos textos curtos. Segundo o Inaf, 74% da população brasileira não consegue entender um texto simples.

O leitor médio [teoricamente alfabetizado] lê apenas 1,8 livros por ano [segundo algumas entidades do livro, mas eu fiz uma conta bem caseira e cheguei ao animador número de apenas três unidades por ano somente entre os leitores realmente ativos, o que não altera muito a nossa triste realidade]. Eu leio esse número em menos de um mês, mas estou ciente de que este é o meu ganha-pão e estou fora da estatística que aponta 17 milhões de leitores brasileiros que leem apenas um livro por ano, número abaixo do cidadão colombiano [2,4] e muito abaixo do norte-americano [5] e do francês [7].

Avaliadores internacionais já colocavam o Brasil, em 2003, nas últimas posições no uso da língua materna e mostravam que apenas 25% dos brasileiros que concluíram a 8ª série poderiam ser considerados leitores realmente fluentes.

Três mil é a tiragem média para uma única edição de um livro. E apenas 30 mil é a tiragem média dos chamados *best-sellers*.

Potencial

E apesar de tudo isso, o Brasil é apontado entre os oito países que mais consomem livros no mundo e é o primeiro na América Latina, com um potencial de mercado gigantesco ainda a ser explorado. Três bilhões representam o faturamento anual do mercado editorial brasileiro [números de 2006]. Foram 310 milhões de livros vendidos naquele ano. Porém, 60% deste número [perto de 180 milhões] são de livros didáticos, ou seja, a cifra real de faturamento [que poderia chegar realmente perto da casa dos 3 bilhões], na verdade, é menor que isso porque, historicamente, o governo brasileiro responde, em valor, com um quarto a um terço da receita do mercado editorial brasileiro. Em 2006, por exemplo, foram comprados exatos R$ 731 milhões.

Esses são os números que eu humildemente levantei, pois não sou estrategista nem tampouco matemático, embora tenha estudado estatística por dois anos na faculdade de Ciências Sociais. E antes que me perguntem, as fontes desses números estão por aí; os dados foram levantados de matérias e reportagens de jornais e revistas de todo o Brasil, durante algum tempo que pesquisei esses fragmentos para obter algum horizonte ou uma bússola no meu trabalho como editor e para compor este livro. Incluindo relatórios e pesquisas tirados dos Websites das entidades de classes que, infelizmente, não chegam a um consenso. Outras pesquisas como esta podem ser conferidas no Website www.ebookreader.com.br. Cada um diz uma coisa. Ou esses números estão corretos, ou eu não sei entender os números ou há alguma coisa fora da ordem.

O fato é que o número de usuários das novas mídias digitais, pelo menos em escala global, é muito mais interessante e inspirador. Vemos isso a seguir, antes, porém, vamos dar uma olhada no número da Internet no Brasil.

A Internet Brasileira em Números

Não existe, no Brasil, um projeto para livro eletrônico que pense numa maneira realmente eficaz de levar os livros a toda a população que não tem acesso aos livros. Muito se tem falado sobre a exclusão digital em nosso país e a dificuldade de acesso para uma determinada faixa de usuários que simplesmente está, de um modo geral, fora do acesso à cultura.

Sem um mínimo de conexão possível [mesmo que para diferentes plataformas ou equipamentos], os livros eletrônicos simplesmente nunca terão um modelo de negócios rentável para a cadeia produtiva do livro.

A falta de acesso à Internet no Brasil

Segundo dados de 2008 da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios [PNAD], do IBGE, 65% dos brasileiros não têm acesso à Internet e ainda estão totalmente desconectados. E, sem conexão, o download de livros eletrônicos se torna um tanto impossível [a não ser que exista um projeto que abarque um modelo off-line de distribuição de livros eletrônicos, através de outras mídias físicas, por exemplo].

No Brasil, somos apenas 44,5 milhões de internautas segundo os dados Ibope Nielson Online. Cerca de 104,7 milhões de pessoas [acima dos 10 anos de idade, que em sua maioria estão nas regiões Norte e

Nordeste — como sempre — e têm cima de 35 anos] estão desconectados e necessitados de consultas às informações mínimas para o seu dia a dia. Não estamos ainda nem falando de consumo de conteúdo digital. Pois esta realidade estaria presente na vida dos poucos usuários que se conectam à Internet, de casa.

Numa pesquisa realizada pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil [CGI.br], as principais razões apontadas para a falta de acesso à Internet em casa foram, entre outras, o preço elevado dos serviços e a pouca habilidade com o computador.

A banda, larga, de desconectados no Brasil

No final de 2008, o Brasil dispunha de apenas 10,1 milhões de conexões de banda larga fixa e móvel [numa densidade de 5,8% da população], 48% a mais que em 2007 quando parece ter havido um salto maior na prestação deste tipo de serviço. Em 2010, a banda larga teria apenas 12 milhões de usuários no País. Ou seja, a taxa de crescimento ainda é pequena se comparado a países como Japão.

O Brasil se encontra em último lugar entre os 20 maiores mercados de Internet rápida do mundo. A maioria dos usuários desconectados não acessa a Internet por conta do custo elevado, a falta de disponibilidade de acesso em determinadas áreas, a relação custo-benefício não vale à pena para o usuário interessado ou não sabe usar.

Os maiores problemas são preço, velocidade, cobertura e qualidade

Segundo dados do IPEA [Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada], o valor médio mensal pago pelo serviço é de 162 reais. Mas a velocidade é baixa: 66% das conexões têm menos de 1 Mbps, sendo que dois terços dessas conexões chegam a 256 Kbps.

A conexão no Brasil é 9,6 vezes mais cara que a japonesa e 24 vezes maior que a americana.

A exclusão digital no Brasil

Ainda segundo dados do PNAD/2008 e CETIC também de 2008, dos usuários que estão conectados, a maioria acessa a Internet de LAN houses, no trabalho, em centros de ensino, telecentros entre outros.

Nas áreas rurais, onde está cerca de 15% da população, e a exclusão digital chega 82%, 27% das pessoas estão desconectadas porque simplesmente não existe serviço de conexão à Internet. Segundo levantamento feito pela revista *Info Exame*, levar banda larga às regiões remotas é caro e o interesse é reduzido, o que afasta as operadoras de telefonia.

Repetindo os números: 82% é o número de excluídos digitais na zona rural, e 57% é o número de excluídos digitais na zona urbana.

O governo diz que meta do programa PNBL [Plano Nacional de Banda Larga] é levar o acesso de alta velocidade à rede mundial de computadores a mais 28 milhões de domicílios até 2014, com mais qualidade e velocidade e a preço mais acessível que o cobrado atualmente pelas operadoras. Ou seja, isto demonstra que realmente o serviço de conexão à Internet no Brasil ainda é incipiente e caro [mesmo quando se fala da iniciativa privada].

E este quadro não deve se alterar nos próximos 10 dez anos mesmo que empresas privadas queiram aumentar este efetivo de usuários. Portanto, o mercado editorial ainda tem um bom caminho pela frente no que diz respeito ao emergente mercado de consumo de livros eletrônicos.

O celular é a nova Internet?

Alguns especialistas [e eu faço questão de me excluir completamente dessa lista] apontam que uma opção para o tráfego de textos literários seria através dos telefones móveis ou smartphones.

Independente da questão da leitura desconfortável nas telas dos aparelhos móveis, vamos aos números: existem cerca de 160 milhões de celulares no Brasil, sendo que 81,8% são pré-pagos [130 milhões], e dos 30 milhões de pós-pagos [18,2] apenas 3,5% são 3G. Ou seja, os que estão realmente conectados formam um contingente de 5,7 milhões de usuários.

Mas quem são eles, e onde eles estão?

As pessoas estão com os celulares nas mãos, mas ainda estão de certo modo impedidas de acessar serviços básicos de informações por conta do impedimento da conexão. Imagina então consumir livros eletrônicos.

De qualquer modo, os brasileiros compraram 23 milhões de celulares em 2009, 15% a mais que em 2008. No Rio Grande do Sul, por exemplo, a Anatel registrou 100,49 aparelhos para cada 100 habitantes. São Paulo, Rio de Janeiro, Mato Grosso do Sul e Distrito Federal também têm mais celular que usuário.

Ainda assim, 70% dos brasileiros pretendem comprar ou trocar de celular nos próximos meses. Esses consumidores devem gastar, em média, R$ 492 na compra do próximo aparelho. O gasto médio do brasileiro nas contas de celular é de R$ 107.

As maiores operadoras de telefonia móvel no Brasil são:

» Vivo — 29,7%
» Claro — 25,5%
» Tim — 23,6%
» Oi — 20,7%

A navegação na Internet sem computador se dá da seguinte maneira:

» Celulares — 66%
» Smartphones com 3G — 3%
» Palms — 9%
» Smartphones sem 3G — 3%

Sempre que pensamos em livros eletrônicos, nós — produtores de conteúdo, editores e casas publicadoras — precisamos pensar na base instalada dos equipamentos onde queremos circular os nossos livros. E a pergunta é esta: se não temos uma malha de conexão adequada no Brasil para a circulação de conteúdo digital, como faríamos para circular nossos livros em formato eletrônico?

O papel também é um hardware. Talvez fosse o caso de ainda circularmos os livros na base instalada de livrarias físicas, sebos e bibliotecas?

Ou poderíamos circular e-readers com centenas de livros eletrônicos já armazenados?

O que temos neste cenário todo não é somente uma contradição, mas também um desafio gigantesco à frente.

Painel Mundial dos Livros Eletrônicos

Nas páginas anteriores, fizemos um review dos números do mercado editorial convencional. E tratamos da questão da conexão à Internet para desmistificar o que a imprensa insiste em alardar com relação ao consumo do tablet iPad no Brasil.

Neste capítulo, repassaremos alguns números do emergente mercado dos livros eletrônicos com o objetivo não de comparar ambos os mercados, já que do prisma de um editor dos novos tempos eles se complementam, mas com o objetivo de mostrar o quanto a digitalidade avança de modo rápido e exponencial. Eu sei que esses números mudam sempre e logo estarão desatualizados, porém, uma vez que percebi que os números do mercado editorial estão praticamente estagnados, tomei a decisão de citar esses números aqui, que são do final de 2009.

Vamos aos números.

Estados Unidos

» Os Estados Unidos apresentam o maior mercado para eBooks até o momento, tendo movimentado cerca de US$ 113 milhões no último ano de 2008.
» Havia uma estimativa de venda de 3 milhões de leitores eletrônicos [e-readers] nos Estados Unidos em 2009.

» A consultoria iSuppli esperava que as vendas de e-readers no mundo todo superassem os 5 milhões de unidades em 2009, ante 1 milhão registrado no ano anterior, 2008. De acordo com a pesquisa de mercado realizada pela iSuppli, havia uma previsão de venda de 5,2 milhões em 2009, mais da metade nos EUA.
» Em 2010, estima-se que 60% das apostilas e dos livros didáticos das universidades americanas estão disponíveis no formato digital.

Associação Norte-americana de Editores

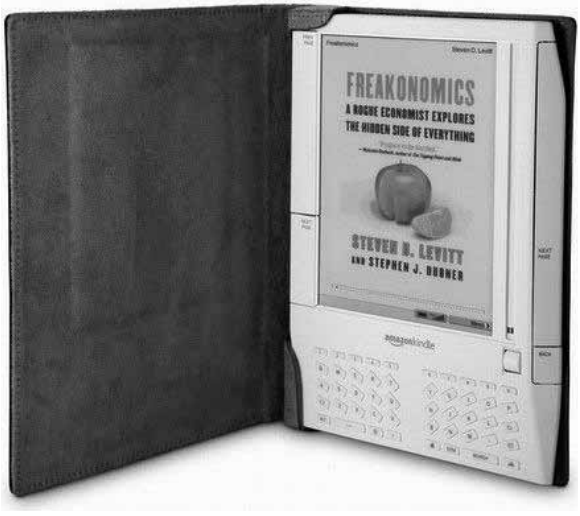
» Segundo a Associação Norte-americana de Editores [AAP], já existem cerca de 80 editoras comercializando eBooks diariamente.
» A AAP indica que as vendas de eBooks somaram 20 milhões de dólares em 2003, ante 113 milhões de dólares em 2008. O aumento nesse período foi de 465%. Só no primeiro semestre de 2009, o crescimento foi de 150%. No final de 2009, os eBooks representavam apenas 1% do mercado.
» A AAP divulgou que os livros digitais [compatíveis com leitores como o Kindle] responderam por 1,6% de todos os livros comprados no primeiro semestre de 2009. As vendas aumentam rápido: os eBooks somaram US$81,5 milhões no primeiro semestre, nos EUA, contra US$29,8 milhões no mesmo período de 2008.
» A livraria online da Barnes & Noble já tinha disponível mais de 700 mil títulos digitais que podiam ser lidos em dispositivos como o iPhone, da Apple [quando lançou o e-reader Nook]. No primeiro semestre de 2010, a livraria ultapassou o número de 1 milhão de títulos eletrônicos.
» William Lynch, presidente de negócios online da Barnes & Noble, diz que "*planeja promover agressiva e criativamente os eBooks*" para os 77 milhões de clientes que passam pelas suas lojas todo ano.

Digitalidade

» Segundo a agência Bowker [entidade privada americana que emite ISBNs] houve um crescimento de 132% no número de livros produzidos por meio de impressão sob demanda a partir de conteúdo online.
» Segundo Adam Rothberg, VP de comunicações corporativas da Simon & Schuster, as vendas de eBooks, embora tenham crescido de modo considerável em 2009, se mantiveram em apenas 1,6% do total de vendas em julho.
» Segundo o relatório "*Book Industry Trends 2009*", da consultoria Forrester Research, as editoras de livros aumentaram suas receitas em 1% nos EUA no ano de 2008, para US$40,3 bilhões.
» A Forrester Research estima que o Amazon Kindle e o Sony Reader tenham vendido, cada um, 1 milhão de unidades nos Estados Unidos até o final do ano de 2008, podendo dobrar, em volume de unidades, até o final de 2009.
» Segundo o estudo da Forrester Research, as vendas de e-readers deviam somar 3 milhões no mercado norte-americano em 2009. Desse total, a Amazon responde por 60%, enquanto a Sony 35% do mercado.
» Em 2014, tal cota de venda de e-readers pode atingir a casa dos 30 milhões.
» Segundo Kevin Kelly, autor do livro *Novas Regras para uma Nova Economia*, pelo menos um milhão de livros está sendo digitalizado anualmente.
» No Vale do Silício, a Universidade de Stanford digitaliza todo o seu acervo de oito milhões de títulos.
» Aproximadamente 10% de todos os livros atualmente impressos serão digitalizados até 2014.
» Segundo Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, nos EUA, de cada 5 títulos, 1 sai no formato de audiobook..

Amazon Kindle

» No início de 2009, as versões eletrônicas de livros representavam 13% dos títulos comercializados pela Amazon. Em maio de 2009 esse número chegou a 35% e, em outubro, passou dos 48%.
» Em outubro de 2009 havia 360 mil livros digitais disponíveis no site da Amazon e que poderiam ser adquiridos e acessados através do sistema Kindle. Antes do lançamento do Kindle Internacional, o número era de 275 mil livros disponíveis para este e-reader.
» Proprietários do Amazon Kindle compram atualmente três vezes mais livros que antes de adquirirem o dispositivo.
» Segundo Jeff Bezos, diretor-executivo da Amazon, o produto Kindle é o produto mais vendido da loja virtual.
» Segundo a Amazon, de cada quatro exemplares vendidos de uma determinada obra, um já é digital.



» Segundo a Amazon, um mesmo título que tenha uma versão digital para o Kindle vende 35% mais exemplares.
» Segundo a Amazon, há 48 cópias vendidas para o Kindle de cada 100 cópias físicas comercializadas no site. Em junho de 2009 esse número era de 35 para cada 100.

» Segundo uma estimativa do analista Mark Mahaney, do Citigroup, foram comercializados cerca de 500 mil Kindles em 2008. No ano de 2010, com o avanço internacional, esse número poderia dobrar.
» Dos 2 milhões de cópias vendidas do livro *O Símbolo Perdido*, do escritor Dan Brown, 100 mil eram em formato digital. Um dos motivos foi o preço: custava só US$9,99 e tinha a praticidade de chegar às mãos do leitor em apenas 60 segundos.

Sony Reader

» Em 2007, a Sony já tinha disponível mais de 12 mil obras online para download em seu Reader.
» Segundo a própria Sony, os seus consumidores de eBooks fazem o download de uma média de 8 livros mensais a partir da biblioteca online da empresa [para serem lidos no device Sony Reader].
» A Sony assinou um acordo com o Google para oferecer gratuitamente, aos usuários do Sony Reader, o download de mais de 500 mil títulos que caíram em domínio público, armazenados no serviço Google Books.

Google Books

» O Google está digitalizando cerca de 1 milhão de livros por ano;
» Tinha como meta chegar a 5 milhões até o final de 2010;
» Anunciou em setembro de 2009 que já digitalizou mais de 3,6 milhões de livros de domínio público.
» O Google Books já contabiliza o total de 7 milhões de livros digitalizados. Fonte: Revista *Super Interessante*.
» O Google Books já contabiliza 20 mil editoras parceiras. Fonte: Revista *Época*.

Europa

» No Reino Unido, uma pesquisa do YouGov concluiu que a Sony é a marca mais conhecida quando se trata de eBooks, com 65% dos potenciais consumidores afirmando que comprariam o device Sony Reader. A Amazon e a Apple vêm a seguir, com 42% para o Kindle e 35% para o novo iPad.
» Segundo dados da Associação de Livreiros do Reino Unido, os eBooks já representam cerca de 1% do mercado editorial europeu.
» A Alemanha registrou a venda de 65 mil títulos, livros digitais, vendidos no primeiro semestre de 2009.
» A conclusão de uma pesquisa feita pelos organizadores da 61ª Feira do Livro de Frankfurt é a de que em 2018 o livro digital deverá desbancar a tradicional versão em papel.

EU Bookshop

» Segundo a Bookseller, a Comunidade Europeia colocou à disposição, gratuitamente na Internet, mais de 50 anos de documentos em cerca de 50 idiomas.
» Segundo o Independent, cerca de 110 mil publicações [ou 12 milhões de páginas], equivalentes a 4 km de estantes de livros, dos arquivos da Comunidade Europeia foram digitali-

zados desde fevereiro de 2008 ao custo de 2,5 milhões euros [R$ 7 milhões].

» A biblioteca da Comunidade Europeia conta hoje com cerca de 140 mil publicações, e a cada ano mais 1.500 arquivos originalmente digitais são adicionados.

China

» Segundo um relatório sobre o desenvolvimento do eBook na China, divulgado em outubro de 2009, por uma aliança de editoras e companhias de Internet, cerca de cinco milhões de chineses começaram a ler livros em aparelhos eletrônicos portáteis.

» 95% dos chineses que leem publicações em algum tipo de dispositivo eletrônico baixam conteúdo pirateado da Internet e 75% da população do país que lê livros eletrônicos tem menos de 31 anos.

» De um total de 79 milhões de chineses que leem livros em dispositivos eletrônicos: 6,3% leem livros em telefones móveis e apenas 0,3% nos aparelhos dedicados à leitura de livros.

» O Google recebeu autorização de mais de 50 editoras chinesas para digitalizar um número superior a 30 mil livros, que podem ser parcialmente acessados pela Internet.

» Na China são digitalizadas 100 mil páginas por dia.

Brasil

» Segundo a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil [realizada pelo Instituto Pró-Livro], dos 95,6 milhões potenciais de leitores do País, apenas 1% recorre aos eBooks.

» Apenas 9% da população leitora mapeada, ou 8,6 milhões de pessoas, vão à Internet em busca de leitura.

» Cerca de 85% dos downloads de eBooks no país são de formatos compatíveis com a leitura apenas no computador de mesa.

» Apenas 15% representam os diferentes formatos, compatíveis com outros devices portáteis como os celulares.
» A porcentagem de leitores mapeados pelo estudo, e que usam as mídias digitais, se divide da seguinte maneira:

  » Textos na Internet — 9%
  » Livros digitais — 1%
  » Audiolivros — 1%

» No Brasil já passa de 1.000 o número de títulos comercializados e convertidos para audiobooks.
» A porcentagem do tempo médio gasto com a leitura através das mídias digitais se divide da seguinte maneira:

  » Textos na Internet — 2h10
  » Livros digitais — 1h30
  » Audiolivros — 2h20

» Segundo a Secretaria de Educação a Distância, ligada ao Ministério da Educação, o portal Domínio Público contabilizou, em cinco anos de vida, mais de 15 milhões de downloads de obras no site.
» Segundo a SNEL e a ABDR, há mais de cinco mil links ilegais na Internet, contendo reproduções de conteúdos de livros em língua portuguesa.
» O site Máquina de Quadrinhos [em que usuários podem criar as próprias histórias com os personagens da Turma da Mônica] computa 57 mil histórias criadas por usuários, além de acessos a partir de 62 países diferentes.

Por um Brasil Leitor

Este é o último capítulo deste livro. Durante todo nosso trabalho, vimos os primórdios ou o início deste emergente mercado de livros eletrônicos. Estudamos os três principais alicerces sobre os quais acredito que se dê a sustentação aos novos modelos de negócios: O hardware, o software e o principal de todos eles, o conteúdo. E também avaliamos alguns números tanto do mercado editorial convencional quanto do mercado emergente.

Antes de terminar o livro, com um glossário de termos sobre o tema, no entanto, gostaria de tentar tecer algumas considerações. E a pergunta principal que eu faço neste momento é esta: quem poderia contribuir para a resolução da questão da leitura no Brasil? Afinal, falar de livros [impressos, eletrônicos ou em áudio] é falar de leitura.

Antes de responder o que eu preciso, sobre o que penso, já que este capítulo praticamente finaliza o nosso livro, e se trata de uma afirmação baseada em minha pessoal e intransferível opinião, eu devo me adiantar e esclarecer que sim, há as exceções. Sei disso, e, claro, realmente não podemos generalizar. Graças a Deus e aos nossos antepassados, vivemos em uma sociedade dita democrática. Isso quer dizer que as pessoas, atualmente chamadas de cidadãos, têm o direito de dizer o que pensam, mesmo que as outras pessoas não concordem. E agora eu me refiro a dezenas de profissionais com quem eu conversei durante esses dez anos e que discordaram quando eu disse que o livro digital mais cedo ou mais tarde ia bater à nossa porta.

Então, o que eu vou escrever aqui neste texto, eu preciso deixar claro e registrado, é simplesmente a minha visão pessoal sobre o mercado de livros impressos ante os novos paradigmas de mercado.

Sei que tenho todo o direito de ter esta visão depois de ter estudado o assunto por algum tempo. Portanto, considero que outras pessoas possam até não concordar comigo e, na verdade, eu não preciso que elas concordem. O importante é saber que a minha opinião é como uma senha de banco, pessoal e intransferível.

Assim, reservo-me o direito de receber críticas para melhorar o meu ponto de vista e melhorar a minha visão de mundo. O ponto que eu levanto é sobre os personagens que também envolvem o mercado editorial, o universo dos livros como um todo, e aqueles que poderiam efetivamente nos ajudar a alterar o processo pelo qual o mercado interno brasileiro vem passando. A minha intuição diz a respeito de um personagem principal, que faria o mercado brasileiro realmente crescer. Mas existem os outros, existem os coadjuvantes.

Os educadores

Para começar, não é possível deixar a carga e a responsabilidade de criar novos leitores somente nas mãos dos educadores. Estes, certamente, exercem uma grande influência sobre os jovens leitores e certamente também poderiam exercer o papel de formadores de novos leitores [como o fazem usualmente].

Creio, porém, que os professores não podem ser o personagem principal dessa nossa jornada. Não que os professores não tenham capacidade humana, de inteligência ou de conhecimento ou que não queiram, é que percebo que o professor não guarda mais infelizmente a energia para isso.

Os professores estão, infelizmente, engessados. Engessados por uma cultura capital e mercantilista que sobrepujou o ensino e a educação em nosso país e os transformou em centenas de faculdades terceirizadas. Um sistema capitalista mórbido que obrigou os professores a perder até parte de sua força política.

É quase como se os professores tivessem perdido a capacidade de representar a si mesmos; então, este processo ficou a cargo dos sindica-

listas que estão por sua vez muito mais ocupados resolvendo os problemas trabalhistas dos profissionais e que estão o tempo todo em volta das problemáticas da categoria.

Enquanto isso, não há um projeto unificado, não há um projeto eficaz e integralizado que resolva o problema da leitura a longo prazo no que diz respeito à educação, mais especificamente falando, da leitura de livros. E, neste sentido, fica ainda mais difícil para os educadores acompanharem de perto a questão da digitalidade do conteúdo.

O governo

Todos nós [e isso inclui os educadores] temos a péssima mania de colocar toda a culpa de certas problemáticas nos setores sociais [no caso, aqui, dos livros] no Governo. Nós nos esquecemos de que, na realidade, nós somos o Governo. Somos nós quem construiu e mantém o Governo. Somos nós que votamos e elegemos o Governo. Somos o Governo. Quem disse que o Governo são eles [sujeito oculto]? Esta é uma fábula apenas.

Então, a conclusão a que chego, depois de analisar friamente as condições pelas quais os professores passam, uma vez que a questão da leitura passa pela educação, é que eles não irão, pelo menos neste cenário atual, resolver o problema da leitura no Brasil. Talvez, no futuro, como era antigamente, isso poderá ocorrer; mas neste cenário em que nos encontramos isto infelizmente não será possível.

Mas o Governo que nós somos, muitas vezes, é incompetente. É moroso. É lento. Ele é incapaz de resolver os grandes problemas da leitura no Brasil. O Governo que somos, atualmente, até tenta resolver alguns problemas estruturais, mas não consegue porque o Governo também depende da iniciativa privada. Além disso, nós somos um Governo muitas vezes corrupto, que não consegue completar um único projeto educacional que se dispõe a fazer. Nós somos um Governo arcaico. Virulento.

E, enquanto Governo, eu não confio em delegar uma função tão primordial, que é a leitura, para mim mesmo. Então, a sociedade brasileira cria as artimanhas que lhe são culturalmente previstas, e centenas de ONGs e projetos culturais marginais tentam fazer o que nós, Governo,

deveríamos, mas não conseguimos: fazer as pessoas lerem. Mas como seria isso possível se a educação foi terceirizada [já que não podemos mais usar o termo privatizada pois seriamos "tachados" de boinas verdes]?

O Governo tem uma missão extremamente importante e imprescindível com relação ao livro no Brasil e deve urgentemente pensar em resolver essa questão. A questão da leitura em nosso país está no cerne da educação. Sem a leitura, sem os livros, não há educação. Talvez pudéssemos fazer uso deste novo cenário da digitalidade de conteúdo, talvez isso pudesse ajudar no processo de ensino-aprendizagem.

O Governo criou a lei que obriga as escolas a terem uma biblioteca em cada uma de suas unidades até 2020. A pergunta que restá é: como faremos isto?

Mas, enquanto não conseguimos resolver essa equação, vamos dar uma olhada nos outros personagens desta mesma saga.

As livrarias

As livrarias físicas, embora exerçam também o seu importantíssimo papel de escoamento de livros no Brasil, são um dos principais agentes da cadeia produtiva do livro, também podem ajudar no processo, mas não resolverão o problema da leitura.

Não haverá, pelo menos a curto prazo, condições econômicas e culturais para que floresçam e nasçam novas livrarias [que é o que realmente poderia contribuir com a resolução da questão]. O mercado editorial brasileiro atual não permite isso, há uma espécie de estrangulamento, de estagnação. Então, não sejamos tolos e tampouco ingênuos.

Como citado no capítulo anterior, setenta por cento do número de livrarias no Brasil são de pequeno e médio porte, com um faturamento mensal entre R$ 35 mil e R$ 45 mil apenas.

Enfim, o lojista, dono da nova livraria física, raramente é o livreiro antigo conhecedor de obras e o disseminador da cultura literária. Muitas das livrarias modernas mais se assemelham às drogarias e às lojas de sapato. Os lojistas atuais estão mais focados nos seus negócios que na questão da leitura propriamente dita. Então, os lojistas dos livros impressos estão realmente mais voltados [para não dizer interessados] para a manutenção dos seus negócios a longo prazo.

E mais uma vez eu preciso reiterar que há as exceções, e que não devemos generalizar, mas a regra do mercado hoje é esta: quais livros vendem e quais estão na lista de mais vendidos daquela revista semanal? São esses os livros que nós iremos colocar nas prateleiras e nas rodas das nossas livrarias [nada mais]. Portanto, com o lojista atual, a espiral negativa do livro continua. É o círculo vicioso rodando à vapor, alimentado pela lógica do mercado.

A probabilidade de abrir novas livrarias no país é muito baixa. Não há modelos de negócios conexos. O que temos realmente é a abertura de livrarias que pertençam às grandes redes, que são abertas em pontos estratégicos nos centros urbanos já forrados de aparelhagem cultural.

A curto prazo, não serão abertas novas livrarias em pontos onde realmente faltam livrarias, longe dos grandes centros urbanos, em regiões pobres de bibliotecas. Isso não ocorrerá tão cedo, se é que ocorrerá.

Portanto, o que temos é mais do mesmo, ou seja, livrarias dos grandes players sendo abertas nos mesmos lugares de sempre, nas regiões Sul e Sudeste, em conglomerados como shoppings ou no máximo em bairros onde residem as classes A e B.

O que eu quero dizer com isso tudo é o seguinte: a curto ou médio prazo, não poderemos contar com as livrarias físicas para resolver a problemática da questão da leitura no Brasil. As livrarias atuais já estão colaborando, de certo modo, com o processo, mas isso definitivamente não resolve o problema.

É nesse sentido que eu creio que talvez o livro eletrônico, quando da abertura das livrarias virtuais e bibliotecas online, poderia contribuir com a questão do acesso à leitura em nosso país, embora ainda restasse toda a questão da educação e conexão. Mas, em termos de conteúdo, algo poderia ser pensando.

Os analfabetos

Num cenário de 187,22 milhões de habitantes, somam-se perto de 15 milhões de brasileiros que não sabem ler. Desse número, oito milhões dos analfabetos estão concentrados na região Nordeste. Sessenta por cento da população brasileira alfabetizada está fora da indústria cultural de livros.

Sobre esse dado, permitam-me dizer uma coisa, mesmo que nós hoje alfabetizássemos todos os 15 milhões de brasileiros que ainda precisam ser alfabetizados, ainda assim não resolveríamos o problema da leitura no Brasil. E mesmo que os sessenta por cento da população brasileira alfabetizada fossem incluídos na indústria cultural da leitura, ainda assim não teríamos a garantia de que esse efetivo consumiria livros ou conteúdo digital. Portanto, alfabetizar iletrados não quer dizer criar consumidor de livros. Vamos separar as coisas, ok?

Se o mercado editorial tivesse um plano, um projeto a longo prazo para criar consumidores de livros, talvez no futuro os analfabetos pudessem fazer parte do mercado consumidor [incluindo a questão toda do foco digital]. Mas não é o caso. Para o analfabeto fazer parte do mercado consumidor de livros, ele deveria primeiro aprender a ler e escrever e depois aprender uma profissão, e depois ter uma moradia digna, e depois ter saneamento básico, e depois ter direito a uma boa alimentação... E não venha dizer que o cidadão consegue tudo isso lendo livros, porque isso é outra fábula.

Existem pessoas que vivem bem sem nunca terem lido um único livro. E há pessoas que têm acesso aos livros, porque eventualmente moram ao lado de uma biblioteca, e vivem bem ou mal, e nem por isso também leem os livros. Uma coisa é ser leitor de livros [e para isso não é preciso comprar livros, existem as bibliotecas que emprestam livros de graça] e outra coisa é consumir livros. Quem compra livros nem sempre lê [pois a pessoa pode comprar apenas um livro por ano ou dar de presente para um amigo], e quem realmente lê nem sempre consome [porque existem as bibliotecas e a Internet].

As bibliotecas

Como já dito aqui, ainda não há biblioteca pública em 613 municípios, apesar de, desde 1999, o índice de presença ter subido de 76,3% para 89,1%. Uma margem mínima de 12,8%, se avaliarmos o gigantesco trabalho das ONGs e entidades que cuidam da questão da leitura em nosso país.

A criação de novas bibliotecas certamente ajudaria na disseminação e na democratização do acesso à leitura. Mas sejamos realistas,

a criação de novas bibliotecas não significa a criação de novos leitores. Mais uma vez nós precisamos separar as coisas. Relatórios anuais de frequência a bibliotecas municipais, já registrado aqui, apontam que 40% de seus usuários [que poderiam ser considerados os potenciais leitores] entram nas bibliotecas somente para assistir a filmes, usar a Internet, ou para fazer outras coisas como beber água ou usar o banheiro.

Talvez o conteúdo digital através das mídias digitais, como o notebook de US$100, pudesse resolver a questão da infraestrutura de disseminação de informação e conteúdo. O tablet de US$ 30, da Índia, é uma grande sacada.

É claro que há uma defasagem no número de bibliotecas físicas no Brasil, que talvez as bibliotecas digitais [cujo acesso é feito através das lan houses, telecentros etc.] pudessem ajudar a resolver. Perto de 10% dos 5.564 municípios brasileiros não têm biblioteca física. Em São Paulo, onde resido, a Secretaria Estadual de Educação apontou em pesquisa de outubro de 2007 que apenas 15% das escolas possuem bibliotecas. Ou seja, das mais de cinco mil escolas estaduais paulistas, apenas 750 têm bibliotecas.

Para ajudar a ilustrar o meu pensamento, uma vez eu vi um episódio dos "Simpsons" que era mais ou menos assim: a biblioteca municipal de Springfield precisava ser reformada, ou algo do gênero, e aí o pessoal teve a brilhante ideia de alugar os livros disponíveis no espaço para ajudar na reforma. Ou seja, os leitores poderiam ler os livros gratuitamente, mas, para levá-los para casa precisariam pagar uma quantia irrisória e assim estariam contribuindo como cidadãos para o progresso local da leitura. O Homer Simpson fica sabendo da história e comenta: "*Caramba, eu não os lia de graça, por que pagaria por eles?*".

E isso nos faz seguir adiante com outro ponto deste livro.

O preço do livro

Os livros no Brasil são caros ou não têm valor? Se tivessem realmente valor não seriam vendidos a preço de banana, como diz o ditado, em sebos. Ou seja, os livros só são caros enquanto nós, editores, ditamos o preço de capa para justificar todo o trabalho que temos com a obra até chegar aos leitores finais através de distribuidores e livreiros.

Enquanto o livro está sendo vendido, ele tem realmente valor e pode ser ou não considerado caro pelo leitor, dependendo da classe a que pertence. Seria uma questão semântica?

Ora, se fosse verdade que o livro é caro no Brasil por vender pouco, os grandes *best-sellers* poderiam ser vendidos com preços mais justos. Mas não é o que ocorre. Basta ir a uma livraria e o leitor percebe que quanto mais famoso o livro, mais caro ele é. E aí cadê a lei de mercado, que reza que a oferta gera a demanda, ou vice-versa, e quanto mais se produz mais barato um produto fica? A resposta é a seguinte: algumas leis de mercado não se aplicam aos livros impressos. A Lei de Moore, por exemplo, não se aplica aos livros impressos; o Fordismo não se aplica aos livros. Quem dita quanto um livro vai custar é a casa editorial baseada em custos e em algumas regras básicas de marketing e retorno financeiro.

O preço de capa de um livro pode começar a ficar interessante em sua versão virtual, caso este seja o problema de entrave de novos leitores no mercado editorial brasileiro. De qualquer modo, dizer que o livro no Brasil é caro é "chover no molhado", pois existem diversas casas editoriais que vendem seus livros baratos, a preços populares, e nem por isso os livros são de fato populares, nem por isso são de fato comprados ou de fato vendidos e, principalmente, lidos.

Se a prerrogativa de que as pessoas não leem porque os livros no Brasil são caros fosse verdade, as bibliotecas, pontas de estoques e sebos estariam abarrotados de leitores. E não é o que acontece: as bibliotecas estão vazias, os sebos estão contando moedas, e as pontas de estoque estão negociando livros encalhados a um centavo. Enquanto isso há milhares de leitores nas redes sociais como Shelfari, Skoob, O Livreiro etc.

Ora, ninguém quer os livros?

Por outro lado, vejam a ironia, existe uma livraria física gigantesca na Avenida Paulista, é uma livraria linda, dá gosto de entrar e ficar lá por horas. A livraria é lotada, os livros são caros, eu mesmo tenho de escolher bem entre um título e outro por causa da questão financeira. As pessoas que frenquentam essa livraria dão valor, consomem e leem os livros que compram.

A conclusão a que chego é que se o livro no Brasil é caro ou não, isso não faz a menor diferença para a maioria da população. O preço do livro só faz diferença para a minoria que realmente consome e gosta dos livros, ou seja, para quem realmente dá valor aos livros. Para uma peque-

na elite, uma pequena faixa da população a quem os livros têm realmente valor. Para o restante, não importa o preço, mesmo que seja de graça, disponível numa estação de metrô. É simples assim. Então não sejamos hipócritas. E para provar isso, vou repetir as pesquisas de novo: perto de 75% dos livros, no Brasil, estão nas mãos de apenas 20% da população [ou seja, perto de 230 milhões de livros estão nas mãos de apenas 35 ou no máximo de 40 milhões de leitores] — basicamente a população do Estado de São Paulo. Sessenta e um por cento da população adulta tem pouco ou nenhum contato com os livros. O número de leitores ativos no país, que estão em sua maioria entre 14 e 29 anos, não chega à casa dos 40 milhões [ou seja, perto de 20% do real potencial de mercado].

Por favor, não venham me dizer que é porque a população pobre não tem acesso aos livros. Isso é outra fábula. Está na hora de a gente ver as coisas por outro prisma. O livro no Brasil não é caro, isso é relativo; o livro no Brasil na verdade não tem valor, é diferente. Em resumo, vou repetir para não esquecer, não é que o livro no Brasil é caro, o problema é que o livro no Brasil não tem valor.

Talvez o livro possa ganhar um novo valor cultural quando ele houver migrado para o mundo digital através dos e-readers...

Bom, as livrarias físicas, pelo menos a curto e médio prazo, não poderiam efetivamente ajudar no processo e na questão da problemática da leitura no Brasil. As poucas livrarias fazem isso, mas como abrir o dobro de livrarias para que o processo realmente surta efeito? Isso vai depender de inúmeros fatores conjecturais, econômicos, governamentais, financeiros, sociais, culturais, educacionais etc.

Nós não podemos contar com as prometidas novas bibliotecas. O Governo, o sempre grande vilão da história, vem se esforçando nesse sentido. As crianças passam direto pelos livros, vão direto para os computadores e para as outras mídias digitais, como os celulares. Nós não podemos colocar essa responsabilidade nas mãos dos educadores. Eles estão neste exato momento preocupados com questões trabalhistas, sindicais [para não dizer políticas], enfim, questões de preenchimento de prerrogativas educacionais e das demandas da própria categoria.

Alguém poderia dizer: "*Ah, mas há os formadores de leitores dentro das escolas*". Sim, existem centenas de projetos e ótimos profissionais neste sentido. Mas junte esse povo todo aos contadores de história nas feiras dos livros e eventos culturais, ou aos contadores de filmes do

nordeste num simpósio, e você vai conseguir lotar um colégio com um prédio relativamente pequeno.

Aí vem outra pessoa e diz: "*Ah, mas quantidade não é qualidade*". Sim realmente, a qualidade com absoluta certeza existe, mas é um exército infelizmente ínfimo se comparado ao tamanho da população brasileira [e se comparado ainda mais ao número de internautas que são, em tese, letrados]. E mesmo com toda a sua boa vontade não consegue quebrar a barreira, não consegue reverter o quadro, não tem força, não tem projeto unificado para longo prazo, não tem horizonte. São de fato trabalhos e projetos belíssimos que precisam ganhar corpo, tomar forma. Sem isso, estaremos formando alguns bons leitores. Alguns ótimos leitores. Mas não uma massa de leitores.

Então, qual personagem poderia surgir e, como um grande heroi, salvar os iletrados e os não leitores do limbo e da ignorância que os alfabetizados e letrados, os catedráticos ou os acadêmicos, tanto julgam haver. A Internet? As livrarias virtuais? As bibliotecas digitais? Os e-readers?

Eu apostaria em dois personagens: o primeiro deles seria ninguém menos que aquele que cria os universos com personagens inesquecíveis.

O escritor

Bem, quem é que apesar de tudo o que há de errado com a questão da leitura neste país, e apesar de tudo o que dispersa e compete diretamente com o livro, e que, apesar de muitas pessoas ainda não lerem os livros, ainda tem uma espécie de moral cultural?

Ele é um personagem muito importante. Porque todo mundo gosta e todo mundo respeita um escritor. "*Ah, mas não podemos generalizar*". Podemos sim. O escritor, ao contrário dos médicos e advogados, por exemplo [atualmente vistos até com certa desconfiança por uma parcela da sociedade], e dos professores [que não são mais respeitados nem pelos alunos] e dos políticos [deixa pra lá] é visto com respeito pela sociedade em geral.

Existe um olhar diferente para os escritores. O escritor tem o poder de convencer as pessoas a lerem os seus livros. Todo escritor tem um universo de pessoas [amigos, conhecidos e familiares] que abrem uma exceção, compram e leem o livro. O escritor, mesmo não tendo

o poder das poucas livrarias, mesmo não exercendo o seu papel como gostaria na sociedade brasileira, mesmo sendo jogado a escanteio pelas casas editoriais, ainda assim, é o único personagem capaz de juntar multidões nos eventos culturais e nas feiras de livros.

O escritor, mesmo recebendo um Direito Autoral baixo [para comparar com o salário dos professores], mesmo muitas vezes não recebendo o valor mínimo assinado em contrato por algumas casas editoriais inescrupulosas [que deveria ser de 8% sobre o preço de capa do livro], os escritores ainda estão vivos. Com ou sem a Internet. Com ou sem os livros eletrônicos. Os escritores ainda estão criando, em versão impressa e eletrônica. Os escritores não sabem, ou são tão pouco valorizados na cadeia editorial, que acabam desanimando, mas os escritores são a alma, talvez o espírito, do mercado editorial brasileiro.

Existe um jovem escritor do ABC paulista que arrasta multidões a feiras de livros, eventos culturais, saraus e lançamentos. Os jovens gostam muito dele e adoram ler a sua literatura fantástica. Ainda em São Paulo existe uma escritora muito famosa que publica histórias psicografadas. Quem mora em São Paulo sabe, basta pegar o metrô a qualquer hora do dia e o leitor encontrará alguém com um livro espírita nas mãos. São milhares de livros vendidos e consumidos, ou seja, lidos.

Existem dezenas de exemplos de escritores que não vendem os seus livros especificamente em livrarias físicas tradicionais, mas de porta em porta ou na Internet. Ou vendem os seus livros em palestras. Eu conheço um escritor que já vendeu mais de 200 mil cópias de livros só em suas palestras motivacionais. E outro que já teve mais de 300 mil downloads dos seus trabalhos na Internet.

Alguém poderia dizer: "*Ah, mas são exceções*". Não, não são exceções. Escritores que trabalham no *underground* [e na Internet] agora é a regra do mercado; os que estão "roendo" o mercado pelas bordas são muitos. São os escritores que levam a leitura onde ela poderia chegar. E toda vez que o escritor descobre uma maneira de fazer isso sem passar pelo lento mercado editorial dos livros tradicionais, um novo fenômeno editorial é descoberto. E, perdoem-me os amigos do mercado, a maioria dos grandes escritores, aqueles que vendem e são consumidos, não dependem do mercado editorial [e não nasceram graças ao mercado editorial], mas é e foi exatamente o contrário: o mercado editorial é que agora precisa deles.

Não é à toa que as casas editoriais estão disputando os grandes escritores a tapa. Dê-me um bom escritor eu lhe darei uma massa de grandes leitores [sem a ajuda das redes sociais]. Dê-me uma boa casa editorial que eu lhe mostro dezenas de escritores de quem essas casas precisam.

Os escritores brasileiros, em minha opinião, são os personagens principais que podem sim efetivamente mudar o cenário editorial brasileiro com as suas histórias, personagens, universos, cenários e finais felizes.

Eu não estou jogando a responsabilidade da questão livro sobre o escritor, mas o que percebo é que, apesar de as livrarias só aceitarem livros daquele bruxinho e de vampiros, apesar de as editoras só aceitarem originais daquele escritor estrangeiro, apesar de aquela revista semanal que só fala mal do Governo só fazer resenha de livros daquele medalhão, ainda assim os escritores são a força motriz que rege e que mantêm o mercado editorial vivo, ainda que moribundo ante a digitalidade.

Afinal, quem são as estrelas da Bienal do Livro? As marcas editoriais? As distribuidoras de ponta de estoque? Os editores acima do bem e do mal? Não. São os escritores e os seus belos livros.

O escritor [o verdadeiro autor, não aquele que escreve meia dúzia de palavras soltas num Blog] talvez não consiga perceber o poder que tem nas mãos. Os leitores reverenciam os escritores, mais que as casas editoriais, mais que a meia dúzia de livrarias que temos.

Os livros dos bons escritores não param nas prateleiras das livrarias nem nas prateleiras das bibliotecas. São lidos nas telas e baixados na rede. Os escritores são a alma do mercado. E podem, se quiserem, alterar definitivamente o cenário pelo qual passamos.

Eu acho que já estou me estendendo demais, então em outra oportunidade posso dizer como penso que o escritor poderia fazer isso, apesar de as casas editoriais brasileiras, livrarias e distribuidoras da cadeia produtiva do livro físico terem fechado as portas para ele.

O leitor

E, para terminar, existe outro personagem que também pode alterar o cenário corrosivo que nos cerca no mercado editorial de livros impressos, ele está lá na ponta: o leitor.

Eu não conheço nenhum bom leitor que tenha me indicado um livro ruim. A lógica é simples, ninguém indica um filme ruim, certo? Na verdade, às vezes, as pessoas com quem convivemos e confiamos até nos alertam sobre tal filme ser "legal" ou não. O mesmo ocorre com os livros [eletrônicos ou impressos]. Existe um processo entre os próprios leitores que é mais forte e maior que qualquer campanha de marketing televisivo em horário nobre [se é que isso ainda existe]. É o que os especialistas chamam de marketing viral [muito utilizado nas redes sociais], o famoso boca a boca. Se os escritores têm o poder de solicitar a leitura de um determinado livro e as pessoas ainda os ouvem, os levam a sério e os reverenciam, a coisa toma forma quando esses mesmos leitores passam a ideia adiante.

Então, que me desculpem os descolados, os entendidos deste minúsculo mercado editorial brasileiro: temos pouco mais que 500 editoras realmente em plena atividade, e o mercado emprega apenas perto de 30 mil profissionais [ou, no máximo, 150 mil pessoas de modo indireto, através de freelancers e terceirizados]. Mas eu só acredito em dois personagens para alterar o rumo de nossa história pública da leitura no Brasil: o ESCRITOR e o LEITOR. Todo o resto do mercado, apesar de não querer ou não saber, vive em função apenas desses personagens.

E eu não estou jogando a responsabilidade em cima do escritor e do leitor, apenas penso que a médio e curto prazo eles são os dois personagens principais do mercado editorial. O escritor porque ainda é um dos poucos agentes da cadeia produtiva do livro que ainda não perdeu o seu "semblante", como aconteceu com aquele antigo livreiro ou com aqueles que deveriam nos ensinar a escrever. E o leitor é o consumidor final, é quem compra, é quem consome, é quem indica [e quem lê e é quem dita, no final das contas, o rumo do mercado].

Então, se nós pudéssemos duplicar o número de leitores no Brasil, com a ajuda desse exército de leitores [online e desplugados], que são os verdadeiros formadores de opinião, talvez tivéssemos mais livrarias, mais bibliotecas cheias, mais livros sendo impressos, mais gráficas profissionais, mais profissionais trabalhando, e a roda espiral negativa se moveria para o outro lado, para o lado positivo, e aí teríamos uma roda espiral positiva, um novo círculo vicioso de escritores escrevendo, editoras publicando, livrarias vendendo, bibliotecas circulando.

"É uma grande utopia!", dirão alguns, mas quem pode responder são os escritores e os leitores. Quem sabe, aí sim nós poderíamos falar de um Governo justo e de viver uma nação soberana. Quem sabe, aí sim poderemos ser um grande país formado de leitores.

Glossário

A seguir apresentaremos os principais conceitos e termos técnicos para melhor entender os eBooks:

.DOC Contração para DOCument, doc é um formato de arquivo de texto que pode ser criado e lido com o MS Word ou o WordPad. Arquivos.doc, embora sejam compatíveis com o antigo SoftBook Reader (REB 1200), por exemplo, e também com softwares e e-readers mais modernos, têm um formato proprietário, por isso não são um tipo de formato especial para leitura de livros digitais. Mas certamente é 100% utilizado na produção de textos literários.

.PDB Acrônimo para Palm DataBase. Formato utilizado para prover eBooks em vários softwares readers. O formato .PDB se tornou popular quando começou a ser utilizado em softwares de leitura que rodavam sobre o sistema PalmOS (hoje WebOS), entre eles, o Qvadis Express ou o MobiPocket Reader.

.PRC O formato .PRC é semelhante ao .PDB. Começou a ser utilizado para eBooks quando a empresa Palm Digital Media lançou livros eletrônicos para dispositivos Palm através do software Palm Reader.

Adobe Digital Editions Antigo Glassbook Reader (e também Adobe Acrobat eBook Reader ou Adobe eBook Reader) é um programa desenvolvido especialmente para a leitura de livros eletrônicos que lê arquivos com extensão PDF. Distribuído gratuitamente na Web, com o software Adobe Digital Editions também pode-se ler arquivos

no formato HTML e é compatível com a especificação ePub através da plataforma Content Server (que até o fechamento da edição deste livro estava na sua versão 4).

Autor Escritor de obra artística, literária ou científica. Na Era Digital, certamente o principal agente da cadeia produtiva do livro.

Backup Em português quer dizer cópia de segurança. É o ato de copiar arquivos para prevenir-se de perdas em caso de falhas do sistema. Com as novas tecnologias de armazenamento de dados, já foi dito que o papel dura até dez vezes mais que os HDs (discos rígidos) e até mesmo que CDs ou DVDs (entre outras mídias de armazenamento). Desta maneira existe uma preocupação em manter mais duradouros os arquivos dos livros eletrônicos. Essa preocupação surgiu depois de estudos e que conduziram à seguinte conclusão: com o passar de dois mil anos, livros escritos em papel ainda se mantinham intactos. E arquivos eletrônicos criados dois anos atrás eram simplesmente inacessíveis.

Biblioteca Digital Website que dispõe de uma coleção pública ou privada de livros, documentos eletrônicos ou congêneres, organizada para estudo, leitura e consulta. Organizada por estantes virtuais (em ordem de autor, gênero ou obra) que guardam e/ou ordenam arquivos de documentos eletrônicos, onde os leitores de todo o mundo acessam e fazem download a partir de um único servidor ou de vários servidores interligados. No Brasil, os pioneiros são a eBooksBrasil.org, no ar desde meados de 1999 e a Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro. O eBookCult, alternativa de biblioteca digital, está no ar desde 2001.

BIT Acrônimo de BInary DigiT (dígito binário), bit é a menor unidade de informação em uma máquina. Um bit só pode ter uma informação 0 ou 1. Combinando vários bits consecutivamente, formam-se informações que podem ser manuseadas. A combinação consecutiva de 8 bits forma o byte.

Bookmark Ferramenta de um software reader que permite marcar um documento ou um lugar específico dele. Praticamente todos os readers de livros eletrônicos dispõem de um comando de bookmarks, ou marcadores de páginas, que permite guardar páginas nos eBooks para que se possa visitá-los com facilidade mais tarde.

BPS Abreviatura de Bits por Segundo. É a unidade de velocidade de transmissão de dados. Dependendo da velocidade de transmissão indicada pelos BPS, um livro

eletrônico pode demorar até 3 minutos aproximadamente para ser baixado para o micro (e, às vezes, até mais, dependendo do tamanho do arquivo do livro). M=mega (1.048.576) e K=kilo (1.024).

Browser Programa que permite acesso às páginas (ou Websites) e aos recursos da World Wide Web. Os browsers atualmente mais utilizados são MS Internet Explorer, Google Chrome e Mozilla; vêm acompanhados de outros programas para Internet, como o leitor de correio eletrônico. Se o leitor tiver o Adobe Reader instalado em sua máquina, por exemplo, ele pode acessar arquivos PDFs remotos através do browser. Alguns readers também servem de browser para acessar páginas da Web.

Busca avançada Basicamente, todas as bibliotecas digitais, livrarias virtuais e até mesmo os eBook Readers oferecem mecanismo de pesquisa para que o leitor ache num documento um trecho específico, uma frase ou uma palavra-chave. O software TK3 Reader, por exemplo (um software reader que foi desenvolvido com características multimídia para os chamados enhanced boooks), permite que o leitor digite uma palavra e encontre uma lista de todas as páginas do livro onde foram encontradas citações daquela palavra; o leitor escolhe a citação e clica, assim o reader o leva até a página referida.

Byte É a unidade de informação, quase sempre formada por 8 bits, embora haja variações entre 4 a 10 bits. Na maioria dos computadores é usado para representar caracteres como letras, números e símbolos tipográficos (no nosso caso, fontes latinas).

Ciberespaço Termo criado pelo autor William Gibson na obra "Neuromancer". Hoje, a palavra é correntemente usada para descrever o escopo de recursos e informações disponíveis na rede mundial de computadores, a Internet. O termo equivale à convergência de todas as mídias: áudio, vídeo, telefone, televisão, fibras ópticas, fios, satélites etc.

ClearType Antes do advento das novas tecnologias de LCD, a ClearType foi projetada para melhorar a legibilidade de eBooks em telas. A tecnologia estava baseada na chamada subpixel font rendering, que diz que cada pixel em telas de LCD é constituído de três subpixels: um vermelho, um verde e um azul (RGB). Em condições muito simples, esses subpixels permitem gerar detalhes melhores das fontes. Com isso as fontes aparecerem mais claras e mais encaracoladas. O MS Reader

já suportava esta tecnologia nas primeiras versões de devices portáteis como os Pocket PCs.

Código-fonte Instruções de um documento ou texto no seu formato original. O editor escreve o documento de um livro em uma determinada linguagem, como HTML, XHML ou ePub. A partir daí, o leitor poderá ter acesso às informações daquele documento através dos browsers [navegadores] ou dos readers.

CoolType Desenvolvida pela empresa Adobe Systems, a tecnologia CoolType foi projetada para melhorar o desempenho dos reading devices com telas LCD preparados para ler arquivos no formato PDF. É baseada nas mesmas características do ClearType.

Digital Um modo de armazenar voz, vídeo ou dados que consiste de um código binário [zeros e uns]. Transmissões digitais permitem maiores velocidades, melhor precisão e maior flexibilidade que a transmissão analógica.

Direito Autoral Direito exercido pelo autor ou por seus descendentes sobre suas obras [publicação, tradução, venda etc.]. No Brasil, o Direito Autoral é regido pela Lei 9.610/98 que diz após 70 anos da morte do autor, a obra passa a ser considerada de Domínio Público.

Download Processo através do qual o usuário transfere ou baixa arquivos [da Internet ou Web] para seu próprio computador. Para ler um livro eletrônico em um computador de mesa, de bolso ou em um e-reader, é necessário primeiramente copiá-lo ou baixá-lo para a máquina pelo processo de download. Alguns e-readers já permitem o download de livros eletrônicos diretamente de servidores dedicados; um exemplo é o Kindle da Amazon.

DRM Abreviatura de Digital Rights Management. Em português significa "Administração de Propriedade Digital" ou "Gerenciamento de Direitos Autorais". Trata-se de um sistema projetado para controlar, vender e gerenciar qualquer conteúdo digital. Um publicador pode utilizar um sistema de DRM para empacotar um eBook, de forma que este possa ser compartilhado na Web; mas cada leitor novo tem de pagar pela aquisição do livro. Entre as principais companhias que desenvolveram sistemas de DRM estão a MediaDNA, a SoftLock, a Digital Owl, o FileOpen e a ContentGuard.

eBook Contração de electronic Book ou livro eletrônico. Literatura trabalhada no formato digital, cujo conteúdo é publicado e acessado eletronicamente. Representa a versão digital de um livro em papel. Inclui hiperlinks e multimídia. É também sinônimo de dispositivos eletrônicos dedicados à leitura, os eBook Devices (atualmente chamados e-readers).

eBook Device Aparelho eletrônico doméstico preparado especialmente para receber, através da Web, livros, revistas e jornais no formato eletrônico. Entre os receptores pioneiros estão o Rocket eBook (REB 1100), o SoftBook Reader (REB 1200), o eBookMan (da empresa Franklin), o HieBook (Korea eBook), o CyBOOK (eBook francês), o MyFriend (eBook italiano), além dos HandHelds ou computadores de bolso (entre eles os PalmTops e os Pocket PCs). Entre os mais recentes estão o Kindle, o Nook, o ALEX Reader, o Sony Reader, o QUE ProReader, entre outros.

eBookStore Qualquer local na Web que hospeda e vende eBooks para download ou leitura direta. No Brasil, a eBookStore pioneira foi a iEditora, lançada nos anos 2000.

Edição independente Na Era do eBook é muito fácil para os autores desenvolver e colocar à disposição seus próprios livros na Web. Autores que pretendem publicar edições independentes devem primeiro escolher um formato (LIT, PDF, ePub etc.). O autor pode deixar disponível seu eBook numa Biblioteca Digital Pública, num Website pessoal ou distribuí-lo comercialmente numa eBookStore, ou loja virtual, através de um catálogo eletrônico.

Editor O responsável pela supervisão, preparação e publicação de textos numa publicação que abrange assuntos diversos ou assuntos específicos (jornal, revista, livro, obra de referência etc.).

ePublisher Companhia que só publica conteúdo no formato eletrônico: livros, jornais, revistas etc. Geralmente as ePublishers house, hoje também chamadas de agências, publicam autores que ainda não têm os seus livros em edições impressas. Uma vez que os eBooks têm vida própria, cada vez mais os autores estão escolhendo publicar suas obras eletronicamente. O sistema ePublisher está emergindo, de certo modo, de uma maneira paralela ou separada do modelo convencional de publicar livros, embora o processo de produção do livro em si seja igual.

Freeware Diferente de uma versão Demo (do inglês demonstration), freeware é urograma de computador que pode ser usado livremente por um período indetermi-

nado de tempo. Tendo até mesmo alguns direitos de suporte, sem quaisquer ônus. A maioria dos aplicativos readers é freeware. São softwares completos gratuitos que o leitor pode instalar em seus computadores ou HandHelds para ler livros eletrônicos. Alguns títulos eletrônicos, se comparados ao conceito de software, também entram na categoria de freeware quando disponibilizados gratuitamente na Internet.

GIF Abreviatura de Graphics Interchange Format. Em português, "formato de intercâmbio de elementos gráficos". É um formato gráfico usado para ilustrações e desenhos. Devido ao compacto tamanho dos arquivos, é usado nos documentos eletrônicos e também na Web. O formato GIF exibe imagens que tenham no máximo 256 cores, sendo o principal fator para a redução do seu tamanho. Livros eletrônicos suportam o formato GIF.

Hardware Conceito global que compreende um equipamento físico. Um computador de mesa, HandHeld ou PDA e eBooks Devices (ou e-readers) são hardwares.

Hiperlink Elemento em um documento eletrônico que o liga a outro trecho desse mesmo documento ou a outro diferente. Normalmente, o leitor clica num hiperlink para seguir um link. Os hiperlinks são o ingrediente mais essencial num sistema de hipertextos, incluindo a Web. Livros eletrônicos obviamente suportam hiperlinks (principalmente no formato ePub). E são base para os chamados enhanced books.

Hipertexto Documento eletrônico especial (páginas da Web ou de livros eletrônicos), no qual textos, imagens e arquivos de multimídia estão vinculados através de hiperlinks.

Home Page Página de apresentação ou página inicial de um Website.

HTML Abreviatura de HiperText Markup Language, que em português quer dizer "Linguagem de Marcação de Hipertexto". Usada para criar e formatar textos e documentos para serem lidos na Web, a linguagem HTML usa um código que define, para o navegador (browser), como deverá ser visto o texto na página. Com ele é possível determinar o tamanho, a cor e o formato da letra, locais de inserção de imagens, colocação de links para outros Websites, além de outros atributos. Arquivos HTML são lidos em qualquer browser (Internet Explorer, Opera, Mozilla Firefox, Chrome etc.). São compatíveis com a maioria dos reading devices ou receptores de livros eletrônicos como o Sony Reader, por exemplo.

Índice ou Sumário Lista detalhada de assuntos tratados numa publicação eletrônica. Tabela alfabética com nomes de títulos de capítulos ou partes de um documento ou livro que indicam sua localização no texto. Conjunto de indicações através de hiperlinks feito num livro eletrônico para facilitar-lhe o manuseio nos readers, permitindo a localização ou o registro do assunto desejado rapidamente. Em inglês, o termo é chamado de Table of Content.

Internet Rede composta por milhares de outras redes interconectadas mundialmente, abrangendo o mundo militar, acadêmico, governamental e empresarial. O projeto começou por uma iniciativa militar de comunicação, em 1969. É necessário que se diga que sem a Internet não haveria como existir os livros eletrônicos. Eles dependem de um computador que chamamos de servidor (que hospeda a biblioteca virtual ou as estantes de livrarias on-line) para que leitores do mundo todo possam acessá-los e buscar cópias dos arquivos desses livros. A Internet possibilitou uma oferta de livros nunca antes imaginada e oferece um conforto aos leitores ao alimentar suas máquinas a qualquer hora e em qualquer lugar.

ISBN Sigla de International Standard Book Number. Número padrão de 10 ou 13 dígitos, que identifica internacionalmente um livro. Os livros eletrônicos possuem ISBN próprio, conhecido como e-ISBN.

KB Acrônimo de Kilobyte. Unidade de memória de computador equivalente a 1.024 bytes.

KBPS Acrônimo de kilobytes por segundo.

Leitor Pessoa que lê os livros.

LIT Contração de LITeratura, LIT é o formato de livro eletrônico lido no MS Reader, software de leitura de eBooks da Microsoft Corp. Livros eletrônicos no formato LIT são compatíveis com ePub (padrão baseado em XML desenvolvido originalmente pelo Open eBook Forum).

Livro eletrônico Qualquer livro formatado para ser lido nos computadores de mesa, de bolso ou ainda em e-readers. Pode ser também uma versão eletrônica de um livro antes só existente em papel.

Livro Obra literária, científica ou artística que compõe, em regra, um volume. Publicação não periódica.

MB Acrônimo de Megabyte. Múltiplos do bit, a menor quantidade de informação possível. Um megabyte equivale a 1.048.576 bits. Para facilitar, costuma-se arredondar esse número para um milhão. Normalmente, megabyte é utilizado na indicação da velocidade de transferência de documentos eletrônicos: 100 MBPS (megabytes por segundo).

MBPS Acrônimo de megabyte por segundo.

Megabyte Quantidade de informação correspondente a um milhão de bytes. Esse múltiplo do byte é usado com frequência para indicar tamanhos de arquivo ou de memória e capacidades de armazenamento de documentos eletrônicos em disco. Os próximos múltiplos na mesma escala crescente são o gigabyte (GB), ou 1.024 megabytes; e o terabyte (TB), igual a 1.024 gigabytes.

Metadata Informação técnica que acompanha o conteúdo dos eBooks e que identifica especificamente como serão organizadas e apresentadas as informações nos readers e e-readers. Exemplo de metadados: título, escritor, autor, índice ou sumário, ISBN etc.

MS Reader Software desenvolvido pela empresa americana Microsoft Corp. para melhorar a leitura de eBooks. O software é distribuído gratuitamente na Web e está disponível também para computadores pessoais que rodam no sistema operacional Windows Mobile. O MS Reader trabalha com arquivos *.LIT.

Multimídia Apresentações de informações e conteúdo usando vários recursos ou várias mídias (gráficos, som, animação e texto). Alguns eBooks Devices, como o HieBook, por exemplo, já utilizavam recursos multimídia. A tecnologia PDF também permite a visualização de documentos eletrônicos utilizando-se desses recursos. O tablet iPad também é rico em funcções multimídia para livros em formato eletrônicos, também chamados de enhanced books.

OCR Abreviatura de Optical Character Recognition; em português, "Reconhecimento Óptico de Caracteres". Processo que converte, em textos, tabelas de imagens escaneadas. Softwares de reconhecimento de caracteres trabalham em conjunto com scanners e também com faxes. Um documento no formato papel, após ser

escaneado e ter uma cópia de sua imagem capturada, pode ser convertido em texto eletrônico para novamente ser rediagramado ou revisado em processadores de textos, e então liberados para os readers.

OeB ou ePub OeB é a contração de Open eBook. Especificação de formato de padrão aberto, portanto de Domínio Público. Essa especificação para eBooks arquiva a estrutura do conteúdo digital (capa, corpo de texto, notas, índices etc.) em um único pacote cujo formato é baseado em HTML e XML. Criado sob a emergente indústria de livros eletrônicos com o intuito de que não houvesse vários formatos incompatíveis de livros digitais no mercado. Deste modo, qualquer reader poderia ler um livro formatado com este padrão. A OeB normalmente recorre a Open eBook Publication Structure, a primeira especificação desenvolvida pela OEBF (Open eBook Forum). E ePub é a contração para electronic Publication.

Open eBook Forum Consórcio pioneiro formado para criar, promover e manter o padrão dos livros eletrônicos. O grupo era formado pelas maiores casas publicadoras de eBooks, contava com fabricantes de software e hardware. A principal realização do grupo foi ter publicado a especificação "Open eBook Publication Structure", que deu origem ao formato padrão ePub. Hoje, este trabalho todo de tentar difundir um padrão de formato para os livros eletrônicos é feito pela IDPF (Internacional Digital Publishing Forum).

Palm Aparelho portátil que funcionava como um PDA, agenda eletrônica, e possuía funções mais avançadas, como leitura de e-mail, impressão de documentos e reader para leitura de eBooks (entre eles, Palm Reader, Qvadis Express, AportisDoc, TealDoc e o MobiPocket). O Palm chegou a ter uma base instalada de 10 milhões de usuários e foi uma plataforma promissora para a difusão dos eBooks. Desenvolvido pela PalmOne, era controlado pelo sistema operacional PalmOS (atual WebOS). Podia ser acionado com uma "caneta" de plástico que iniciava os aplicativos na tela *touch screen* (as primeiras a serem utilizadas no mercado). Através de um modem específico, o Palm também acessava a Internet e fazia o download de documentos eletrônicos, direto dos servidores. Alguns modelos chegaram a ter acesso sem fio. Atualmente (depois do advento do BlackBerry e do iPhone), a empresa PalmOne passa por um processo de reformulação após ser adquirida pela HP.

Papel eletrônico A responsável por esta tecnologia, a empresa E Ink Corp., colocou à disposição no mercado um dispositivo cujo conteúdo pode ser visualizado

em uma espécie de plástico, em que a exibição dos caracteres possibilita 100% da reutilização deste material.

PC Abreviatura de Personal Computer. Em português, "Computador Pessoal". Expressão surgida a partir do final da década de 1970 e usada até hoje nos computadores de mesa (de uso doméstico ou de escritórios) que rodam sob o sistema operacional Windows da empresa Microsoft Corp. ou mesmo Linux.

PDA Abreviatura de Personal Digital Assistant. Em português, "assistente particular digital". Todos os PalmTops, HandHelds, Pocket PCs, BlackBerry e iPhone entram na categoria de PDA. São computadores portáteis equipados com funções de eBooks, calculadora, agenda eletrônica, organizador pessoal, envio de faxes, e-mails, sendo que os mais modernos se conectam à Web. A maioria dos PDAs funciona como um notebook, com a vantagem de serem menores, mais leves e mais baratos. A característica principal é que um PDA dispõe de um disco rígido e usa sistema operacional especial para portáteis. Entre os pioneiros estão o Palm Pilot, Handspring Visor, Royal Da Vinci, Jornada e Cassiopeia.

PDF Portable Document Format. Em português, "Documento em Formato Portátil". Tecnologia universal e, portanto, independente de plataforma, desenvolvida pela empresa Adobe Systems; PDF é um formato baseado em arquivos de linguagem postscritpt. Livros eletrônicos neste formato são muito semelhantes ou muito próximos a um livro em papel, em termos de diagramação. Bastante popular, possui certamente a maior base instalada de documentos e livros eletrônicos no mundo: cerca de 200 milhões de usuários. Arquivos PDF podem ser lidos com o Adobe Reader, Adobe eBook Reader (antigo GlassBook Reader), Adobe Digital Editions, entre outros aplicativos desenvolvido por iniciativas independentes.

Plug-in Programas de apoio que ajudam os browsers a executar algumas tarefas extras. Alguns aplicativos ou softwares utilizam-se de plug-ins para realizar certos comandos ou tarefas, como proteger conteúdos. O Adobe Reader possui um plug-in que permite ao leitor ler arquivos no formato PDF a partir dos browsers. De outro modo, existe um plug-in que se instala no Word, a partir do qual o usuário pode fazer seus próprios eBooks no formato LIT.

Pocket PC Antigos computadores de bolso que rodavam sob o sistema operacional da empresa americana Microsoft Corp. Esses computadores de bolso foram

muito parecidos com os Palms e estiveram dentro da categoria de HandHeld ou PDA. Auxiliados com readers como o MobiPocket Reader ou o MS Reader, ainda hoje são ótimos receptores de livros digitais. Entre os fabricantes dos aparelhos estão a Cassio, a Compaq, a HP, entre outros.

Reader Software desenvolvido especialmente para leitura de conteúdos eletrônicos (jornais, revistas e livros). Estes softwares podem ser baixados da Web e instalados nos PCs ou PDAs. Alguns readers já vêm instalados em e-readers (aparelhos dedicados à leitura). Os readers são muito parecidos com os browsers; eles têm mecanismos que auxiliam na leitura (marcadores de texto, dicionário, busca por palavra, hipertexto). Entre os Readers mais populares da Web estão o Adobe Digital Editions (para livros eletrônicos no formato PDF), o MobiPocket (para receptores HandHelds) e o MS Reader (para leitura de eBooks no formato LIT para Pocket PCs e computadores de mesa). Os mais recentes permitem a leitura em outros devices portáteis como iPad e iPhone.

Reading Device Em português, reading device quer dizer "dispositivo de leitura" ou "e-reader dedicado". É o hardware que o usuário usa para ler os eBooks. Entre os dispositivos de leitura pioneiros estão o Rocket eBook (ReB 1100) e o SoftBook Reader (ReB 1200), ou mesmo os PalmTops ou Pocket PCs. Alguns não chegaram a ser lançados no mercado: goReader, CyBOOK (o Cytale francês), HieBook (Korea eBook), MyFriend (o eBook italiano), Qubit, WebPad (aparelhos ou tablets que exibem eBooks carregados via telefone ou Web).Alguns, no entanto, se tornaram muito populares, como o caso do Sony Reader e do Kindle. Não existe nenhum e-reader genuinamente brasileiro. Tanto o cool-er quanto o Positivo Alfa tem sua origem lá fora e foram importados.

Reflow Termo geralmente usado para descrever o modo como um conteúdo de um livro digital se ajusta à página na tela. Dispositivos de leitura ou softwares que suportam reflow permitem que o leitor possa ajustar o tamanho e o tipo de fonte a ser visto na tela, segundo a sua própria preferência. O formato PDF, por exemplo, que é um formato WYSIWYG — não permite que o leitor possa customizar seu livro na tela. Somente formatos que utilizam linguagem de marcação como HTM, HTML, XML, XHTML, OeB, LIT ou ePub permitem o reflow em páginas independentes do tamanho da tela do receptor onde estiver lendo ou da tipologia usada no texto digital em si.

Resolução Número de pixels usados para capturar ou exibir uma imagem. A resolução VGA padrão é de 640 pixels na horizontal e 480 na vertical. O SuperVGA (SVGA) trabalha com valores de 800x600 e 1024x768. Há quem chame de SSVGA as resoluções acima de SVGA, como 1600x1200. Quanto maiores os números, maiores os detalhes da imagem.

RGB Sigla para Red, Green e Blue. O RGB é um modelo de cores baseado nessas três tonalidades básicas e utilizado como padrão nos monitores de vídeo. Tecnologias como o ClearType tentaram utilizar as combinações de cores para definir melhor as imagens e textos na tela de computadores de bolso que utilizavam MS Reader.

Rocket eBook Desenvolvido pela NuvoMedia Inc. (mais tarde subsidiária da Gemstar), o Rocket eBook foi o e-reader da primeira geração mais popular na Internet. Pesava 22 (oz), tinha o tamanho de um livro em papel: 5 " x 7½ " x 1½, (cerca de 3x4.5 polegadas).
O Rocket eBook tinha uma bateria recarregável que durava, em média, 30 horas. Uma tela LCD sensível ao toque com resolução de aproximadamente 106 DPI's, e podia suportar até 12 livros inteiros. O Rocket eBook teve sua 2ª geração lançada após a Gemstar ter sido adquirida pela RCA. O novo Rocket eBook teve algumas modificações e passou a ser chamado ReB 1100 e GeB. Infelizmente, não é mais comercializado.

RocketEdition Qualquer livro eletrônico formatado para ser lido no Rocket eBook, no eRocket, ReB 1100 ou GeB. Publicadores (ePublishers) convertem seus documentos eletrônicos em .doc (MS Word), TXT ou HTML em RocketEdition para serem distribuídos na Web para os leitores que possuem um Rocket eBook ou que tenham o eRocket instalado em seu computador. O software Rocket Library, por exemplo, possuía um plug-in especial chamado RocketWriter, que o leitor usava para converter suas próprias RocketEditions não criptografadas (edições abertas).

RTF Abreviatura de Rich Text Format, que em português quer dizer "Texto em Formato Rico". RTF é um arquivo de texto puro (baseado em ASCII) considerado um dos formatos universais (não proprietário) e que pode ser aberto em qualquer processador de texto como o WordPad, por exemplo. Pode também ser aberto nos computadores MAC ou PC, sendo, portanto, um formato de múltiplas plataformas. RTF é um dos formatos de eBook usados por muitos ePublishers independentes. Por esse motivo é que em alguns Websites é possível encontrar livros digitais neste

formato ou eBooks produzidos a partir dele. O formato, no entanto, não possui um reader especial, geralmente ele pode ser lido no próprio processador de texto.

Scanner Dispositivo usado para a transformação de sinais analógicos que constituem uma imagem física qualquer em um mapa de bits. Um livro no formato papel pode ser escaneado. Após o scanner, usa-se o processo de OCR para "extrair" o texto da imagem escaneada. A partir daí, o texto estará pronto para ser novamente diagramado para o formato eletrônico.

Search Engine Também chamado de "máquina ou robô de busca", Search Engine é o mecanismo ou ferramenta interna de browsers ou reader utilizado para fazer busca e pesquisa de palavras-chaves, trechos de textos ou documentos específicos em páginas da Web ou em páginas de livros eletrônicos.

Servidor Computador ou equipamento em uma rede que gerencia recursos. Os servidores para eBooks são sempre dedicados, o que significa que eles não executam outras tarefas além daquelas para as quais estão preparados. Em um sistema de operações multiprocessadas, porém, um simples computador pode executar diversos programas ao mesmo tempo. Um servidor, neste caso, pode se referir ao programa que gerencia os recursos mais que ao computador em si. Dezenas de servidores no mundo todo armazenam milhares de livros no formato eletrônico, para que estes sejam acessados através da Web. Atualmente, os maiores servidores de livros eletrônicos são os da Adobe, Amazon, Google, Barnes & Noble e Projeto Gutenberg.

Site Palavra em inglês que significa local, lugar. Na Internet, designa um conjunto de páginas que representa uma pessoa, instituição ou empresa na rede. O termo "home page" é usado para a página principal de um Website. Dezenas de Websites oferecem serviços relacionados à cultura, literatura e livros.

Software Programa de computador. Qualquer conjunto de instruções que controle a operação de um computador. Sinônimo de aplicativo. Todo o hardware necessita de um software. Sem um aplicativo de leitura, um hardware não absorve o conteúdo. Em alguns e-reader, o sistema operacional se confunde com o aplicativo de leitura.

Subpixel font rendering Conceito tecnológico projetado para melhorar a legibilidade dos eBooks em alguns dispositivos de leitura que utilizam telas LCD. A

tecnologia está baseada no fato de que cada pixel nas telas de LCD é parte de três pixels substitutos: um vermelho, um verde e um azul (RGB). Em condições muito simples, esses subpixels permitem gerar detalhes melhores das fontes, "alisando" as suas extremidades para parecerem mais claras e mais definidas na tela. O MS Reader vinha com a tecnologia ClearType, que permite essa legibilidade nos livros de formato LIT, enquanto livros no formato PDF podiam ser melhorados com a tecnologia CoolType.

Texto Conjunto de palavras escritas ou digitadas. Obra escrita considerada na sua redação original e autêntica (por oposição a sumário ou índice, tradução, notas, comentários etc.). Página ou fragmento de obra característica de um autor (corpo de texto). Qualquer texto destinado a ser lido.

Título Designação que se coloca no começo de um livro, capítulo, artigo etc., e que geralmente indica o assunto. Também sinônimo de livro.

TXT Formato padrão de textos, baseado em ASCII.

URL Sigla de Uniform Resource Locator; em português "localizador universal de recursos". Padrão usado para designar os endereços das páginas Web.

WWW Abreviatura de World Wide Web, que em português quer dizer "teia do tamanho do mundo". A Web é um sinônimo de Internet, mas é, na verdade, um dos serviços da grande rede interligada. A Web é um acervo universal de páginas interligadas por vínculos (links), as quais fornecem aos usuários informações de um completo banco de dados multimídia, utilizando a Internet como mecanismo de transporte. A base para a WWW é a hipermídia, uma combinação de textos, imagens gráficas, sons, animações e vídeo. A Web é a grande responsável pela revolução dos eBooks.

XML Abreviatura de eXtensible Markup Language. Em português, "Linguagem de Marcação Extensiva". Trata-se de uma linguagem universal não patenteada que define apenas a estrutura e seu conteúdo, deixando a parte da apresentação para outros padrões. Assim, um mesmo documento XML pode ser visto em diferentes plataformas (PCs, celulares, TV Digital), já que cada uma delas usa sua própria linguagem para a apresentação. A OeB, ou ePub, especificação padrão dos eBooks, tem toda sua base sob a XML.

Sobre o autor

EDNEI PROCÓPIO é membro da Comissão do Livro Digital da Câmara Brasileira do Livro [CBL] e, há mais de dez anos, especialista em livros eletrônicos. Ministra cursos com o tema "O Livro na Era Digital" na Escola do Livro e na Escola do Escritor.

É editor e sócio-fundador da **Giz Editorial** [www.gizeditorial.com.br], selo paulistano que publicou mais de 180 títulos [em versão impressa sob demanda, eletrônica e em audiobook], em apenas cinco anos de vida.

De 2000 até 2005, Ednei Procópio colaborou, também como editor, com a equipe da **iEditora**, empresa pioneira na publicação de livros eletrônicos na América Latina, e com a **Edições Inteligentes**, editora especializada em Self Publishing.

Em 2001, Procópio fundou o Website **eBookCult** [www.ebookcult.com.br], cuja biblioteca digital contabilizou somente nos primeiros três anos mais de 5 milhões de downloads de livros eletrônicos [auditorados]; e também o único site desde então a figurar no topo da busca do Google internacional, com a palavra-chave "eBook".

O eBookCult Digital Solutions, mais tarde, seria a primeira empresa na América do Sul a comercializar um e-reader [modelos ETI-1

e ETI-2], com o conceito de Biblioteca Digital Portátil criado e desenvolvido por Procópio.

Desde 1998, Ednei Procópio escreve textos e artigos sobre os livros eletrônicos em sites — criados por ele — como o **eBookzine**, **eBook Business** e **eBook Reader** [http://www.ebookreader.com.br], cujos textos deram origem a este livro. Procópio também colabora com textos para a Agência de Notícias Brasil Que Lê.

Em 2005, publicou o livro *Construindo uma Biblioteca Digital*.

Atualmente, Ednei Procópio está empenhado no desenvolvimento de uma plataforma de livros e leitura chamada **LIVRUS** [www.livrus.com.br], que é baseada no conceito Web 2.0 de criação alternativa, colaboração, compartilhamento e convergência cultural.

Contato com o autor: ednei@gizeditorial.com.br

Indique este livro para um amigo!
Saiba como em www.livrus.com.br

Esta obra foi composta em fonte Electra LT Std 11,5/14,4
e impressa em papel Cartão Supremo 250 g/m2 [capa]
e em papel Alta Alvura 75 g/m2 [miolo].

As emergentes mídias digitais estão influenciando diretamente no concorrido tempo dos consumidores modernos e transformando o hábito da leitura em todo o mundo.

O texto não é mais lido apenas sob a forma impressa em papel. O texto também está onipresente em uma miríade de suportes suspensos e em uma diversidade de aparelhos tecnológicos, móveis e de comunicação.

Uma série de meios, como o Kindle da Amazon, o iPhone e iPad da Apple, o Nook da Barnes and Noble, o Google Books, entre outros canais ou plataformas, promete transformar definitivamente a realidade dos livros através de uma convergência digital e cultural sem precedentes.

É o que busca demonstrar Ednei Procópio nesta sua obra, O LIVRO NA ERA DIGITAL.

ISBN 978-85-7855-103-2

9 788578 551032